

Branco e Negro



EM QUARTA FEIRA DE CINZAS

PREÇO 40 REIS

N.º 49

REPRODUÇÕES

DE
Pianos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Lesenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell , etc.
Illustrações de toaa
a classe de obras.
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço ; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos ; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproducções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º ; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

METRONOMOS «ECLAIR»

A ultima novidade musical

O uso do Metronomo, tão interessante para o estudo de qualquer obra musical, tem sido relativamente restricto, em causa do seu preço e da complicação do seu machinismo, que a cada momento se deteriora, pondo o aparelho fóra de serviço. No **Metronomo «Eclair»** não ha machinismo, as oscillações são mathematicamente exactas, o que raras vezes se dá nos antigos, e além d'isso é absolutamente silencioso, portatil, elegante e barato.

Preços dos diferentes modelos.

Cobre bronzeado.....	1\$500 réis	Nickel.....	2\$500 réis
Cobre polido.....	2\$000 "	Electro.....	3\$000 "

Estojes forrados de velludo e setim, proprios para offerecer os metronomos como brinde, réis 1\$200

UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 49

LISBOA, 7 DE MARÇO DE 1897

1.º ANNO

A Penitenciaria Central de Lisboa



FACHADA

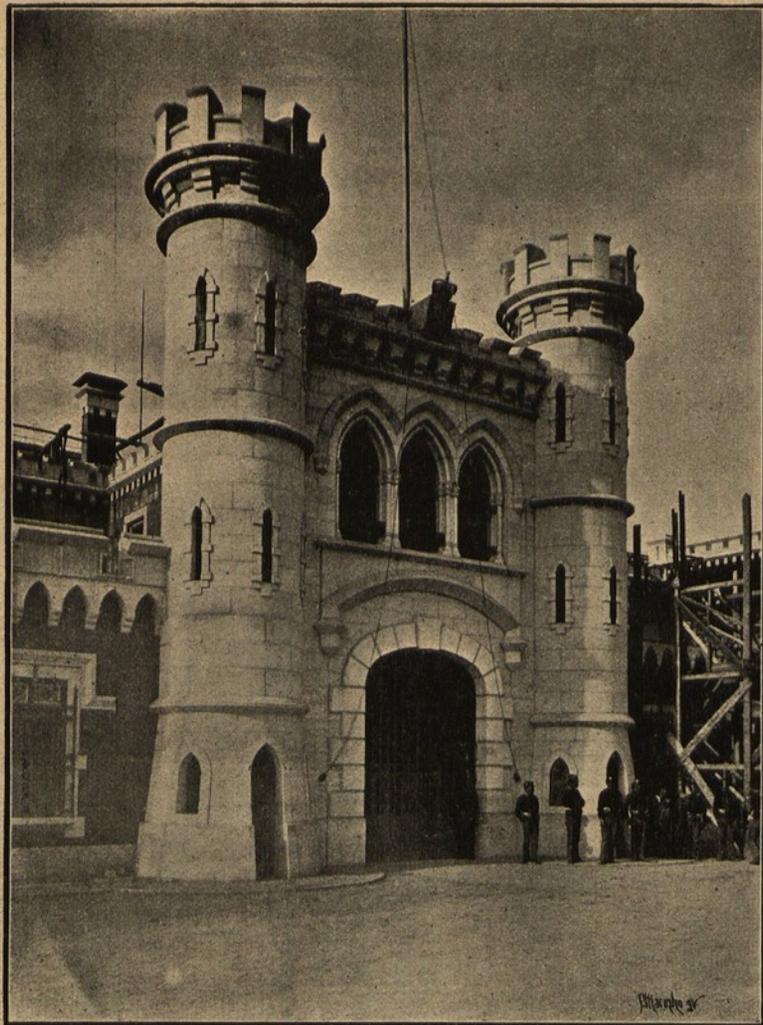
Historia:—Quando por toda a parte do velho e novo mundo o direito penal estava passando por uma grande evolução, aqui, n'este extremo occidental da Europa, onde tarde chega o reflexo das grandes reformas que se operam no mundo civilizado, estavamos ainda sob o regimen d'uma legislação por todos condemnada.

E' verdade que o código penal de 1852 viera substituir o obsoleto livro 5.º das Ordenações Filippinas, que vigoraram por mais de dois seculos e meio. Mas aquelle código, posto que fosse já um passo avantajado no caminho do aperfeiçoamento das nossas constituições penaes, estava longe de corresponder aos principios da philosophia do direito de punir, e ás exigencias da moderna vida social.

A necessidade da sua reforma foi reconhecida logo após a sua decretação, como o mostrou a nomeação de comissões incumbidas d'esse encargo, feito em 3 de junho de 1853, 30 de dezembro de 1857 e 10 de março de 1858.

A pena de morte com todo o seu cortejo de horrores lá estava ainda a espancar a luz da civilização, que ia espargindo os seus raios beneficos por outras nações.

Lá existiam as penas perpetuas a negarem a regeneração do criminoso, que deve ser a aspiração elevada do systema penal; e as cadeias continuavam na mais flagrante opposição ao disposto no § 20 do artigo 145.º da nossa constituição politica.



UMA PARTE DA FACHADA

das obras publicas, pedindo-lhe se dignasse encarregar a um engenheiro o levantamento da planta e feitura dos orçamentos relativos áquella obra.

Em 25 de outubro d'esse anno de 1864, pelo ministerio das obras publicas foi nomeado o engenheiro Joaquim Julio Pereira de Carvalho para fazer o projecto e orçamento da cadeia penitenciaria.

Para escolher o systema de prisão penitenciaria mais conveniente para adoptar em Portugal, foi por decreto de 17 de novembro, ainda d'esse anno, nomeada uma comissão, composta dos conselheiros Alberto Antonio de Moraes Carvalho, Martens Ferrão e Guilherme Abranches, e dos doutores José Maria Forjaz, Ferreira de Lima, Levy Maria Jordão, Ayres de Gouveia e Henrique O'Neill, e do engenheiro Joaquim Julio Pereira de Carvalho.

Esta comissão nenhuns trabalhos apresentou.

Sendo ministro da justiça em 1867 o sr. Barjona de Freitas apresentou uma proposta de lei abolindo a pena de morte nos crimes civis e alterando o regimen penal.

Esta proposta foi convertida na lei de 1 de julho de 1867, que estabeleceu entre nós o systema penitenciario.

Sendo demittido em 4 de fevereiro de 1868 o ministerio de que fazia parte o sr. Barjona, aquella lei continuou a ser letra morta na parte em que decretava o

Entretanto nem o projecto de lei apresentado pelo ministro da justiça Martens Ferrão em 1860, nem o projecto d'um novo codigo penal devido ao trabalho da commissão nomeada em 1858, e apresentado em 20 de outubro de 1861, e outras tentativas lograram introduzir na nossa legislação penal as reformas necessarias.

O systema penitenciario estava em execução em quasi toda a parte; nós aqui apenas nos limitavamos a discutir nas escolas qual dos dois systemas predominantes nos Estados Unidos da America era preferivel; se o de Auburn, se o da Philadelphia.

Aquelle estado não podia, não devia continuar. A reforma do nosso systema prisional impunha-se inadiavelmente á consideração de todos.

Por decreto de 7 de julho de 1864 foi nomeada uma comissão composta do conselheiro Guilherme da Silva Abranches, do dr. João José de Simas, e do engenheiro Joaquim Julio Pereira de Carvalho, para indicar, nos suburbios de Lisboa, o local mais apropriado para se estabelecer uma casa central penitenciaria, *onde podesse tornar-se effectiva, segundo a intenção das leis criminaes, a pena de prisão nos casos em que ellas a mandassem applicar, procurando que ella seja verdadeiramente moralisadora e efficaç para a emenda e correção dos criminosos.*

Esta comissão, no desempenho d'aquelle encargo, apresentou o seu parecer logo a 3 d'agosto seguinte, indicando as Terras do Seabra, no sitio de Campolide, como o local mais conveniente para a edificação d'uma penitenciaria.

O ministro da justiça de então, Gaspar Pereira da Silva, approvando aquelle parecer, deu-se pressa em o enviar ao seu collega



PATEO

regimen penitenciario. Em 1872 occupava novamente a pasta da justiça aquelle distincto estadista, a quem cabe a gloria não só de decretar o estabelecimento d'aquelle systema prisional no nosso paiz, mas de o fazer executar.

A instancias suas fez-se o primeiro projecto e orçamento, embora incompleto, para a Penitenciaria de Lisboa, apresentado em 19 de feveiro de 1873 pelo engenheiro Luiz Victor Lecocq, director das Obras Publicas d'este districto.

Em 24 de abril d'esse anno publicou-se a lei que auctorisou o governo a mandar construir uma cadeia geral penitenciaria no districto da relação de Lisboa, e a levantar, por meio de emprestimo, a somma necessaria para aquella obra.

Feitas as indispensaveis expropriações principiaram os trabalhos de construcção do edificio da Penitenciaria em 4 de novembro de 1873.

Reconhecendo-se que aquella obra, pela sua natureza e importancia, demandava a direcção d'um engenheiro que só d'ella fosse incumbido, e que tivesse conhecimentos especiaes de construcções d'aquella ordem, o ministerio da justiça incumbiu o distincto e mallogrado engenheiro Ricardo Julio Ferraz de ir á Inglaterra e á Belgica visitar as penitenciarias.

Regressando a 29 de outubro d'esse anno de 1873 foi elle encarregado de dirigir as obras da Penitenciaria de



GABINETE DO DR. JERONYMO PIMENTEL, director da Penitenciaria

Lisboa, e de apresentar o seu projecto definitivo. Assim o fez em 7 de novembro de 1874, tendo n'elle attendido aos melhoramentos ultimamente introduzidos n'esta ordem de construcções.

As penitenciarias de Pentonville, na Inglaterra, e de Louvain, na Belgica, serviram principalmente de modelo para a construcção da de Lisboa.

Proseguiram as obras com grande desenvolvimento sob a intelligente direcção do engenheiro Ferraz até 30 de abril de 1877, em que lhe foi concedida a exoneração que pediu, passando então a superintendencia das obras para o director das obras publicas do districto.

Passando por cima da narração das circumstancias que se deram n'essa epocha, e de que tomou conta a politica, diremos apenas que as obras proseguiram até 1884, julgando então o edificio em condições de poder servir para o fim a que era destinado.

Pela lei de 28 de maio d'esse anno foi o governo auctorisado a nomear o pessoal necessario para aquelle estabelecimento penal, e pelo decreto de 20 de novembro promulgou-se o seu regulamento provisório.

Organizados os diversos serviços, e adquiridos os objectos necessarios para a abertura da cadeia, realisou-se esta no dia 2 de setembro de 1885, em que deram ali ingresso os primeiros presos.

Faltavam ainda algumas obras, como era principalmente a parte central exterior do edificio. Essa está-se concluindo agora.

Nos quatro mezes de 1885, entraram apenas 89 presos, e até hoje, 19 de feveiro, teem sido admittidos 1843, sendo de 537 a sua existencia actual.»

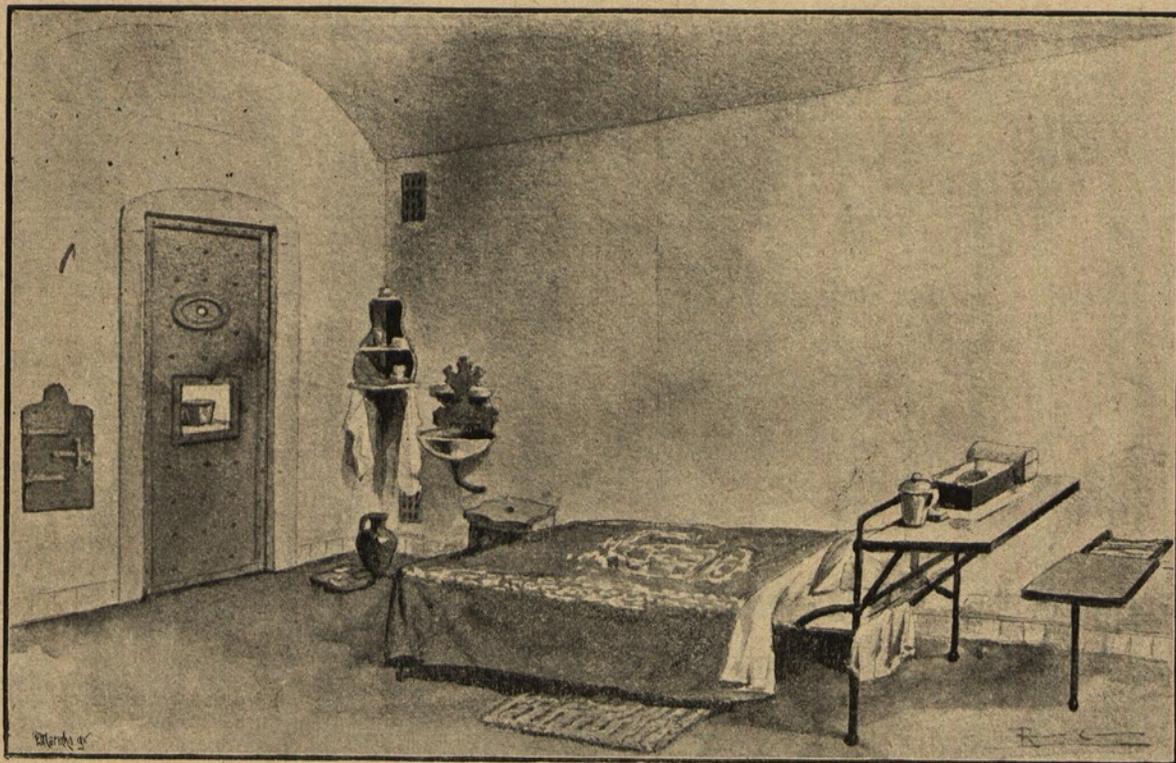
Eis textualmente como acquiescendo com amabilidade a um pedido nosso, o digno director da Penitenciaría Conselheiro Jeronymo Pimentel, nos fez a sua historia.

A prisão e os presos

O aspecto exterior da cadeia como que aligeira e disfarça a ideia de castigo que a gerou. Apercebida de Valle de Pereiro, entre dois morrositos verdes—p'ra lá do muro da estrada da circumvalação— todo o edificio se estende entre paredes ameadas, e simulacros de guaritas de revelins, pintadas de chocolate e avivadas a branco. Com seu ar de quinta de brasileiro, quando o sol a envolve, ninguém, desprevenido, irá dizer que agonisam ali 500 ce-rebros.

Perto, o aspecto entra de se carregar um pouco, mercê das grades que lhe protegem as janellas baixas. Vem-lhe portanto a solemnidade das grades e da guarda, sem comtudo ainda nada resumir da caraça de phantasia da fachada.

Atravessada a abobada de entrada e o pateo interior, um corredor se segue, ladeado por aberturas de cellas, todo caiado, e fazendo contrastar a brancura faiscante que lhe irradia das paredes com o fundo negro e tenebroso onde para um preso recémvido e labostre, deve existir o mysterio do seu castigo, e onde entra de suppôr



UMA CELLA

martyrios tetricos: o corpo na bainha d uma cella, mezes a fio sem luz e sem ter leito, agua pela cinta na onguira das noites frias, o remorso com garras, cantochões, a doidice, a morte!

E' o primeiro passo do condemnado esse corredor, assim que sahe do carro cellular. Entrado n'um dos compartimentos lateraes, rapa-se-lhe o craneo e a face, e sem cabelo e sem barba, entre guardas, fecha-se sobre elle a porta ao fundo, que só se lhe tornará a abrir annos depois, quando a prisão tiver sortido os seus Moraes effeitos, prisão ao que parece arbitrada para sua regeneração, mas arbitrada d'accordo com o episodio que lhe motivou o sequestro.

Na rouparia recebe então o preso o enxoval: sua roupa de cama, fato, e o capuz com que ha-de sempre que saia da cella esconder o feitio á cabeça.

Segue-se um banho e é finalmente o criminoso internado na cella respectiva, já vestido com o seu fato de penitenciario, o numero bem evidente ao peito, a cara bem escondida sob o capuz.

O homem a regenerar passa a ser um numero, o cerebro a fazer evolucionar passa a esconder-se.

*

Estão as cellas dispostas em seis alas irradiando d'uma parte central — *observatorio* — e em tres pavimentos; as alas são denominados com a designação das 6 primeiras letras do alphabeto.

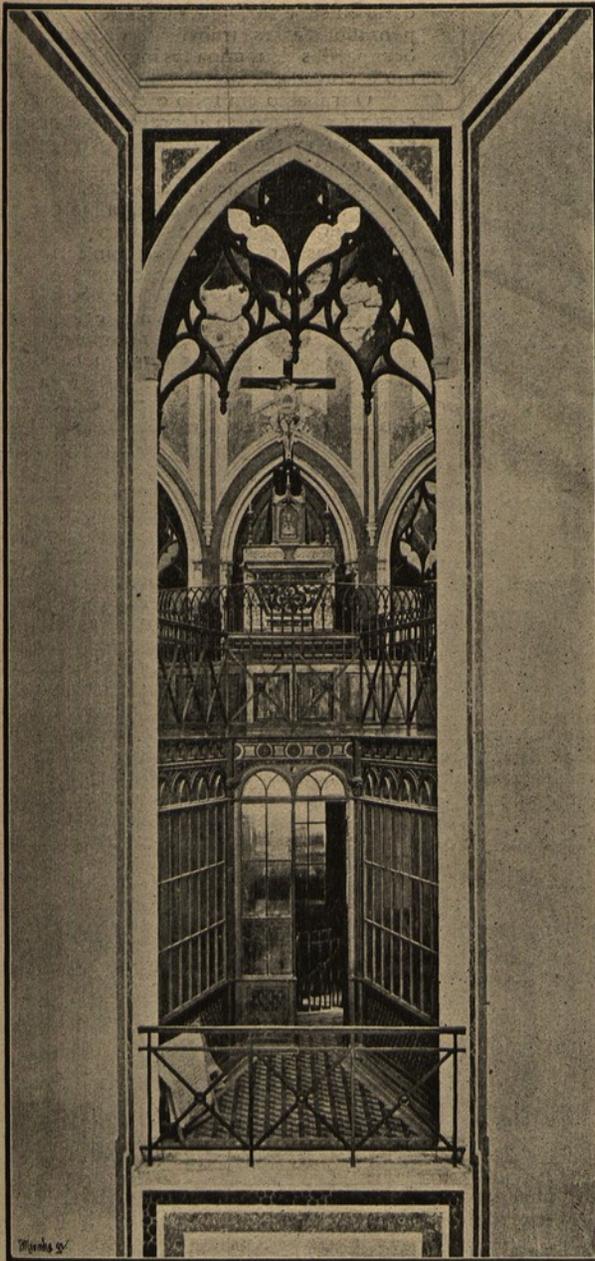
Em cada uma das alas correm lateralmente as cellas e em correspondencia com os tres andares da parte central.

A disposição descripta está claramente marcada na figura junta.

O numero total de cellas é de 756.

A distribuição cellular é marcada exteriormente nas paredes de cada uma das alas pelas estreitas janellas que a perfuram com sua espessa barra horisontal, abertura feita na parte superior de cada cella.

Ainda com vista para esse observatorio central e no intervallo de cada uma das alas ha, com muito menos profundidade que a das alas, os chamados amphitheatros, d'onde nas respectivas *stales* ou cubiculos, os presos assistem á missa ou ás aulas. Esses amphitheatros são todos um machinismo artoeiro e simples de mirarem o mesmo ponto 8o ou 9o creaturas sem mutuamente se verem — series de guaritas alinhadas com entrada anterior ou posterior e uma abertura á altura da cabeça, guaritas para onde a um e um os presos se dirigem e onde só depois de estarem encerrados e fechados podem tirar o capuz e descobrirem-se A' missa é claro assiste-se correntemente em silencio. Quando porem nas aulas, alguma duvida o ensinado tenha, e como haja expressa prohibição de falar, na madeira do cubiculo; o mestre de seguida tomará nota do numero do manifestante e a explicação será depois feita na sua cella.



A parte central d'onde as cellas irradiam vista pela abertura intervallar dando para um dos amphitheatros.
E' o que cada um dos presos do amphitheatro d'onde a photographia foi tirada, vê á hora da missa, ou á das aulas.

na lavanderia, a incommunicabilidade é-lhes conservada, havendo para cada um a sua cella com disposições especiaes para a lavagem. Na enfermaria as cellas são mais amplas, o colchão molle, e assoalhado a madeira o pavimento.

No pavimento superior da parte central, está armado o altar d'onde cresce um simples crucifixo, e disposto de forma a ser visto de todos os amphitheatros a um tempo. No segundo pavimento e dando especialmente para cada um d'esses mesmos amphitheatros por meio d'uma varanda de ferro, ha um espaço onde os professores fazem suas prelecções.

No topo terminal de cada uma das aulas ao rez da terra nascem os chamados *pateos de passeio* — pequenas tiras muradas, ao ar livre, em fôrma de sectores com o seu centro no topo d'essas alas d'onde um guarda só vigia todos, por tantas frestas quantas as talhadas de terreno.

Esses *pateos de passeio*, com dez passos talvez de comprimento e menos de largura, são bordados lateralmente d'asphalto e ajardinados alguns ao centro; ao fundo um telheiro serve de resguardo nos dias chuvosos.

Pode ahi, como em geral sempre que se conserve isolado, descarapuçar-se o preso.

Na cella o indispensavel. — Estreito leito de ferro, uma tira de madeira á laia de meza, e outra mais baixa servindo de banco, um lavatorio, um bico de gaz. E' arejada por ventiladores collocados na parte interior e na superior, e pela fresta horizontal já mencionada que interiormente uma vidraça fecha.

Na parede livre fronteira ao leito duas molduras emquadrandos impressos :

Deveres dos presos e Pensamentos e maximas moraes — O primeiro é o programma da sua triste vida em 16 artigos — o segundo é a philosophia christã a falar-lhes conjunctamente em resignação e em remorso !

*

Entre as alas e ainda no espaço que escapa do occupado pelos amphitheatros, arrumam-se a rouparia, lavanderia, enfermaria, cosinha, casas de banho e padaria.

E' d'uma simplicidade de organisação cada uma d'essas secções.

Assim, a cosinha onde se prepara diariamente comida para uma media de 500 pessoas, é succintamente, como a nossa gravura a representa, uma cosinha sem fogo; os caldeirões são aquecidos por meio de vapor, e apenas bastam dois ou tres homens para o serviço.

Na padaria, os fornos são de soleira movel, amplos como são, apenas um homem basta para lhe fazer mover o taboleiro. Fabricou-se durante tempo n'esses fornos pão para os hospitaes.

Na lavanderia a secca da roupa é começada por dessoração e acaba em seccadouros especiaes.

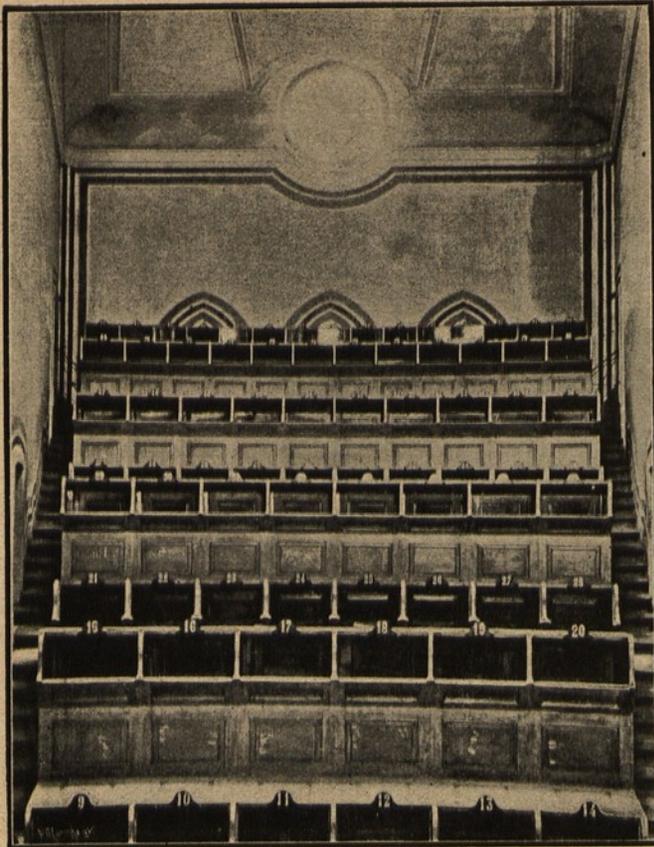
E' a temperatura do vapor gerada n'uma machina central, que se aproveita em todos esses aquecimentos.

Quando os prezos sirvam em qualquer dos serviços diarios e correntes, como por exemplo para cada um a sua cella com disposições especiaes para a lavagem, o colchão molle, e assoalhado a madeira o pavimento.

*

A vida do recluso é necessariamente lugubre, como querem que o seu pensamento seja.

Ergue-se com o nascer do dia, lava-se, arruma a cella, toma uma refeição de caté com leite que lhe é entregue



UM DOS AMPHITHEATROS

pectivos portões gradeados, pôde então o preso descarapuçar-se, fumar, dar uma porção de passos seguidos.

O tempo do trabalho, marca o regulamento, ser de dez horas, e nunca poder o repouso exceder oito.

A's onze horas e á tarde novas refeições correspondendo a jantar e a ceia.

A's dez horas da noite é apagado o bico de gaz que cada preso tem na sua cella, e é-lhe permittido então dormir.

Para caso de alarme, ha em cada cella um manipulo com que o enclausurado pôde fazer tocar exteriormente uma campainha.

Aos domingos a missa é obrigatoria.

Quinzenalmente ouvem predicas religiosas: define-se-lhes o odio humano, descreve-se-lhes o martyrio de Christo entre o mau e o bom ladrão.

Se algum preso por indisciplina merece punição, passa ás cellas chamadas de castigo, que differem das outras em terem tarimba em vez de cama, e possuirem duplas portas, limitando assim um escuro espaço onde raramente o internam uma ou mais horas. Pode mesmo passar a ser alimentado só a pão e agua.

Para epilepticos ha as cellas de segurança, destinadas a permittir-lhes liberdade de movimentos.

Almofadadas lateralmente a grande altura, enche-se-lhe de colchões o pavimento, e pôde então o doente bater com a cabeça onde quizer.

por um postigo especial da porta, e a essa hora recebe o pão para todo o dia.

O prezo trabalha. Pelo regulamento é obrigado, quando não tenha meios, ou a familia não concorra com um *tantum* para as suas despesas, a trabalhar em officio que lhe traga proveito e ao estabelecimento.

Ha-os portanto sapateiros, carpinteiros e vassoureiros.

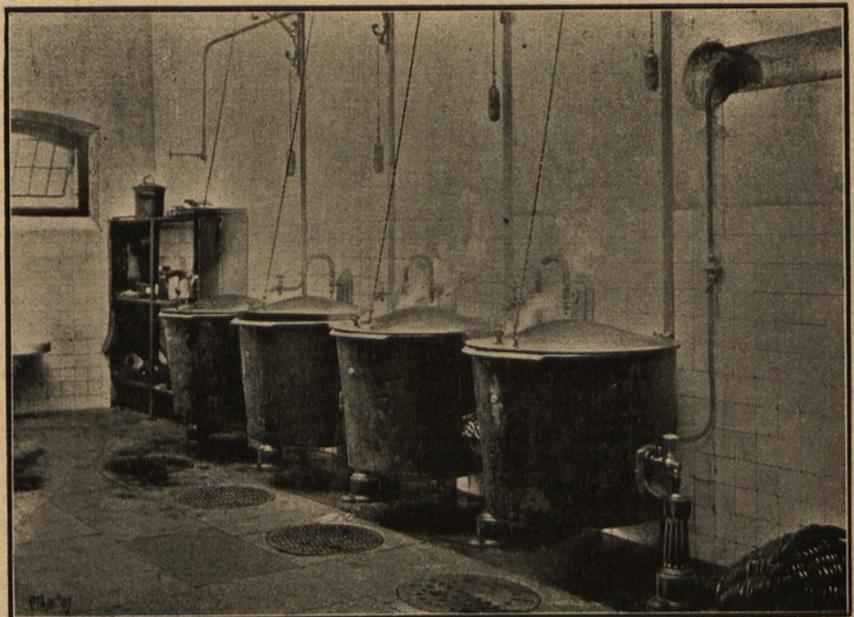
Quando o prezo tenha um curso secundario ou superior, poderá, querendo, ser dispensado d'esses trabalhos, dedicando-se a occupaões denominadas improductivas, como escrever e ler.

O trabalho em todo o caso nunca é em commum, como se deprehe da organisação do systema. Tomam então um outro aspecto as cellas, com os apetrechos do officio a quebrarem-lhe a monotonia.

E tanta propensão ha para lhe escangalhar a gravidade, que certos nostalgicos lhe enfeitam as paredes brancas com festões entrançados de papel de côr, como nos talhos.

E se succede a chamada educação religiosa encontrar de momento e aparentemente ou não, accitação no sonogado, fornecem-lhe os capellães e missionarios, estampas de santos, e d'ahi resulta uma mancha polychroma parede acima, entre os artigos do regulamento e os de Deus.

Tem cada prezo uma hora d'ar livre diaria, unica em que pôde fumar, quando possua haveres para isso; a conducção para o passeio faz-se por secções; o guarda abre as portas das respectivas cellas em numero correspondente aos dos passeios; o preso sahe de capuz posto e pára a um passo da sua cella, a um silvo do guarda soprado n'um buraco da chave, o preso tem de caminhar atraz do que lhe está na frente e guardando, conforme o regulamento manda, a distancia approximada de seis passos; distribuidos um após outros pelo passeios, fechados os res-



COSINHA

O preso póde ser visitado quinzenalmente pelos parentes e amigos que se tenham previamente munido de licença, e reconhecendo-se-lhes a precisa moralidade.

A visita é considerada como premio a exemplar comportamento, e é feita no parlatorio — abertura gradeada, feita em toda a espessura d'uma parede commum ao muro das alas e ao corredor de entrada; os parlatorios, um para cada preso visitado, são tambem separados; e como seja limitadissimo o seu numero, quando as visitas abundem, o tempo da visita é curto

E' corrente na sua cella o preso gesticular e fallar só.

Cartas recebidas ou enviadas serão lidas pelo director

Se endoidecem vão ás vezes para Rilhafolles.

Se morrem, communica-se o epilogo á familia.

Se por acaso terminam o tempo de prisão, entrega-se-lhes o fundo de reserva, constituído por parte dos lucros auferidos pelo seu trabalho, e entra-se, para estudos de criminologia, de seguir a orbita do regenerado, não o



UMA DAS ALAS — Ao fim a parte central d'onde irradia cada uma das alas

perder de vista, observação que a policia fará, deprimente é claro, sobretudo para com um credor que parece ter pago á sociedade a sua dívida.

E espera-se que volte.

*

Os relatorios elaborados pelos muito dignos director sr. conselheiro Jeronymo Pimentel, e sub-director sr. dr. Antonio d'Azevedo Castello Branco, são d'uma importancia grande como estatistica e observação. Convencidos da utilidade do systema, que de resto não é da indole da nossa revista discutir, tem-se esforçado por attenuar nos presos a calamidade da pena. Tentam vêr no criminoso um regenerado a produzir, e para elles o sequestro á sociedade affigura-se como que um pretexto de educação. E como a falsa orientação corrente seja o aceitar-se que o Individuo, producto d'essa coisa vaga,—a Sociedade,—valha menos do que ella, e haja portanto que prender o Individuo e não se possa desorganizar a Sociedade, os illustres escriptores seguem naturalmente essa orientação e são coherentes na fórma e maneira como conduzem argumentos tendentes a provar as vantagens do systema penitenciario.

São dois dedicados de corpo e alma.

Não é de todo inutil o transcrever, com a devida venia, alguns trechos curiosos d'um extenso relatorio, que a sempre provada gentileza do sr. director nos fez chegar ás mãos.

*

Pelo que respeita a argumentos didacticos, extractamos este por exemplo d'um relatorio do sr. director :

« Todos os seres vivos se debatem n'uma lucta incessante pela sua existencia.

Esta lucta, diz G. Sergi varia segundo a maneira e o modo de conseguir o fim da conservação na infinita variedade dos vivos, e segundo a sua fórma; n'ella os mais aptos vencem e os mais fracos succumbem.

Os perigos a vencer n'essa lucta são muitos e complexos conforme a

natureza e a variedade do ambiente em que vivem os organismos, que é o campo onde se desenvolve e acaba a lucta pela vida.

Esse ambiente é physico ou organico segundo se considerar nas suas condições de puro caracter physico, como a posição geographica, e as diversas condições climatericas, ou segundo se referir ao complexo dos organismos em que vive esse ser.

Esta lucta ora é visível e manifesta, ora latente e invisível, mas nem por isso menos temerosa.

Se todos se conservassem n'uma condição perfeita da vida, e os seus descendentes herdassem as boas disposições dos progenitores, seriam todos vencedores e organicamente perfeitos.

Mas nem todos os vencidos morrem, nem todos deixam de transmitir pela hereditariedade os defeitos da sua fraqueza.

Se aquelle que nasceu em boas condições para a lucta pela existencia muitas vezes as perde no meio do ambiente em que viveu, como ha de luctar e resistir o que já na herança recebeu o triste legado da sua fraqueza?

Depois, os mesmos individuos apparecendo aparelhados para a lucta com os mesmos elementos de combate, com as mesmas disposições organicas, encontraram-se em diversa arena. O meio não era o mesmo, as condições da lucta eram dissimilhanes.

Um era rico, teve no meio social em que se encontrou garantias de resistencia, que não teve o outro que era pobre, que na desigualdade do meio, sentiu se enfraquecer; se não pereceu no combate, ficou n'elle mutilado, como diz Sergi.»

No do ex.^{mo} sub-lirector lê-se:]

«O principio da corrigibilidade prevalece hoje em quasi todos os codigos, e para a prova basta apontar para a generalisação do systema penitenciario e para a adopção do systema penal progressivo, cuja base é a regeneração do criminoso pelo esforço proprio com que este tenta subir desde a dolorosa estancia da clausura com isolamento até a concessão do *ticket of leave*, com o qual recupera a liberdade de que fôra privado.

Entretanto as recentes observações anthropologicas, psychologicas e estatisticas têm patenteado que ainda com o mais perfeito regimen penitenciario ha sempre numerosissimos typos de criminosos, cuja regeneração é impossivel, ou nullo eventual e instavel, porque a propensão para o delicto não é o producto do seu livre arbitrio, mas sim efeitos de uma anormal constituição physio-psychologica, ou de habitos inveterados.

Além d'isso muitos crimes não têm sua origem só no defeito organico dos delinquentes, são tambem productos resultantes das condições sociais e até da influencia do ambiente physico que os circumda. A regeneração, pois, dos condemnados, será sempre muito problematica em grande numero de casos.

Nas varias doutrinas penas e nos codigos que d'ellas nascerem, predomina um principio commum: a noção abstracta do livre arbitrio, indifferente e igual para todos, por virtude do qual o homem determina as suas acções por impulso proprio e substancial da vontade.

Sendo assim, a corrigibilidade presume-se possivel sempre, porque da liberdade moral do criminoso dependeria exclusivamente afastar-se da reincidencia, e a coerção penal, seria, em regra, meio idoneo para obstar ao augmento da criminalidade.

Infelizmente as estatisticas, accusando um assombroso recrudescimento dos delictos e das reincidencias, demonstram que as mais aperfeiçoadas legislações penas são impotentes para debellarem o perigo que a sociedade corre, vendo-se cada vez mais ameaçada pela tenebrosa legião dos incorrigiveis.

As previsões dos doutrinarios tem-se evolado como o fumo, e o estudo abstracto do delicto e as subtilidades jurídicas não tem correspondido oraticamente ás generosas aspirações dos legisladores.»

E do relatorio dos capellães de 1888:

«Uma das razões que mais nos fazia crer nas boas disposições d'estes infelizes para entrarem francamente no caminho da sua regeneração, eram as maneiras attentosas e submissas com que nos recebiam e as lagrimas que muitos derramavam.

E' que a nossa vista pouco exercitada não nos permittia ver as chagas cancerosas que corroidam a sua alma profundamente pervertida atravez da capa de hypocrisia com que habitualmente se revestem. Por isso com mais um anno de observação só podemos confirmar o que dissemos no relatorio transacto ácerca dos que respirando toda a vida n'uma atmosfera de corrupção apenas conheceram a estrada do vicio e do crime.

Quando em liberdade ou nas prisões em commum, para satisfazer ás suas paixões habituaes, á crapula, ao jogo, á lascivia, não havia acção por mais repugnante que não fossem capazes de praticar.

Entrados n'esta cadeia, n'um meio completamente differente d'aquelle em que viveram, e privados de tudo que possa lisonjear os seu appetites e desejos desregrados, na convivencia com pessoas que lhes são superiores, mostram-se por hypocrisia affectadamente respeitosos.»

*

No que respeita á historia d'alguns presos, porque alguma coisa transpira da vida penitenciaria, tambem me parece d'interesse divulgar os seguintes periodos, extrahidos do capitulo que diz respeito ao estado mental dos presos:

«Uma vez entrou aqui um preso, e estava ainda nas cellas de espera aguardando a chegada do barbeiro, para principiar as preliminares operações de limpeza que lhe dessem ingresso no interior da cadeia, quando fui lá ter com elle.

O homem, de mais de sessenta annos, mostrava-se profundamente abatido, e tristemente preocupado com o aspecto da prisão. Olhou para o ventilador e perguntou-me se era por ali que entrava a agua em que os presos viviam mergulhados! Procurei socegar o seu espirito fraco e avassalado por tão sinistras idéias.

Não dormiu n'essa noite, nem na seguinte, nem quiz comer; ao terceiro dia era completo o desarranjo das suas faculdades.

E' este um dos presos a que me referi no primeiro relatorio, e que hoje está bom.

Ha poucos dias vi uma carta que a um preso recentemente entrado aqui dirigira a mulher, em que lhe perguntava se a agua que havia na cella lhe passava acima dos joelhos! Um pae ha tempo perguntava tambem n'uma carta a um filho se já tinha visto a luz do dia desde que entrara n'esta prisão.

Do primitivo systema penitenciario nasceu a lenda e resultou a apprehensão de que ella produzia doidos em lugar de regenerados.»

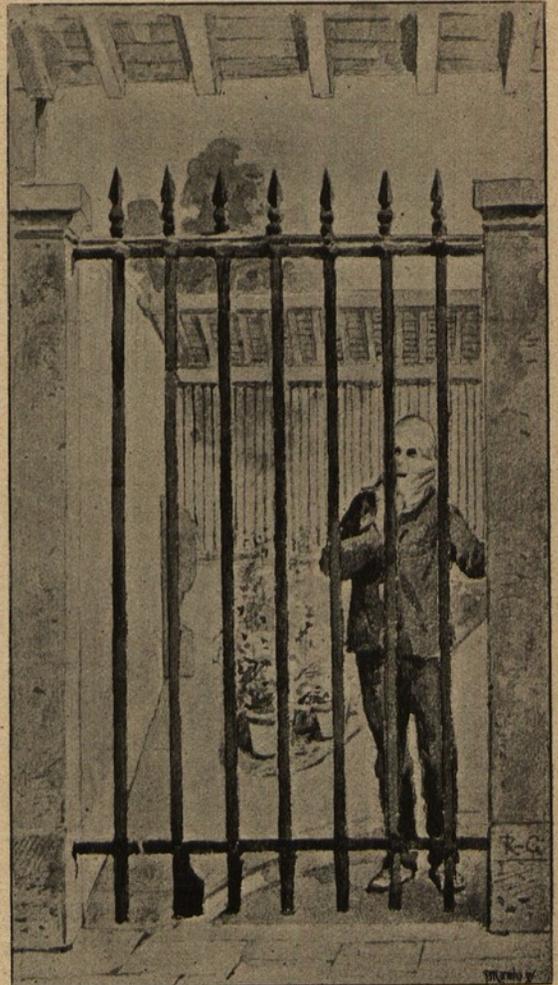
«Rapaz de vinte para vinte e um annos, natural do districto de Villa-Real, entrou aqui no dia 27 de maio de 1886, trazendo bem manifestos nos seus caracteres physicos os signaes da sua degeneração.

Pouco tempo depois de aqui estar appareceram-lhe fortissimos ataques de epilepsia, com demoradas convulsões.

A applicação de brometo de potassio produziu n'elle bons resultados, e os ataques deixaram de ser frequentes, e ha muito até que não tem tido nenhum.

Uma vez, quando elle estava com um dos ataques, veio aqui em visita um distincto facultativo, membro do conselho penitenciario, que apenas o viu, logo pela simples inspecção do seu caracter physico, formou um juizo seguro do seu estado intellectual.

Ainda elle não tinha tido nenhum ataque, mas já o seu aspecto o denunciava logo como um degenerado. Por vezes o fui observar, e encon-



UM PATEADO DE PASSEIO

trei-o umas vezes a caçar moscas n'uma attitude de imbecil, outras deitado no pavimento entretido com o jogo do botão, ou qualquer cousa.

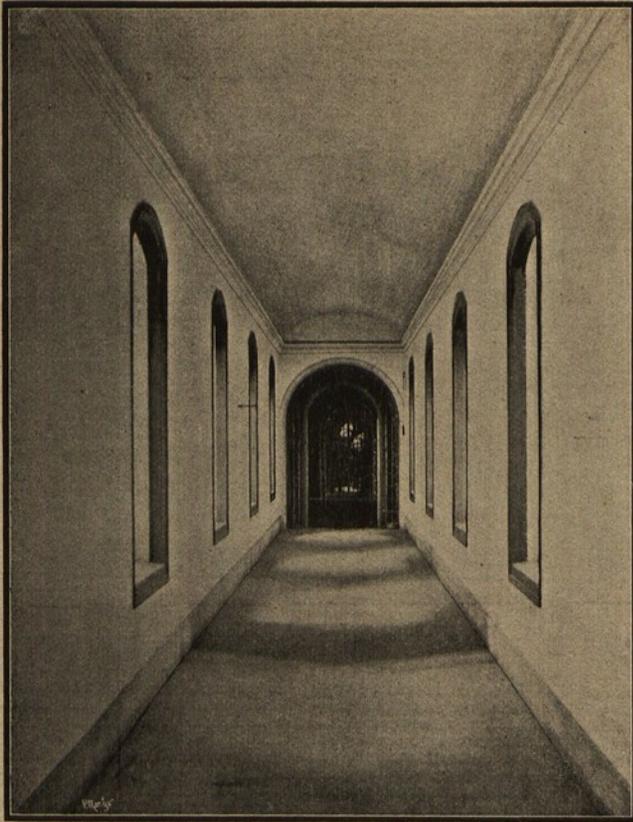
E apesar de tudo isto aprendeu a ler.

Pedindo informações a seu respeito pude saber que era filho natural de uma mulher muito fraca e doente, que pouco depois d'elle nascer fôra accometida de uma hemeplegia, ficando aleijada de um pé. Elle nunca tivera em liberdade ataques sensiveis de epilepsia, mas, dizia-me o delegado da comarca, tinha *pronunciadas tendencias para o coito*, chegando a empregar meios violentos para forçar raparigas menores. Quando se lhe fallava n'isso, ria com um riso alvar do imbecil, e lamentava a morte de uma jumenta depois da sua vinda para aqui.

Na masturbação deu aqui demonstrações do seu instincto genesico.

A sua constituição é fraca, e o seu temperamento pronunciadamente lymphatico.»

«Ha pouco tempo entrei uma noite na cella ao segundo d'aquelles presos; tendo, antes de entrar, espreitado, vi-o mergulhado na sua habitual concentração, com os olhos fixos no pavimento, e com um aspecto de profunda melancholia. A noite estava frigidissima, como têm sido as dos ultimos tempos; eu ia embrulhado n'um capote, e elle estava com a janella aberta e vestido com a roupa de linhagem. Perguntei-lhe como estava e se ha muito não tinha tido nenhum ataque epileptico. Respondeu-me: — Nada, isso passou; foi um maleficio dos meus inimigos; não posso estar bem, porque estou aqui ouvindo provocações constantes que elles me dirigem; esse Domingos que para ahi está quer que eu pague por elle



CORREDOR DA ENTRADA

«para o protegerem, conservam-me aqui a mim, que já acabei o tempo da minha sentença. Ha bocado vi-me aqui tão perseguido e tão mortificado, que cheguei a atar ao pescoço o lenço de assoar para me matar. Aquelle Domingos é um ente imaginario, que elle considera um inimigo.»

«Estupro. — Natural do districto de Bragança, de trinta e tres annos, viuvo sem filhos, analfabeto, foi soldado de cavallaria e depois jornaleiro.

Deu entrada aqui em 6 de março de 1886.

O seu olhar fixo e espantado, o modo como se apresentava, e outros mais indícios denunciaram-o, desde logo, como candidato á loucura; contudo as manifestações só principiarão a dar-se depois do terceiro castigo que lhe foi imposto por faltas disciplinares.

No mez de dezembro pronunciaram-se de uma maneira evidente.

A loucura religiosa, com o caracter depressivo ou de monomania, pareceu-me que tinha ali um exemplar: acommettiam-o ideias religiosas de condemnação eterna; passava horas e horas a rezar; todas as estampas eram para elle imagens de santos, até as das caixas de phosphoros. Aversão á comida, insomnias, continuado choro, hesitação da palavra, tremor nos membros e principalmente na face e na lingua.

Serão estes ultimos symptomas prodromo de uma paralytia geral? Inclina-se a isso o medico adjunto.

As informações officiaes declaram que os ascendentes eram dados em excesso ao uso de bebidas alcoolicas; o pae soffreu de uma hemeplegia esquerda, consequencia de um insulto apoplectiforme; e que o preso se entregava com excesso ao abuso dos prazeres sensuaes.»

Fallando dos presos sahidos :

«Era de Cabo Verde o quinto preso que saiu; de côr preta, de vinte e cinco annos de idade, solteiro, e analfabeto.

Havia sido soldado de caçadores 1 da Guiné.

Entrou n'esta prisão em 29 de novembro de 1885 por crime de roubo e foi solto em 3 de abril.

Empregou-se no serviço da lavanderia, de que tirou para o seu fundo de reserva, entregue á saída a quantia de 13\$667 réis.

Apreendeu a ler e a escrever, e alguma cousa de contabilidade.

O seu estado physico á saída era muito bom; nunca aqui esteve doente.

Teve muito bom comportamento, e deu indícios fortes de que a pena teve sobre elle salutar effeito moral.

Mas perderia elle os ensinamentos que d'aqui levou arrastado pela necessidade? Será elle mais um protesto vivo contra a falta da criação de associações de patrocínio?

Esse rapaz saiu d'aqui, ao que parecia, nas melhores disposições de espirito. Pediu trabalho e encontrou-o nas obras municipaes; depois foi despedido por haver abundancia de braços, segundo lhe disseram; procurou-o n'outras partes, não o encontrou. Viveu do seu pequeno peculio emquanto este durou; depois, quer v. ex.^a saber em que se occupava este homem vigoroso, cheio de boa vontade para o trabalho e que mostrava as melhores disposições para se regenerar?

Quando a fome o apertou approximon-se de uma baraca de espectaculos baratos da feira, outr'ora chamada das Amoreiras, e hoje não sei bem como designal-a, e ahi offereceu ao empregario, a troco de alguns vintens por noite, a especialidade da sua côr preta, para se exhibir ao publico em dansas burlescas!

Ao fim da noite sentia-se cansado sem ter uma enxerga em que repousasse das fadigas da dansa, segundo elle contou a um guarda d'esta cadeia, que me narrou aquelle facto.

Mandei-o procurar para ver se lhe conseguia um trabalho em que honradamente podesse ganhar a sua vida com menos fadiga e menos risco de se perder. Já lá não estava.

Dias depois o capellão encontrou-o sentado n'um banco da praça de D. Pedro. Reconhecendo-o e levado por um louvavel e caridoso sentimento chamou-o para se informar da vida que elle passava.

Sabendo que de balde tinha buscado trabalho, disse-lhe que me procurasse para ver se eu lh'o conseguia; não me appareceu.

Não soube mais d'elle, mas n'aquellas condições não é de receiar que a despeito das suas boas disposições as circumstancias em que se encontrou restituído á liberdade o arrastasse novamente ao crime? Oxalá que assim não aconteça.»

«Este preso, natural do districto de Braga, havia na cida a 9 d'agosto de 1864, tendo portanto vinte e um annos feitos quando deu aqui entrada a 7 de dezembro de 1885.

Cedo havia principiado o seu tirocinio criminal; ainda não tinha dezoito annos quando em 1882 foi pronunciado por crime de subtracção fraudulenta e uso de porte de armas. Em 1883 foi condemnado a quatro mezes por crime de furto.

Compellido ao serviço militar assentou praça em 1884, desertando quatro mezes depois e agravando este crime com o de extravio de artigos militares.

Desertor continuou no caminho da rapinagem.

Estando mesmo em liberdade parece que sentia a attracção das prisões.

Como sabia alguma coisa de carpinteiro, e na officina de fundição e serralheria montada na cadeia de Braga houvesse necessidade de um carpinteiro, offereceu-se para trabalhar n'ella. Entrando ali, como que estava no seu meio. N'aquella escola de depravação e na camaradagem viciosa que ali encontrava, podia completar e aperfeiçoar a sua já adiantada instrucção.

Assim aconteceu. Dizia elle que um preso que lá estava lhe aconselhou um roubo nos suburbios da cidade. Aceitou o conselho e pol-o em execução em 25 de janeiro de 1885 com arrombamento e escalamento. Foi esse crime, a que foi imposta a pena de dois annos de prisão cellullar, que o trouxe a esta cadeia.

Na pallidez do seu rosto, na brancura da esclerótica onde destacavam uns olhos castanhos claros de uma immobillidade notavel, na frieza do seu temperamento, na manifestação da indole atravez da concentraçao do seu genio dissimulado, tinha muito que estudar o espirito observador do antropologista criminal.

Apesar de haver sido duas vezes castigado por fumar sem licença, não se pode dizer que fosse muito irregular o seu comportamento aqui.

Submisso, respeitador, de poucas palavras para os empregados, falando a sós comigo na cela, mas tão baixo que não era possível perceber-o pelas palavras e pelo gesticular, podia enganar quem o não observasse e estudasse cuidadosamente. Não illudiu a direcção, nem os capellães, que nas apreciações lançadas no seu registro de saída exararam o conceito que d'elle formaram.

Era analfabeto quando aqui entrou; applicou-se ao estudo e saiu sabendo ler e escrever,



UM PENITENCIARIO

Reduzida a pena pelo indulto de 4 de junho de 1886, saiu d'aqui no dia 22 de fevereiro, deixando a triste convicção de que n'um futuro não muito distante ainda cá voltaria.

A suspeita, que me deixara sobre a regularidade e emenda da sua vida, fez com que mesmo de longe procurasse informar-me do seu procedimento.

A realidade veio infelizmente mostrar-me que não fôra erroneo o meu juizo, nem precipitado o meu conceito.

Um mez exactamente depois que saiu d'esta cadeia entrava na de Braga, por suspeita de crime de furto. Como não houvesse prova bastante foi solto oito dias depois, no dia 30 de março.

No dia 21 de maio novamente foi preso n'aquella cidade por vadio e gatuno, sendo solto a 2 de junho.

Depois não soube mais d'elle, mas soube o bastante para justificar a minha prevenção.»

*

Aponto finalmente, a titulo de simples documento caricatural as observações deduzidas no relatório d'uma estatística de tatuagem :

«A classificação da tatuagem, segundo a natureza dos emblemas, dá este resultado:

- Emblemas religiosos, 10.
- Recordações amorosas, 17.
- Recordações de familia, 4.
- Emblemas obscenos, 4.
- Emblemas symbolicos, 1.

Nos outros 23 a tatuagem não apresenta nos seus desenhos um caracter unico pelo qual se possa accentuar especificadamente a sua idéa representativa. Ao lado do emblema religioso está um signal symbolico ou uma recordação amorosa, um coração atravessado por uma ou mais setas, quando não é uma obscenidade.

Pelo que respeita á natureza dos crimes, 36 foram condemnados por crimes contra a propriedade, 28 contra as pessoas, sendo 2 por estupro e 1 por crime contra a religião, apesar de ter no braço gravado um crucifixo.

São bastantes curiosos alguns desenhos, cuja descripção não faço porque seria fastidioso para v. ex.^a Notarei apenas pela originalidade da idéa. E' um tumulo com uma arvore e as letras F. A. F. e as palavras «A' memoria de um amigo fallecido». Perguntando se lhe o que significava aquillo, respondeu que não tendo meios para levantar um mausoleu de marmore á memoria do seu unico amigo, quiz por aquella fórma prestar-lhe um tributo de saudade.

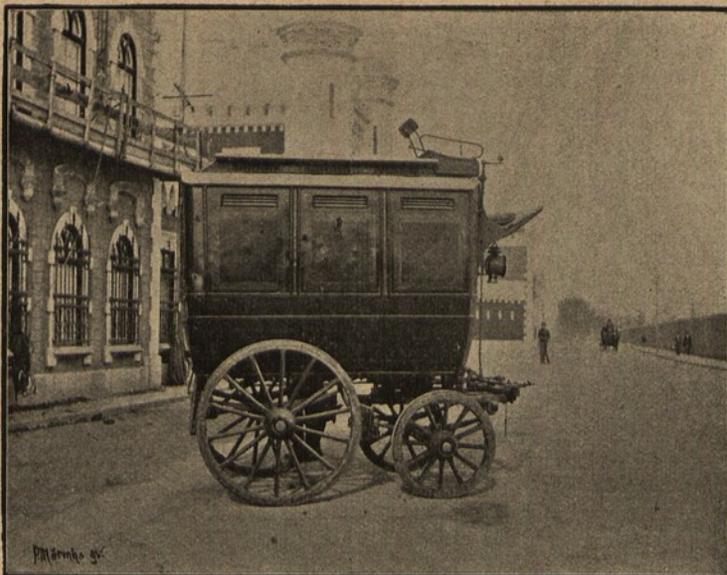
Nos 36 condemnados por crimes contra a propriedade, 20 são reincidentes, alguns já estiveram em Africa cumprindo sentença, e outros têm uma porção de crimes da mesma natureza.

Por mera curiosidade direi a v. ex.^a que esta industria tem na cadeia do Limoeiro a sua tabella de preços. Gravar um crucifixo, custa 500 réis, duas letras e uma silva, 100 réis; cada letra 40 réis; um *signo saimão*, 60 réis etc.

Inquirindo de alguns presos as razões por que se sujeitaram áquella operação, as suas respostas variavam, eram as recordações da familia ou amorosas, o espirito de imitação e ociosidade.

Lombroso, de baixo do seu ponto de vista de querer approximar o criminoso nato do homem selvagem e vendo que a tatuagem é frequente nos povos barbaros ou para adorno, por isso que se apresentam nus, ou para satisfazer ás suas absurdas noções de religião, dá uma certa importância á questão da tatuagem nos delinquentes.

Como já disse, não me parece que isso tenha uma grande significação e seja uma prova de valor para attestar a degeneração do criminoso.



O CARRO CELLULAR

E' sabido de toda a gente que os *habitués* das prisões, os criminosos de profissão e principalmente os larapios, têm uma linguagem sua, o *calão*, de que usam querendo referir-se ás pessoas ou ás cousas que mais podem interessar o seu modo de vida.

O sub-director tem feito uma interessante collecção d'esta gíria, que tem apanhado nas suas investigações feitas a alguns presos mais conhecedores d'esta litteratura prisional.

Ao acaso apontarei algumas palavras e phrases da sua gíria:

Quebra e choça, quer dizer cadeia. *Verdelimo*, Limoeiro. *Meio 'ornal*, meia sapeca, *meia chapeca*, 5 réis. *Meia loira*, *meia macaca*, *meio grulha*, meia libra. *Patrão do throno*, juiz, etc.»

*

O Ex.^{mo} sr. Conselheiro Jeronymo Pimentel de que damos o retrato no seu gabinete, nasceu em Villa Real aos 14 de maio de 1842. Formou-se em direito com a habilitação do curso administrativo em 1863, sendo classificado como estudaute distincto.

Foi eleito deputado a primeira vez pelo circulo de Sabrosa em 1868, depois d'uma renhida lucta no campo eleitoral, que se repetiu no parlamento, onde os janelinhos lhe queriam annular a eleição, o que o obrigou a ir á barra defendel-a, o que fez brilhantemente, como consta dos registos parlamentares.

Foi eleito deputado a segunda vez por Barcellos em 1874; depois em 1878, por Braga, e em 1889 novamente por Barcellos, contra o governo progressista, ganhando a eleição por uma enorme maioria.

Em 1871 regeitou a nomeação para governador civil de Bragança, assim como em 1890 para Lisboa.

Foi nomeado governador civil de Braga em abril de 1881, logar que superiormente exerceu até dezembro de 1884, em que foi nomeado director da Penitenciaria de Lisboa, cujo serviço organizou, para se abrir em setembro de 1885.

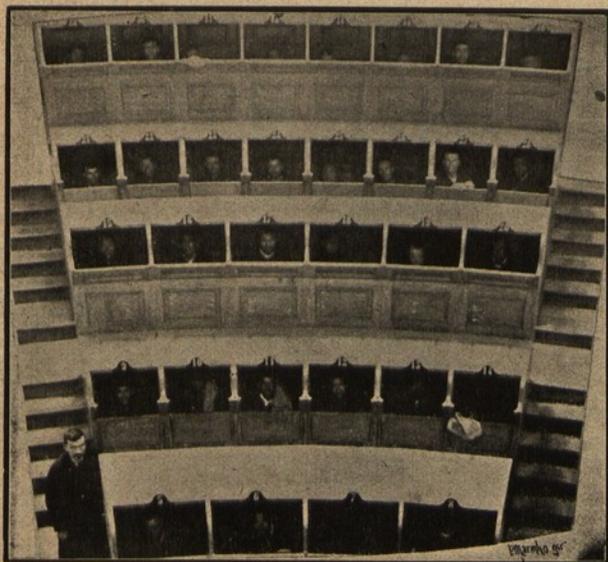
Foi novamente nomeado governador civil de Braga em janeiro de 1890, que exerceu até á queda do governo regenerador, recusando-se continuar, a despeito do pedido do governo que lhe succedeu. Em 1892 foi igualmente nomeado governador civil de Braga.

Foi eleito par do reino pelo districto de Braga em 1885, na primeira eleição de pares.

Em 1890 foi eleito par pelo districto de Viana, por onde tornou a ser eleito em 1892, por haver perdido o logar com a nomeação de governador civil.

Em 1894 foi novamente eleito par por Braga, a cidade que o considera e adora como se elle fosse seu filho dos mais dilectos.

Como governador civil e como director da



PRESOS ASSISTINDO A UMA CONFERENCIA
366

Penitenciaria, tem recebido diversas portarias de louvor. Quando governador civil de Braga fundou o asylo de Mendicidade, a que sempre tem dedicado todos os cuidados.

Como parlamentar, entre outras discussões em que entrou, foi o relator na camara dos pares do bill de 1890, sendo obrigado a tomar a palavra por diversas vezes.

Como jornalista ainda em Coimbra foi redactor do jornal regenerador o *Commercio de Coimbra*, juntamente com Siva Gaio, o auctor do *Mario*; collaborou no *Douro*, jornal regenerador que se publicava na Regoa em 1864. Em Braga foi redactor dos jornaes regeneradores — *O Districto*, o *Bracharense*, a *Regeneração*, o *Amigo do Povo* e o *Regenerador*. Collaborou tambem no *Jornal da Manhã*, do Porto.

Além de diversos relatorios da Penitenciaria, tem publicado — *A Beneficencia no districto de Braga*, *Relatorio sobre o Collegio dos Orphãos de S. Caetano*, da cidade de Braga, *A aposentação dos parochos*, *O Bill de indemnidade na camara dos Pares em 1890*, relatorio e discursos alli pronunciados, *Alguns trabalhos parlamentares na sessão de 1893 da camara dos Pares*, etc.

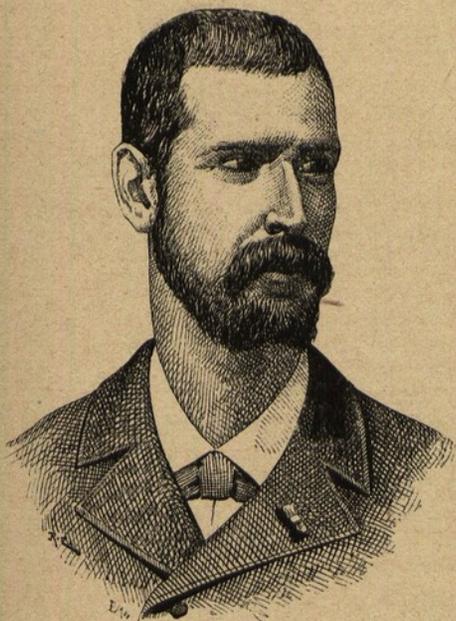
Em Braga fez parte durante muitos annos das corporações administrativas.

*

Cumpre nos agradecer a amabilidade com que fomos recebidos, e a forma gentilissima com que o Ex.^{mo} Sr. Director nos orientou pessoalmente no conhecimento d'essa obra que elle considera justamente como sua filha.

○ DR. YERSIN

(DESCOBRIDOR DA VACCINA DA PESTE)



MESMO que a peste nos visitasse — o que parece bastante improvavel, — não teriamos muito a receial-a, graças á descoberta do sôro salvador, devida ao dr. Yersin, cujo retrato damos.

Depois dos seus estudos na Indo-China, o dr. Yersin voltou ao Instituto Pasteur e, sob a direcção do doutor Roux e com o concurso dos drs. Calmetti e Bovel, que se occupavam já de problemas analogos, poz-se em procura de uma vaccina contra a peste. Injectou-se n'um cavallo uma cultura da peste. O cavallo contráe a febre; desaparecida esta, recomeça-se a inoculação em doses mais fortes e com intervallos maiores. O primeiro cavallo assim immunisado foi sangrado tres semanas depois da ultima injecção. O serum do sangue foi recolhido e experimentado em ratos. Estes roedores morrem sempre que se lhes inocula o bacillus virulento da peste. Vaccinou-se com um decimo de serum os ratos e, um dia depois, inoculou se-lhes a peste. Os roedores ficaram indemnes. O serum era pois preventivo. Fez-se a operação inversa. Inoculou-se lhes a peste; doze horas depois, inoculou-se lhes o serum. Os ratos resistiram á peste. Portanto, o serum possui evidentemente propriedades curativas manifestas.

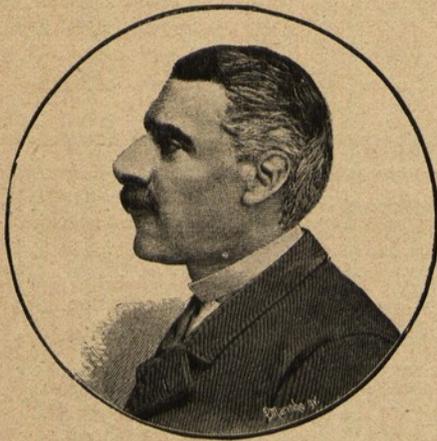
Feitas estas experiencias, o dr. Yersin voltou para a Indo-China, e installou-se em Nha-Thang, onde curou diversos doentes. Depois foi requisitado com urgencia para Arnaz, onde a peste fazia maior numero de victimas. O doutor Yersin tratou 23 pestiferados. Resultados: 21 salvos, 2 mortos, porque o tratamento serotherapico foi prodigalizado tarde de mais. Depois, tres novas curas! Ao todo, em 26 tratadcs, 2 mortos. Ora a peste é a mais mortifera das doenças humanas; calcula-se a sua mortalidade em 80 %. Morre-se em tres ou quatro dias. E como os pestiferados vaccinados estavam já muito doentes, ha realmente razões de sobejo para acreditar que a vaccina é efficaz. Além d'isso, o serum de que elle se serviu foi feito em Paris, tendo, portanto, feito uma longa viagem na estação mais quente.

O serum anti-pestoso foi empregado no caso de doença confirmada; deve ser mais efficaz ainda como meio preventivo.

○ NOVO MINISTERIO



Conselheiro José Luciano de Castro
Presidente do conselho de ministros e ministro do reino



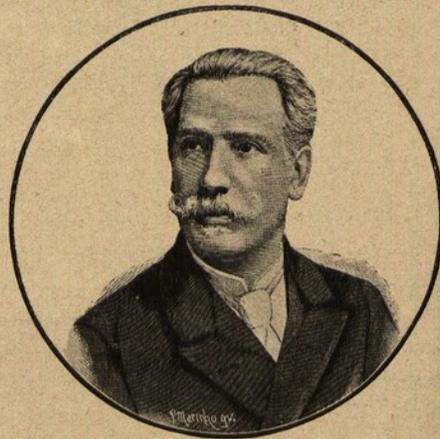
Conselheiro Francisco Antonio Veiga Beirão
Ministro da justiça



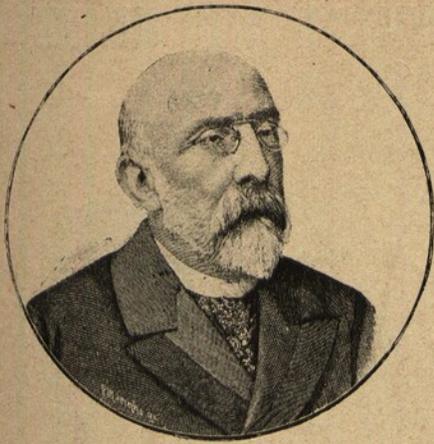
Conselheiro Henrique de Barros Gomes
Ministro da marinha



General Francisco Maria da Cunha
Ministro da guerra

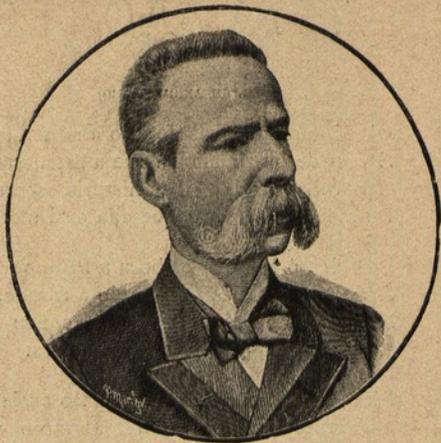


Conselheiro Frederico Ressano Garcia
Ministro da fazenda



Conselheiro Augusto José da Cunha

Ministro das obras publicas



Conselheiro Mathias de Carvalho

Ministro dos negocios estrangeiros

O conselheiro José Luciano de Castro, illustre estadista e chefe do partido progressista, é o actual chefe de gabinete, tendo a seu cargo a pasta do reino.

O seu tracto affavel, os seus serviços prestados á nação e as suas aptidões tanto litterarias como juridicas são de sobejo conhecidas o que lhe tem grangeado a sympathia geral, incluindo El-Rei, que reconhecendo estas qualidades acaba de o incumbir da organização do novo ministerio dando-lhe assim testemunho de alto apreço e consideração.

A sua vida politica começa aos 20 annos depois d'um brilhante curso na Universidade de Coimbra, onde se matriculou aos 15 annos.

Quasi sempre o seu nome figurou em todas as legislaturas e desde essa epocha, 1853, até hoje, tem sido por quatro vezes chamado aos conselhos da corôa para gerir alguma pasta, ou organizar gabinete.

A sua primeira entrada para o ministerio foi em 1869, a instancias do Duque de Loulé, tendo-lhe sido incumbida a pasta da justiça; depois de 9 annos de ausencia dos conselhos da corôa apparece novamente no ministerio formado em 1879 por Anselmo José Bramcamp, gerindo então a pasta do reino e mais tarde, em 1886, chamado a formar o gabinete de que foi presidente até 1890.

A sua nomeação de Conselheiro d'Estado effectivo foi feita pela vaga deixada pelo general Paula tendo depois sido tambem nomeado governador da Companhia Geral de Credito Predial pela vaga resultante do fallecimento de Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

Entre varias publicações de alto valor litterario e juridico, contam-se por centenas os seus artigos em varios jornaes, ora collaborando no *Conimbricense*, *Commercio do Porto*, *Nacional*, *Jornal do Porto* e *Revolução de Setembro*, este ultimo em companhia de Antonio Rodrigues Sampaio, Latino Coelho e Lopes de Mendonça, ora fundando outros como o *Boletim da Torreira*, *Gazeta do Povo*, *Progresso*, *Direito* etc.

Como deputado e como ministro tomou a iniciativa de varios projectos de lei d'entre as quaes destacam as que regulam as nomeações dos escrivães de juizes eleitos tornando vitalicia a duração das suas funcções, alteração da tabella dos salarios e emolumentos dos conservadores, a reforma penal, a reforma do processo civil, fixação da dotação do episcopado e dos cabidos, repressão do crime da moeda falsa, reforma da organização judiciaria das comarcas de Lisboa e Porto, reforma da instrucção primaria e secundaria, creação do conselho superior de intrucção publica, reforma do supremo tribunal administrativo etc., etc.

O Conselheiro José Luciano de Castro é par do reino, vogal do Conselho d'Estado, grã cruz da Torre Espada, juiz do Supremo Tribunal Administrativo, director do jornal de jurisprudencia o *Direito* e governador da Companhia de Credito Predial, logar que tem de resignar para occupar a presidencia do gabinete e a pasta do reino.

C. L.

*

Os outros ministros da situação progressista são todos, á excepção do sr. Francisco Maria da Cunha, chamados aos conselhos da corôa pela segunda vez.

O novo ministerio, composto de homens de superiores dotes intellectuaes e de reconhecida austeridade, tendo abolido logo á sua entrada no poder certas leis attentatorias das liberdades publicas, conquistou as sympathias populares e é de crêr, dado o seu passado e as suas tradições, que seja uma garantia da prosperidade do nosso paiz.



CARTA AO SOL

(N'UM ANIVERSARIO)

O' sol, que manchas de oiro a minha porta
E vaes de oiro manchar-lhe a sepultura,
Conta-lhe, ó sol, a triste historia escura
Do meu viver depois que ella está morta.

Dize-lhe, ó sol, que embora a Primavera
Ande nos bosques renovando a fronde,
N'este meu pobre coração se esconde
A saudade mais forte e mais sincera.

Dize-lhe que não acho o encanto antigo
No rumor da corrente, indo ao moinho,
Depois que ella deixou o nosso ninho,
Ruflando azas em busca do jazigo.

Tambem sabes, tambem podes contar
A' minha violeta idolatrada,
Que o luto eternamente guarda a entrada
N'este tristonho e abandonado lar.

Aureo sol, que amargura indefinida !
'Inda hoje vejo seu sorriso brando
E julgo ouvir seus passos resoando
No silencio da casa entristecida.

Ulula o vento em furia desabrida . . .
Mas eu não sei si a ventania existe,
Pois todo o som a mim me lembra o triste
Adeus que ella me disse, indo á outra vida.

Sol, conta á minha violeta pura
Que, por aquelle mesmo triste humbral,
Por onde vi sahir-lhe o funeral,
D'esta casa sahiu toda ventura.

E embora manches de oiro a minha porta
E a Primavera sonorise os ninhos,
Meu coração não tendo seus carinhos,
Chora sem treguas pela doce morta.

Vinho Invisivel

Em fins de Agosto, ao beijo das primeiras
Chuvas, lavando o céu enfumaçado,
O campo perde o aspecto desolado ;
Um tapiz novo e claro occulta as leiras.

Do tronco escuro, forte das mangueiras
Brotam gomos de um verde delicado
E enfeitam se p'ra o mystico noivado
As folhudas, umbrosas laranjeiras.

Frescos corymbos de uma alvura casta
Desabotoam de entre a fronte basta
Das goiabeiras, attrahindo insectos.

E os rédivivos vegetaes, repletos
De nova seiva, exhalam rescendente
Aroma forte que embriaga a gente.

(Das Frondes Inedito)

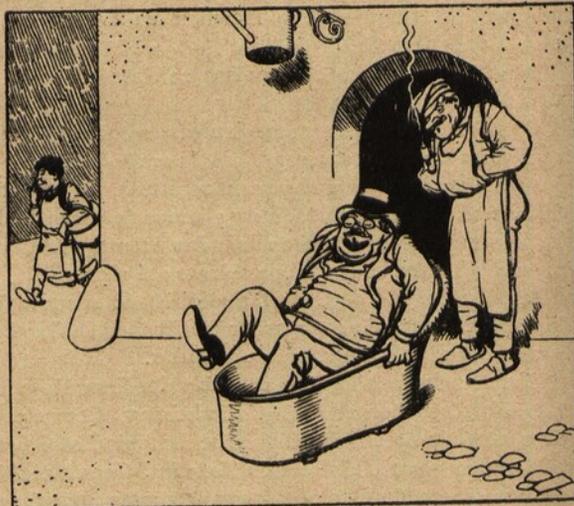
BENTO ERNESTO JUNIOR.

Experimentar para acreditar

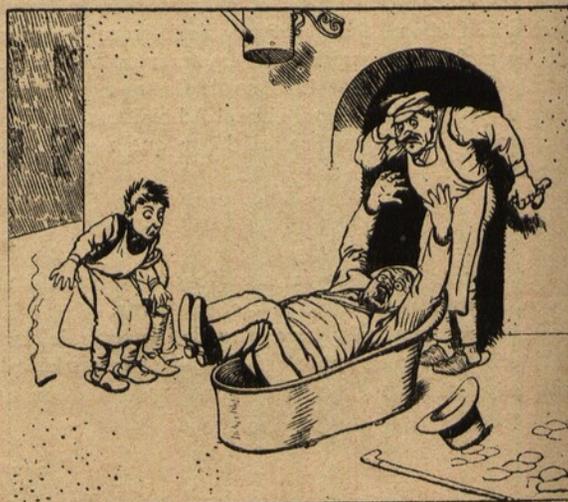
(CONTO MUDO)



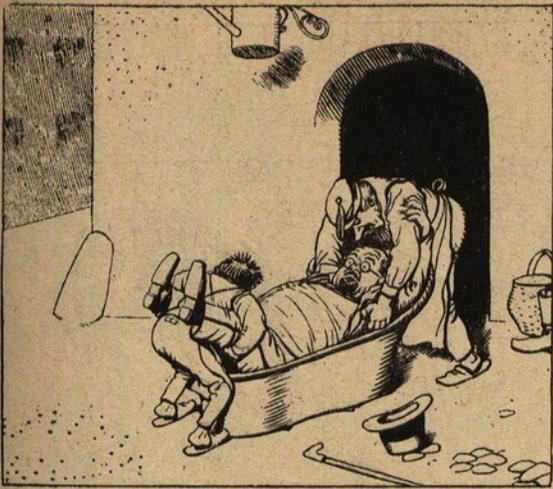
1



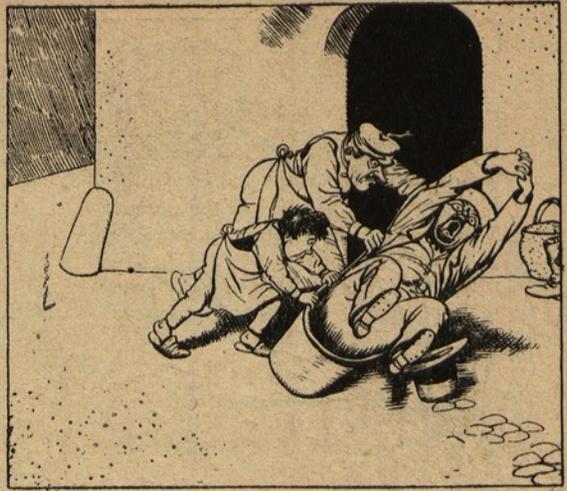
2



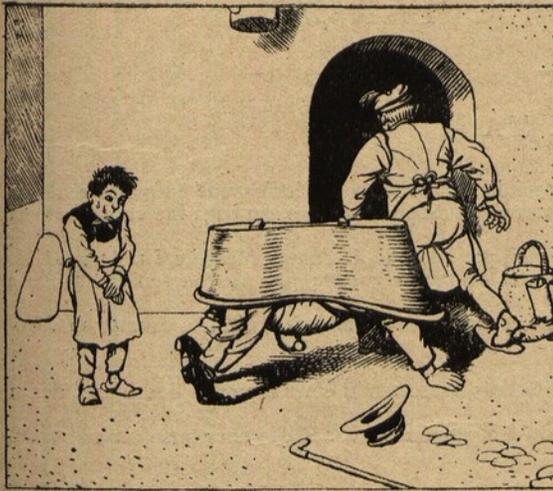
3



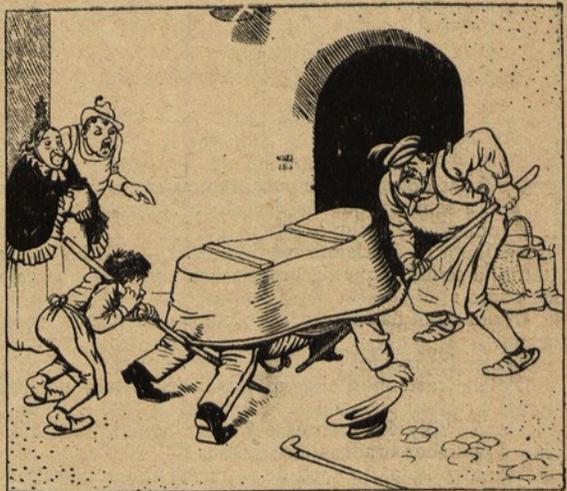
4



5



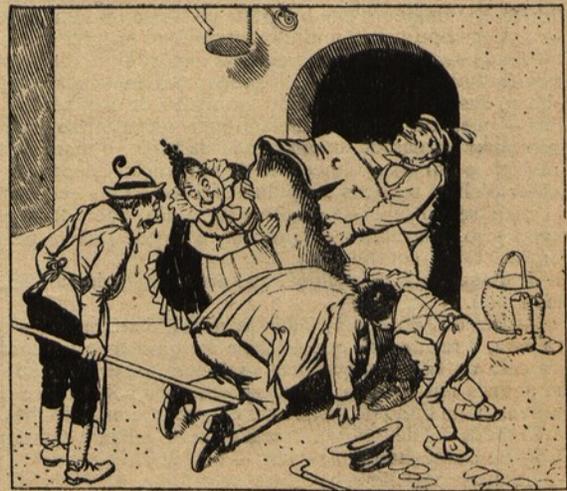
6



7



8



9



10



11

HISTORIAS PARA CREENÇAS

A FADA MÁ

DE fadas doiradas que encantam as almas, ensinou-me a minha ama contos tão bellos que eu nunca esqueço. E a senhora que no *Branco e Negro* tem contado tantos ha de permittir que em paga lhe conte tambem um. Não é assim?

— Que a tia Marianna me desculpe; — não ha de ser só ella que lh'os ha de contar. Mas elle é tão triste! No entanto, a senhora que parece tão boa para todas as creanças, ha de talvez gostar; por isso eu vou contar-lhe o meu conto:

«N'um casal da encosta, todo caiado de branco, vivia uma creança a quem em baixo, n'aldêa, chamavam o Engeitado.

Era muito meigo.

D'olhos castanhos, chammejantes de ternura, a invocar tristezas, incrustando em si a pureza dos santos, nunca o viram rir lá no povoado.

Andava só pelos montes, e á noite, quando recolhia, levava sempre pancada... E elle era manso, muito manso, como as pombas brancas dos eirados!

Do outro lado, no sopé da serra, havia um castello.

Tinha uma historia triste, esse castello! Quem lá entrasse ficava encantado. Habitava-o então uma linda menina, que tinha nos olhos a fascinação dos sonhos, e nos labios o purpurino sol das frescás alvoradas.

Era extraordinariamente bella, mas de uma grande altivez de rainha; quando alguém a fitava, tinha um não sei que de estranho no agudo olhar. As creanças, quando a viam, tremiam todas, e para os pobres, para os timidos, para os desvalidos, n'aquella fria alma d'um orgulho eterno, — havia só desdem, tedio e amargura; por isso, cinco leguas em roda, chamavam-lhe, e com razão, — a fada má.

Apparecia lá pelo castello, muito a miúdo, o pobre do engeitado. Viam-n'o sempre triste, muito triste, e no seu olhar velado havia o quer que fosse de gelada descrença, ou de incommensuravel dôr. A creança cresceu, fez-se homem e irrompeu n'elle o bramir convulso do mais phantastico amor pela castellã altiva, a fada má de quem todos fugiam como de cairel de abysmo que engolfa e arrasta em nevoa de enganos, ou de illusorios sonhos.

Travou-se a lucta entre as duas almas, e um dia, como na allucinação d'um sonho a transluzir de enganos, de olhos fechados, caminhando a medo, rastejou-lhe aos pés no mais profundissimo queixume de quem, como paga, tinha só desprezo! E n'aquelle momento de insondavel tortura — a altiva castellã — como vento de morte ou de ruina — quebrou-lhe os sonhos no mais picante riso feito de fel e de ironia, e sobre a flôr immaculada d'aquelle intenso amor perpassou, como rajada de tufão, o mais subtil veneno que empeçonha e morde!... Ao golpe succedeu a revolta, e por isso, fumegante de vingança, sedento de justiça, como não podia cuspir todo o seu odio sobre a mulher d'olhos tragicos e malditos, foi-lhe n'uma encruzilhada assassinar o irmão. E nunca ninguem mais o viu!...

Dizia-se, ao saber-se o caso pela aldêa, que a fada má o tinha transformado em alma errante e que no seu eterno giro, nas noites de procella e susto, andava pelos corregos dos montes no mais austero e inalteravel tormento.

E d'aquella linda menina, que arrastava todos á Dôr, ao tedio, aos desenganos, ninguem mais soube, ninguem mais fallou.

— Um dia, porém, ao sahir da missa, o sr. cura disse que quem quizesse saber noticias da fada má, que fosse lá a casa, á residencia, que as tinha fresquinhas e boas, chegadas pela ultima mala-posta. E foi n'esse dia um correr para casa do sr. cura, que bem se poderia dizer que toda a aldêa estava em plena romaria! E todos vinham dizendo que aquella feia menina, que desprezava os pobres e se ria da Virtude, já não era a mesma. Agora, lá pr'o sul, nas margens d'um lindo rio, beijava as creanças, contando-lhes historias do mais intimo affecto e communicativa amizade.

E todos n'aldêa perguntavam se seria milagre ou toque de consciencia.

— Se o engeitado fosse vivo — exclamou alguém.

Infelizmente, não é! porque, se o fosse, de *Fada má* — passaria a chamar-se a *Fada boa*.

FERNANDES COSTA

O ANNO POLITICO

(1896)

Primeiro anno de publicação

Um volume de 420 paginas, brochado, 800 rs., encadernado, 1\$000 rs.
Pelo correlo, mais 50 réis

O Anno Politico é o estudo minucioso, feito semana a semana, dos acontecimentos politicos mais salientes, que interessaram a sociedade portugueza, no periodo a que é referido.

Não é uma exposição noticiosa de factos; é uma coordenação systematica de idéas, relacionando os successos no mesmo corpo de doutrina, e apresentando-os nas dependencias mutuas, que forçosamente teem entre si.

O Anno Politico, surprehendendo os acontecimentos no momento em que surgem, pela ordem da sua successão, vae fazendo a historia palpitante e viva de um periodo social caracteristico, e acompanhando passo a passo a sua lenta e interessante evolução.

Escrepto com plena imparcialidade, sem nenhuma preocupação partidaria, sem pôr a mira em qualquer objectivo, que não seja o bem publico, **O Anno Politico** aprecia e pondera os factos segundo as intenções mais justas, reprehendendo-os ou louvando-os, quaesquer que sejam os seus responsaveis, mas nunca excluindo a corteza da fórma nem a correcção dos termos, nunca sacrificando á severidade, por maior que ella tenha de ser, o respeito e as atenções com as pessoas. E reciprocamente.

No meio da complexidade de phenomenos, cujo emmaranhado conjuncto constitue a crise geral, que o nosso paiz está atravessando, subdividida em uma multiplicidade de crises parciaes, **O Anno Politico** procura abrir caminho, fazer luz, nortear os espiritos, de modo que todos possamos ter consciencia da verdadeira situação publica, e animo para congregar esforços, afim de se remediar o muito, o quasi tudo, que indubitavelmente tem remedio.

O Anno Politico, elaborado e deduzido sem prevenção de nenhuma especie, isto é, não querendo vêr as cousas nem melhor nem peor do que são, deixa transpirar das suas paginas, para quem o souber lêr, conclusões animadoras. Accusa, em verdade, imprevidencias e desacertos de homens, defeitos e fatalidades de temperamento e de raça; mas confia plenamente, e sabe e diz porque o faz, nos instinctos e nas virtudes d'esta, na sua tenacidade e no seu esforço, redivivos sempre ante as crises maximas, e tem consciencia de lhe estar reservada na historia, continuadora do passado inextinguivel, uma futura e grandiosa missão.

Por isso, **O Anno Politico** não se prende com a politica pequena de um Portugal pequeno, que pequenos portuguezes só vêem; **O Anno Politico** alarga as suas vistas, tanto quanto pôde, por mais vastos horisontes, e chama as atenções das almas portuguezas para a maior politica, que compete, por direito e por dever, a um Portugal maior.

Assim, **O Anno Politico** só se trata de politica verdadeira; de politica nacional e bem intencionada; de politica experimental e scientifica, propria de politicos e não de policantes. Ao mesmo tempo, politica práctica, de possível applicação, de presuppsto bom senso e parece-nos que de bom conselho.

O Anno Politico é um livro sincero, offerecido ás meditações, á observação, a critica e á consciencia de toda a sociedade portugueza.

Chama a attenção d'esta para a Politica; procura despertar-a da sua culpada indiferença, interessal-a nas grandes preocupações publicas, lembrar-lhe os seus direitos e os seus deveres, avivar-lhe as virtudes civicas, convencel-a, enfim, a ella que é o povo, de que, sem educação politica, não é uma sociedade intelligente, uma sociedade civilisada, livre e soberana. E' um rebanho passivo, sempre á mercê de todos os exploradores e de todas as explorações.

INDICE

Introdução. — Revista geral politica do anno anterior.

Janeiro. — Terminação feliz da nossa guerra em Africa — Morte de João de Deus. — O poeta e o politico — Interpretação sociologica das homenagens a João de Deus — Regresso dos expedicionarios da Africa — Politica e festejos publicos.

Fevereiro. — Interesses politicos e recompensas militares — A expectativa nacional em materia politica — Horisontes turvos — A Imprensa e a Lei Nova — O passado do gabinete — Em volta da tribuna parlamentar.

Março. — Portuguezes na India e francezes em Portugal — A partilha d'Africa e os povos modernos — Chegada dos prisioneiros d'Africa — Colonias militares agricolas — Relatorios de fazenda e relatorios de campanha — Liquidações politicas — O livro do sr. conselheiro Fuschini.

Abril. — Herança politica e habilitação de herdeiros — As oito fórmulas da pilula ministerial — Impostos novos, crises permanentes e miserias antigas — Politica estrangeira e politica domestica.

Maió. — A novissima lei eleitoral — Aquillo que se chamou parlamento — Guilherme II e Mousinho d'Albuquerque — Marinha e assumptos correlativos — A colonisação do Alemtejo — El-rei D. Carlos, lavrador alemtejano — Marinha de guerra e exercito do ultramar — O Portugal maior.

Junho. — Nós e a França — Nós e a Inglaterra — Noções confusas de governo e desgoverno — O ultimo ataque — Não está tudo perdido — A volta da India — Imminencia de um partido tricephalo — Liquidações actuaes.

Julho. — Realidades e apparencias — Palavras a El-rei — A acção pessoal e constitucional do Poder Moderador.

Agosto. — Portugal e o parlamentarismo egypcio — A pasta da guerra e as reformas dos serviços militares.

Setembro. — Questões militares na ordem do dia — Influencias portuguezas na alma brazileira.

Outubro. — A crise politica e a sua razão de ser — Perspectivas eleitoraes, parlamentares e partidarias — O capitulo das interrogações politicas... sem resposta.

Novembro. — Quem nos deve governar — O paiz moderado — A formação dos partidos novos — Analyse da situação politica — Como sahir d'ella.

Dezembro. — O sophisma representativo — Um partido em busca de uma attitude — A Cuba hespanhola e as nossas futuras Cubas — Latinos e anglo-saxonios — O circulo do anno — Alegrias do começo e tristezas do fim — Conflictos luso-alemão — os grandes e os pequenos.

Pêdidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, LISBOA

JA ESTA A VENDA

O ALMANACH

ENCYCLOPEDICO

PARA 1897

(2.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

DIRIGIDO E PREFACIADO POR

EÇA DE QUEIROZ

Este volume, consideravelmente melhor que o do 1.º anno, rivalisa, na abundancia de materias, na sua intelligente disposição, na concisão e clareza com que os assumptos são expostos, no resumo dos principaes successos e descobrimentos scientificos do anno de 1896, na grande somma de conhecimentos e de noções práticas que nos ensina, e finalmente na disposição typographica e nas illustrações, — com os melhores Almanachs que se publicam no estrangeiro: tendo sobre elles a grande superioridade do prologo, do delicioso prologo que EÇA DE QUEIROZ expressamente escreveu e que é uma encantadora obra prima, uma verdadeira maravilha litteraria como só o glorioso auctor do *Crime do Padre Amaro* poderia escrever.

Um volume de 400 paginas,
com muitas gravuras, broch., 500 rs., cart., 600 rs
Pelo correio mais 50 rs.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, Lisboa

Branco e Negro



PREÇO 40 REIS

NAMORADOS

Nº 50

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell, etc.
Illustrações de toas
a classe de obras
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante.: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

METRONOMOS «ECLAIR»

A ultima novidade musical

O uso do Metronomo, tão interessante para o estudo de qualquer obra musical, tem sido relativamente restricto, em causa do seu preço e da complicação do seu machinismo, que a cada momento se deteriora, pondo o aparelho fóra de serviço. No **Metronomo «Eclair»** não ha machinismo, as oscillações são mathematicamente exactas, o que raras vezes se dá nos antigos, e além d'isso é absolutamente silencioso, portatil, elegante e barato.

Preços dos diferentes modelos

Cobre bronzeado.....	1\$500 réis	Nickel.....	2\$500 réis
Cobre polido.....	2\$000 »	Electro.....	3\$000 »

Estojes forrados de velludo e setim, proprios para offerecer os metronomos como brinde, réis 1\$200

UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 50

LISBOA, 14 DE MARÇO DE 1897

1.º ANNO

OS PRAZERES DA VIDA



PASSEIO NO RIO

“HOMENS,,

CAMILLO

HA tempos fui a Seide. A casa de Camillo tem o portão da quinta para um largo bem minhoto de carvalheiras, com o cruzeiro, a igreja ao fundo. O dia estava chavisquento e baço. Em cima, naquelle segundo andar agua-furtada, lá estavam as tres janellas que alumiam o gabinete de trabalho do escriptor, a olharem com os vidros partidos os montes escuros de Vermuim.

Tudo abandonado. Dir-se-ia que na ultima rajada um vento aziago e cheio de ralas varrera as tintas, para deixar um mausoleu escalavrado e presagiêto, como em certas casas das suas novellas. Tudo com um ar funebre de desprezo, de abandono triste. As hervas cresciam como barbas de mendigos; havia espigas de milho nas escadas— e ao pé da varanda, a *accacia do Jorge*, já legendaria e enorme, estendia as folhagens que afagavam a janella do quarto de dormir do romancista...

O dia estava chavisquento e baço. Naquelle silencio d'aldeia morta, annevoados os longes, com chuvas intermittentes a chorar, eu cuidei vêr a esguia figura do escriptor prodigioso, a fitar por entre os vidros o outono que



CASA DE CAMILLO CASTELLO BRANCO, em S. Miguel de Seide

amarellecia os campos, os choupos que estremeciam de hystericos, talvez a recordar a eterna vaidade dos homens... Era elle, pallido, quasi espectral, com o seu basto bigode romantico-marcial, a luneta electrica: era elle, já no descalabro do infortunio, contemplando a Vida, que lhe pareceu amarga e talvez futil,— e que afinal era sagrada como os deuses! A sua boca, num rictus sarcastico, devia ter agora, nesse sabor da morte, que ás vezes vem aos labios, o travo da ironia indizivel que para mim brilha sempre como lagrimas. E, certo, uma garra revolvía, naquelle coração crepitante, e áquella hora augusta, a poeira lustral das redemptoras bellezas . .

Estes dias teem confissões doloridas. Para certos temperamentos são o carneiro sepulchral, d'onde a alma aranca, a um livido tom de luzes, evocações e prantos. A elegia da vida e a belleza da morte. Dias de fleis defunctos.

A natureza evocava a vida de Camillo: um romantismo sacudido de ventanias meio doidas, em que a alma ia carpindo as coisas amantes, que lá se extinguiram nos torreões musguentos da novella portugueza — que deitam para o desespero e para o Mar... E todo esse vasto céo esfuminhado, necropole doce de illusões e deuses, «cemitario azul suspenso no espaço» nas palavras de Heine; todo esse céo apaixonado e nostálgico se riscava, como a sua alma, de relampagos satyricos, de risos crespos—que eu não sei se são a injuria dos homens atirada ao Destino.

Eu fico-me sempre melancolico junto dos velhos solares portuguezes. Recordam-me uma vida passada, tão differente da que o Naturalismo vestiu da blusa, que já se vae rompendo. . . Ha dentro d'aquelles muros heraldicos muita putredinea miseria, mas tambem ha muita grandeza austera, muita historia humana onde a alma lyrica e forte se vae suggestionar de perdida belleza. Não nol-as vem contar a poeira dos cadaveres. Esses casarões de mosteiros e solarengas ruinas erguem-se pelos dias de nevoa como tumulos mysteriosos do Passado. Os fidalgos dormem.

Camillo levanta-nos essas figuras orgulhosas, e põe-n'as nas estradas do Crime e da Aventura, com pistolas nos coldres, a cavalgar, por apaixonadas noites. A vida nacional até ao periodo naturalista ficou riscada em carvões magnificos por este homem que fazia caricaturas goyescas, d'onde, como ao hespanhol, a dôr botava sangue. Temperamento irregular, comprazia-se na apparente incoherencia : preferia (sobretudo no Amor) a agua-forte, ao lampido *pastel* dos moralistas profissionaes. Este povo, *talhado para o heroismo*, foi naturalmente guerreiro e poeta. Camillo era um representante da sua raça, com o scepticismo haurido na feira humana, ora subindo alto, ora chapinão nos paludes.

Eu sinto e vejo, recordando este homem, emoções supremas e coisas desaparecidas. Vejo, na originalidade da sua figura rebelde, a essencia d'um povo — com aquellas modificações que o genio escalda, e o coração d'um homem transfigura. E' o panno d um theatro excentrico que se levanta. . . No tablado descem, promiscuamente e demoniacamente, as suas personagens á primeira vista incoherentes, mas que dentro em nós tanto vivem e se rasram as carnes. Em piruetas d'um clownismo sinistro, ás gargalhadas nervosamente dolorosas (como em Offenbach) passam imbecis triumphaes, morgados bebados, fidalgos pulhas : depois mulheres hystericas, e d'uma formosura semelhante á dos grandes pintores da Hespanha. O seu bello feminino é bem peninsular e bem ardente, doce e amante, como elle exaggerado nas paixões crepitantes que se acendram no palor dos seus seios.

Entre as figuras altivamente peninsulares, Camillo assenta ao lado de Quevedo e de Bocage, sem o excesso pícaro a que um momento historico e litterario levou este poeta retumbante. Modificou-se aqui o aspecto da aventura. O scenario ainda continúa bastas vezes semelhante, mas é outra luz a que illumina a rampa. O obsceno fradesco, da chalaça avinagrada e torpe, se ás vezes ainda salta, é para logo se apagar nas loucas e desgrenhadas paixões. Camillo tão poderosamente inconfundivel, e mais ainda na morte purificadora, anda por educação lettrada e temperamento iberico, jungido, unido ás tradições peninsulares. O seu romantismo não se alarga no espaço, no mundo ; mas na sua paixão já ha por vezes belleza ; e a sua satyra, e a sua graça, posto que aparentados com as do padre José Agostinho, illuminam-se de espirito, e batem outras já claras azas de talento. A expressão com vernaculidades subjugava-o : depois marcava-as, que eram todas magnificas, na contrastaria prodigiosa do seu lexicon, Mas se a linguagem tinha reminiscencias, a verve suprema d'esse apaixonado ia no bando luminoso de Luciano e de Heine.

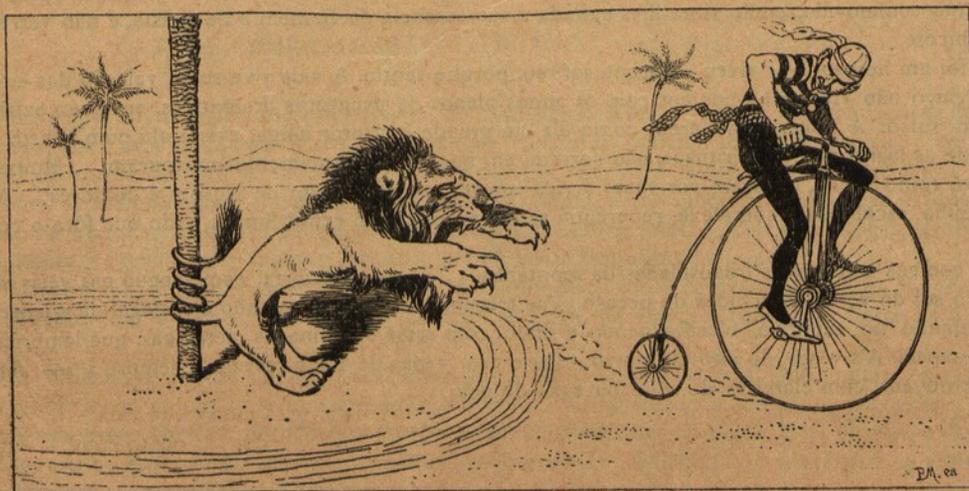
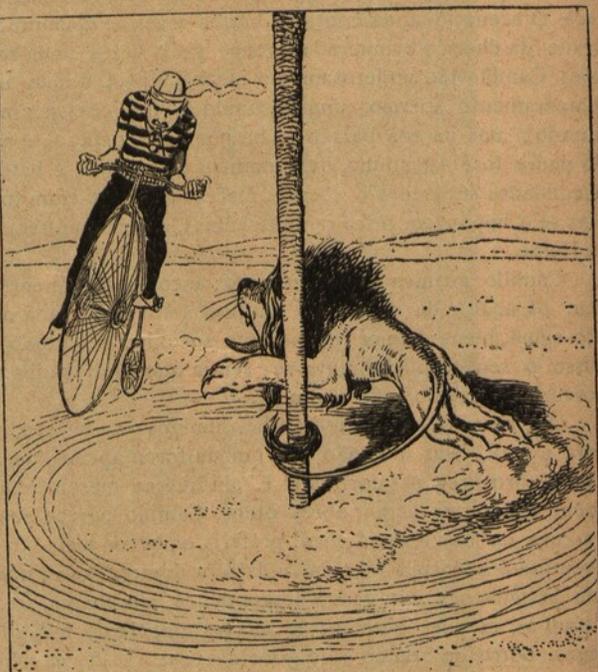
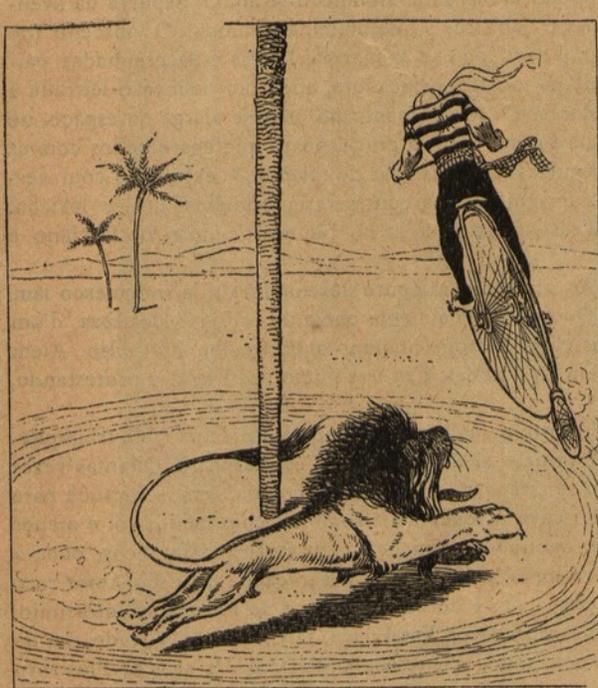
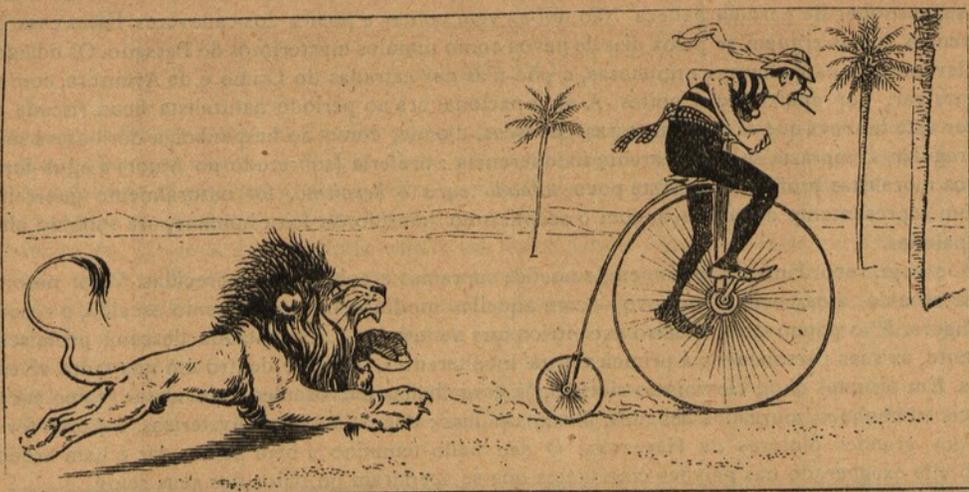
Camillo gostava de ser atacado ; incontestavelmente. Ao seu temperamento desequilibrado e romanesco iam bem os abalos da refrega : a sua penna era a toledana de Quevedo, egualmente cheia de brilho e destreza, d'um aço equal, plena d'amor incoherente aos olhos placidos, mas cheio de fogo humano a correr-lhe do pulso. Alem d'isso o seu orgulho agitava-se : sentia que os atacados eram os grandes. Era irrequieto ; soffria — e protestando, procurava talvez o soffrimento. . .

Ora ahi está porque a diatribe, luminosa de chasco, reluzente de audacia esplendida, lhe sahia facil, triumphadora e viril, pois que não era um desforço apenas, mas uma necessidade nervosa d'esse espirito. Quantas vezes parece procurar o infortunio ! E' ahi que ao mesmo tempo se crispa e se descança. Na vida, sempre grande para quem a não vir com pobres olhos, Camillo parece que buscava o logar mais sombrio, com menos sol e menos frescura de natureza idyllica : preferia os becos meia-edade, agoirados de nichos, com morcegos fatidicos, onde a Aventura e a Novella humana andassem desgrenhadas, num rodopio mysterioso e desgraçado. . . O seu Amor raro tem resignações extaticas : desgrenha-se, blasphema, traz crispções e dôres, até chegar ao resvalo do infortunio. Vemol-as, as suas heroínas emaciadas, impellidas pela mão resequida da Fatalidade. O Crime e a Virtude, um de negro, outro de branco e de grinaldas, passam-lhe na Obra com todo o seu cortejo classico. Os seus idyllios raro teem plenitudes de frescura ; o madrigal abre numa flôr meio venenosa. . . E' que pela obra de Camillo corre um rio turgido de sarcasmo que mancha as meias-tintas. Por detraz d'um claustro ou d'um confessionario ha a figura elegendaria do Diabo, a rir-se : e só quando a emoção brota de lances aventureiros e romanticos é que o grande escriptor se sente commovido, então vibra-lhes agitada a sua essencia de homem e de artista, e não verrúga os personagens a chicote.

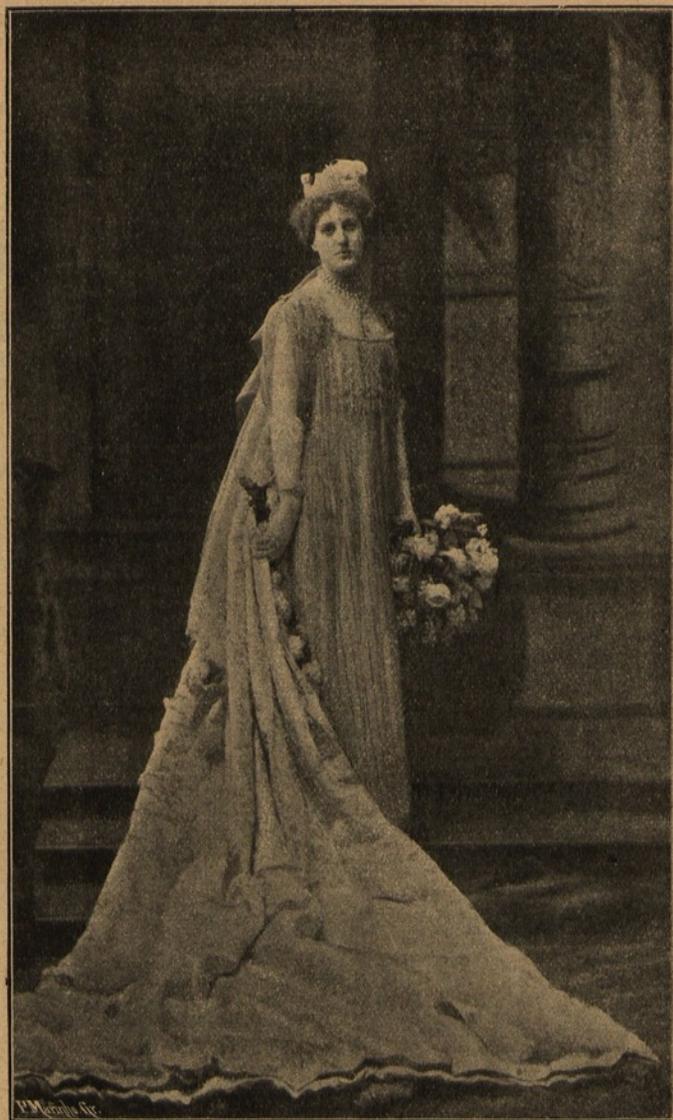
Camillo foi um homem que viveu — porque soffreu, porque sentiu. A vida vive-se na relação das emoções que temos. Um cynico não vive. E ha homens com os annos plenos de aventuras dramaticas, em que a existencia deslisou sem um sulco. A tragedia moderna, como diz um grande escriptor belga, existe ahi num quarto silencioso, em rostos onde as lagrimas, de espirituaes, não correm, em bocças que lentamente murmuram. . . Muitas apparentes tranquillos, como Amiel, pagaram por vezes á vida um tributo bem maior de illusões e de dores. . . Mas a existencia de Camillo, escabrosa e complexa, repercutia-se-lhe no peito em echos fundos, visto que fôra o coração que lh'a traçára.

Orphão, começa a correr as fragosidades da montanha. . . E' altivo e forte, com sangue nas veias vermelho e férvido, com o sol do verão na rubidez do occaso. Vae trepando ás rochas, pisando o matagal da encosta — e vae-se ensanguentando no caminho, blasphemando e rindo, com estas casquinadas metallicas, que lembram soluços, ouvidas a distancia. A's vezes, do alto do morro, olha o céu — mas de novo resvala, e sempre a sua alma lembra alguns dias de nuvens, com clareiras de sol e bategas de gelo.

Entradas de leão e saídas de sendeiro



MULHERES BONITAS



MISS EVELINA MILLARD, no *Prisioneiro de Zend* — (Phot. de Downey)

Cantares

Foi juntinho ao coração,
Resguardado do nordeste,
Que eu guardei com devoção
«A rosa que tu me déste.»

Com carinho, ternamente,
E' tratada a linda flôr;
De a beijar constantemente
«Já não é da mesma côr.»

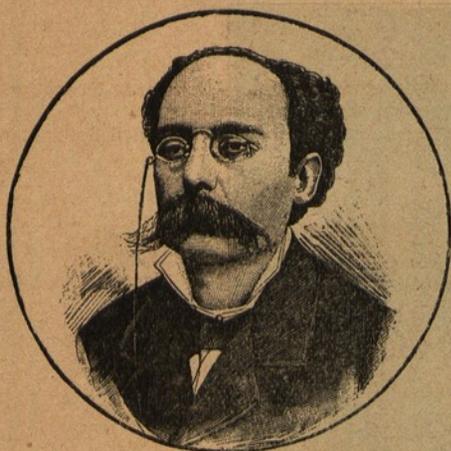
Mas apesar da mudança
De encantos mil se reveste;
Cada vez tem mais pujança,
«E' da côr azul celeste.»

E essa rosa emmurchecida,
Embora perdesse a côr,
Tem para mim tanta vida,
«Como o ceu do nosso amor.»

A rosa que tu me déste
Já não é da mesma côr:
E' da côr azul celeste,
Como o céu do nosso amor.

JOÃO DE DEUS.

A QUESTÃO DE CRETA



DR. CONSIGLIERI PEDROSO

O eminente professor do Curso Superior de Letras de quem damos o retrato, fez na segunda feira passada uma brilhante conferencia sobre Creta nas Salas da Sociedade de Geographia.

A conferencia versou principalmente sobre os antecedentes da questão actual.

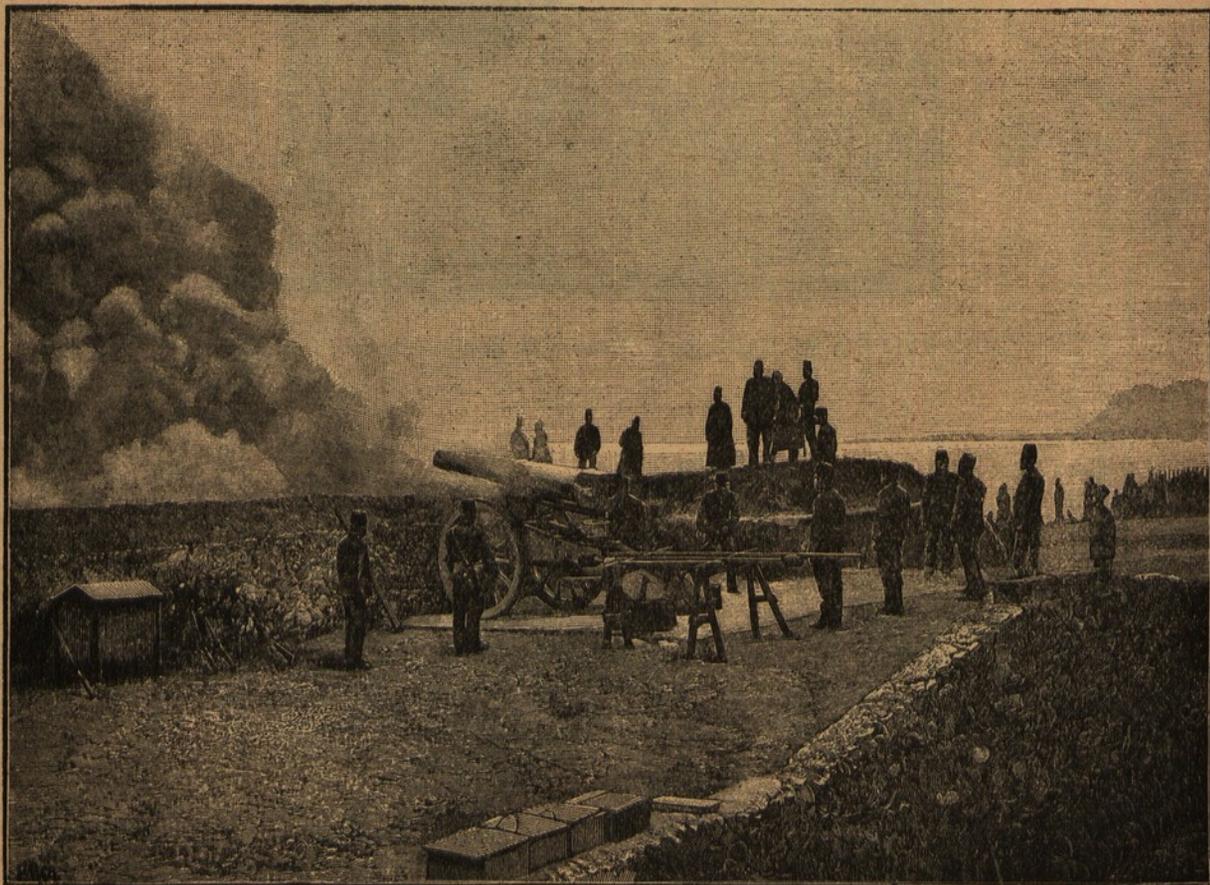
No primeiro quartel d'este seculo a diplomacia européa, ao talhar no mappa da Europa o novo reino da Grecia, deixou ficar fóra d'essa monarchia a ilha de Candia ou Créta, cuja população, aliás, é na sua maioria de raça grega, e cujo territorio constitue o natural limite sul da nação hellenica. Não obedeceu essa exclusão a um simples capricho; foi, sim, devida ao facto de ser a ilha de Créta um ponto estrategico de primeira ordem no Mediterraneo oriente, constituindo, portanto, a sua posse um elemento de capital preponderancia n'aquella região para o paiz que viesse a possuil-a. D'ahi, o preferirem as grandes potencias europeas, que de longa data se habilitam a herdar o espolio do *homem doente* do levante — a Turquia, — o deixarem a ilha na posse d'esta nação agonisante, pela esperanza de cada qual d'ellas vir a obtel a em partilha.

Com a abertura do canal de Suez, a importancia estrategica de Créta subiu extraordinariamente de ponto, como é facil de calcular. Maior ficou sendo, por conseguinte, para cada uma das grandes potencias, a ambição de a possuir.

Mas tambem as potencias, n'aquelle tempo de remodelação do mappa do Oriente, deixaram fóra do dominio grego as numerosas Ilhas Jonias, que eram essencialmente hellenic. Como tudo que é mero artificio da diplomacia, porém, essa imposição das potencias não pode manter-se, e foi revogada pela vontade dos povos interessados, passando aquellas ilhas a fazer parte integrante da nação grega.

Do facto de não ter ainda succedido o mesmo á ilha de Creta proveem todos os males que a sua população está soffrendo. Pode dizer-se que ha setenta e cinco annos a ilha de Creta se encontra em estado de revolução permanente ou quasi permanente; sendo incalculavel o sangue e os capitaes que se derramaram só na temerosa revolta de 1866.

A unica solução para essa situação, cada vez mais insustentavel, é o consentir-se na annexação da ilha á



BATERIA DE ARTILHERIA TURCA NA CIDADELLA DE CANEA

Grecia, como desejam as populações d'uma e d'outra; e o oppor-se a isso, pelas razões de mesquinho interesse proprio que as grandes potencias tentam defender, é uma vergonha para a Europa. Mas as lições da Historia dizem-nos que a vontade dos povos acaba sempre por prevalecer sobre as artificiaes combinações da diplomacia, e são por isso um incitamento á Grecia para proseguir altiva na sua obra de patriotismo, que tamanha sympathia desperta no coração de todos os homens livres.»

*

Um redactor do *Figaro* entrevistando o sr. Delyannis, presidente do conselho de ministros da Grecia, poz á sua disposição a tribuna do *Figaro*, com o unico desejo de informar da verdade os seus leitores.

— «A verdade, replicou o presidente do conselho nervosamente, é, como a justiça, muito difficil de brilhar no meio do tecido de mentiras em que nos envolvem voluntariamente.



PARTIDA DE ATHENAS PARA CRETA DO PRINCIPE JORGE DA GRECIA

«Como quer o sr. fazel-a conhecer quando os governos da Europa, ligados contra nós, a escondem aos seus povos? No parlamento inglez, por exemplo, o sub-secretario de Estado, respondendo a uma interpegação sobre a Grecia, ousou declarar que não tinha recebido nenhuma nota do governo grego protestando contra o bombardeamento; ora essa nota foi mandada por ordem minha ao gabinete inglez por intermedio do nosso ministro em Londres.

«Para que servem estas mentiras? Podiam ter dito que o não tinham lido, esse protesto tão cathorico, o que seria possivel, mas o que é vergonhoso é negar que receberam!

«Nesta questão de Creta, que deveriam ter-nos deixado regular sósinhos com a Turquia, em plena independencia, nós que não ameaçamos ninguem, não é nem a importancia, nem a extensão, nem a riqueza da ilha que dictaram a nossa conducta, mas unicamente a preocupação de salvar esse pequeno povo honesto, intelligente, oppri-



PRINCIPE JORGE DA GRECIA



PAPAMALEKO,
um dos principais chefes da insurreição cretense



BEROVITCH-PACHA, governador de Creta



FORTE DE PALEOCASTRO, NA BAHIA DE SUDA (CRETA)



AS ESQUADRAS INGLEZA, AUSTRIACA E TURCA NA BAHIA DE SUDA

mido e massacrado. Aquella gente é nossa irmã. Ora, todos os annos, depois, pouco a pouco, todos os mezes, quasi todas as semanas, havia verdadeiras revoluções para sacudir o jugo sanguinario que se impunha áquelle valoroso paiz. Creta era agitada pelas atrocidades commettidas em nome do Sultão, as aldeias eram incendiadas pelos turcos, os homens eram assassinados, as mulheres violadas.

«Como queria que o governo grego podesse dominar a colera que bramia em todos os cantos do nosso paiz ao saber-se a noticia de semelhantes massacres? Como é que a Europa quer fazer calar a nossa legitima indignação, se não quiz fazer cessar taes atrocidades?

«E o que se passava no nosso paiz ha uma porção de mezes? Os refugiados cretenses chegavam á Grecia, vi-nham supplicar-nos que soccorressemos as suas familias e pedir-nos que os salvassemos da fome. Assim, no meio das difficuldades do nosso orçamento, vimo-nos obrigados a alimentar milhares e milhares de refugiados cretenses,



INSURRECTOS CRETENSES ATACANDO OS TURCOS

a vestil-os e a tratál-os. Temos n'esta hora, no nosso solo, vinte e oito mil refugiados cretenses, que nos custam trinta mil francos por dia.

«Não é para admirar, assim, que as finanças gregas estejam pouco prosperas! E imagina a Europa que nós poderemos melhora-las emquanto a questão cretense, que nos traz taes encargos, não estiver resolvida?

— «Mas ao menos pagarão os *coupons* da divida?

— «Como poderemos nós pagar-os quando a politica fatal das grandes potencias nos arrasta a despezas ainda mais peizadas? E' preferivel isso a deixar de morrer de fome os refugiados cretenses!

— «V. Ex.^a, que dirige com o rei a politica do governo grego, n'uma phase tão difficil, pensa que em presença da nota comminatoria das potencias, a attitudo da Grecia se modificará?

— «E' nos impossivel recuar, replicou o sr. Delyannis, accentuando todas as palavras, impossivel sob todos os pontos de vista.

«O povo nunca o permitirá.

— «Mas, pelo menos, o governo mandará retirar as tropas de Creta?

— «Não, absolutamente não!

— «E o que fará, sr. presidente de conselho, se as potencias empregarem a força contra o seu paiz?

— «As potencias terão de vencer a Grecia inteira. Entretanto, que ellas saibam que a retirada das nossas tropas seria o signal de um massacre espantoso, que só as nossas tropas, por um effeito mais moral que material, impedem n'este momento em Creta.

«A Europa é responsavel pelos milhares de vidas já perdidas; se ella nos obrigar a isso pela força dos seus canhões, será responsavel, perante a humanidade, pela guerra da Grecia e pelas suas consequencias, da carnificina mais colossal que até hoje tem havido no mundo.

— «V. Ex.» auctorisame a referir estas palavras que constituem uma verdadeira resposta antecipada ao *ultimatum* das potencias? Posso telegraphal-as ao *Figaro*?

— «Póde; e póde affirmar, replicou o sr. Delyannis com uma nova energia, póde affirmar que a Grecia não retirará as suas tropas de Creta, que a Grecia não acceta a autonomia de Creta, que pede o plebiscito, e que, a ter de recuar diante das ameaças, preferiria desaparecer do mappa da Europa.»



INSURRECTOS CRETENSES FAZENDO SIGNAES COM FOGUEIRAS NAS MONTANHAS

Nada faz ainda prevê qual o desfecho d'esta momentosa questão.

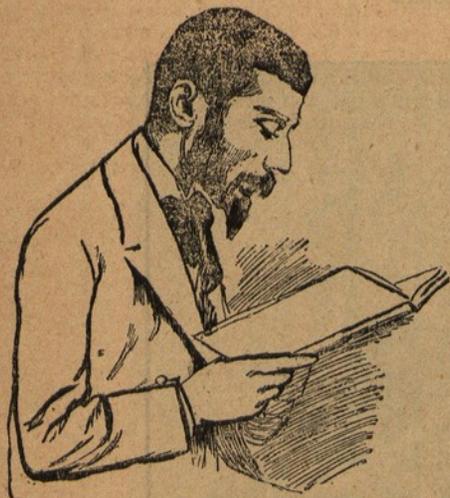
O resumo do texto official da nota com que o governo grego responde á nota das potencias é o seguinte :

«A Grecia na sua resposta ás potencias pede que lhe seja annexada a ilha de Creta em nome dos direitos historicos e em nome da comunidade de religião e de raça; declara-se todavia disposta a retirar das aguas de Creta a sua esquadra, caso as potencias entregassem ao exercito grego a obra da pacificação, depois de cujo cumprimento os cretenses exprimiriam livremente a sua opinião.»



ESCRITORES MORTOS

MONIZ BARRETO



MONIZ BARRETO

(Desenho do pintor brasileiro Belmiro)

NATUREZA essencialmente critica, espirito agudicissimo, d'uma cultura litteraria relativamente grande entre nós, — Moniz Barreto, o morto querido de que hoje vamos falar, em traços rapidos, occupava um lugar verdadeiramente distincto entre a geração do nosso tempo. Filho das Indias Portuguezas, d'um temperamento melancholico, havia na sua alma tão repassada de bondade, um pouco d'esse divino pantheismo das terras do sol e do mysterio! E' por isso mesmo que nos seus estudos criticos de litteratura pura, o ideologo e o psychologo transpareciam sempre na sua prosa limpida e expressiva, poucas vezes espectacularmente dita, mas d'um criterio seguro d'analyse, como muito bem notou Silva Gaio, no seu trabalho *Os Novos*.

Algumas notas biographicas: Guilherme de Moniz Barreto nasceu em Goa e descendia d'uma das mais illustres familias portuguezas estabelecidas na India, em meados do seculo XVII. Era filho do coronel Hermenegildo de Moniz Barreto e neto, por parte de sua mãe, do 1.º visconde de Barcellos, que foi director da Eschola de Mathematica de Nova Goa. Ainda rapaz, depois de ter feito os seus primeiros exames no lyceu ultramarino, veio para Lisboa concluir os seus estudos d'instrucção secundaria, matriculando-se em seguida no Curso Superior de Letras. Muito intelligente como quasi todos os filhos da nossa India que frequentaram as Escholas Superiores portuguezas obteve um diploma de distincção e seguro, com todos esses documentos ao vêr aberto no *Diario do Governo* um concurso de professor de philosophia no Collegio Militar da Luz resolveu requerer e apresentar-se. Mas — foi esta a sua primeira desillusão! — o concurso nunca teve lugar e a cadeira foi dada a um amigo dos ministros

que certamente, como quasi sempre succede, devia ter menos habilitações do que o digno e intelligente moço de quem já por essa occasião dizia Anthero do Quental que era uma das raras esperanças da mocidade portugueza. Para não morrer de fome, afim de poder vegetar um pouco, obteve um lugar secundario nas Bibliothecas Municipaes de Lisboa. Foi com esse parco ordenado que ahi viveu até partir para Paris onde, graças á dedicacão d'Eça de Queiroz que o recommendara vivamente a Eduardo Prado, alcançou o lugar de correspondente do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro.

Mas um dia, com o desejo d'uma vida mais larga, partiu para Pernambuco onde contava com o apoio de Oliveira Lima e do grupo d'amigos d'este illustre escriptor e diplomata brasileiro. Pouco tempo ali esteve, porque dois ou tres mezes depois escrevia-nos elle do Rio, participando-nos que vinha de novo para a Europa, como correspondente do *Jornal do Commercio*, logar vago então. O clima do Rio foi o principal motivo que o obrigou a abandonar um lar e plano de vida que contava realisar no Brazil. Eil-o de novo em Paris e no seu querido bairro latino que nunca abandonára. Debil, neurasthenico, já corroido pela tuberculose latente, morphimano a espaços, os invernos eram-lhe sobretudo insupportaveis n'esta temperatura aspera de Paris.

Passava dias a seguir na cama, a tossir, com o peito concavo, magro quasi até á fórma esqueletica, os olhos encovados, com profundas olheiras pelas insomnias que passava, — mas o estado de saude não o impedia de tagarellar com os amigos, com o espirito sempre vivo, de replica prompta, nunca sarcastica, mas seria, temperada de bondade, sem uma queixa e d'uma vasta indulgencia.

Quando perdeu de novo a sua correspondencia do Brazil, ficou por aqui a dar licções de francez e de portuguez. Muito economico, nunca soffreu quaesquer privações. Depois de morto, no inventario, encontrou-se-lhe no fundo d'um bahu cerca de 2:000 francos, somma com que foram cobertas as despesas do seu funeral, na igreja de S. Francisco Xavier.

Moniz Barreto poucos dias esteve doente. N'um domingo do começo de dezembro fôra jantar a Auteuil, a casa do Barão do Rio Branco. Muito debil, de cada vez mais fraco, com um eterno ar de frangão depenado, o frio cortante d'essa noite d'inverno feriu-o com uma pneumonia. No dia seguinte principiou a queixar-se d'uma pontada, sem poder expectorar, já com um começo de febre. Na casa de hospedes onde vivia, na *rue Thenard*, o serviço era detestavel e de tal maneira horrivel que deixaram o pobre rapaz trinta e tantas horas sem comer! Foi o nosso e seu querido amigo, o distincto 1.º secretario da legação de Portugal em Paris, o sr. Bartholomeu Ferreira quem o veio encontrar quasi exausto de forças, após tão prolongado jejum. Sem mais demora, fê-lo transportar para a Casa de Saude dos *frères de Saint Jean de Dieu*, na rua Oudinot, prevenindo ao mesmo tempo todos os amigos. No dia immediato principiou a romaria. Não obstante a prohibição dos medicos, ninguem queria desamparar a cabeceira do doente querido. Borges de Castro, Julio Ferreira Lopes, Ferro, Domicio da Gama, dr. Ferreira, vellavam constantemente o pobre compatriota agonisante. Lá estivemos por duas vezes e nas ante-vesperas do fatal desenlace ainda tinhamos vagas esperanças, não obstante as palavras do dr. Cisneiros Ferreira que intelligentemente previra o fim proximo do nosso querido amigo e que, primeiro do que o medico da Caza de Saude, atinava com o diagnostico exacto da doenca.

Morreu como um *passarinhol* disse-nos o frade que o cuidava, na manhã do dia 28 de dezembro, quando, em companhia do escriptor Louis Pilate de Brinn'Gaubast iamos visitar o pobre doente.

O *croquis* que publicamos acima, do nosso querido extinto, é do glorioso artista Souza Pinto. Foi feito em frente do cadaver, no rez-do-chão da Casa de Saude, na pequena sala contigua á capella ardente. Embora redução incompleta do artistico desenho do pintor portuguez, é este comtudo o unico retrato que existe de Moniz Barreto. Todos os seus amigos de Paris, os dois irmãos Ferreiras, Domicio da Gama, Eça de Queiroz, Julio Lopes, Borges de Castro, Caetano Domingues nos affirmaram que não lhe tinham visto nunca qualquer photographia. Tem portanto este *croquis* um alto valor documentario. Agradecemos aqui a Sousa Pinto a maneira graciosa como accedeu ao nosso pedido quando lhe significamos o desejo que tinhamos de possuir um desenho ha *crayon* dos traços physionomicos do querido camarada morto.

Qual é o lugar de Moniz Barreto entre os escriptores da moderna geração? Uma posição importante mas não preponderante. Este moço escriptor não exerceu influencia directa entre a gente do seu tempo porque deixou uma bagagem litteraria pequena, embora rica em qualidade. A sua obra é resumida e na maior parte dispersa na tarefa ingloria do labor quotidiano do jornal. Fôra os dois folhetins sobre *Oliveira Martins* e *Carta a El-rei D. Luiz*, o resto são estudos primorosamente bem feitos na *Revista de Ensino*, na *Revista de Portugal*, no *Reporter*, no *Jornal do Recife* e no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Muitos d'esses estudos nem mesmo estão assignados. Mas só os artigos que elle publicou na revista de Eça de Queiroz eram o sufficiente para dar um bom volume regular, em pequeno formato, de cerca de 200 paginas. Moniz Barreto apenas publicou, d'uma vez, uns versos e se bem me recordo, offerecidos a Gomes Leal, um poeta que elle muito admirava, pois que até sabia de cór trechos das *Claridades do Sul*. O illustre professor, Ferreira Deusdado que tão intimamente conheceu Moniz Barreto, que foi o seu companheiro de todos os dias, em Lisboa, e que assistiu a tantas palestras philosophicas entre o querido extinto e Anthero do Quental, em Lisboa, escreveu ha pouco n'um jornal, que os directores mentaes de Barreto foram Taine, Hennequin e Guyau. De resto, em Paris, havia um volume que elle consultava amiudadas vezes: os *Problemas da Esthetica Contemporanea* de Guyau. Conhecendo bem o inglez, lia com interesse as obras dos criticos John Ruskin, Buchanan, Wood, Carlyle, Morris e seguia todo o movimento intellectual inglez que vem de Spencer ao individualista John Henry Mackay.

Como já dissemos, Moniz Barreto não teve influencia precisa sobre a mocidade do seu tempo, mesmo porque



MONIZ BARRETO no leito da morte, desenho do pintor portuguez Sousa Pinto

são raros hoje aquelles que podem influir sobre a marcha das ideias e sobre os modos de vêr em arte. A litteratura moderna, de tendencias libertarias, é de cada vez mais individualista. Entre nós, em Portugal só Theophilo Braga conseguiu renovar o espirito de mais d'uma geração, imprimindo uma disciplina mental ao movimento critico dos que tentavam reagir contra a dissolução romantica e dando uma impulsão hegemonica ás actividades bem orientadas. Teixeira Bastos é o discipulo intelligentissimo e mesmo o continuador da obra do Mestre. Por outro lado Anthero do Quental, um hegeliano da vanguarda, todo cheio de germanismo, e que, como elle nos disse na sua *Auto-biographia*, apenas preferia dos francezes Michelet e Proudhon, por estes dois se ressentirem mais do espirito de Alem-Rheno, tambem exerceu uma certa influencia sobre os mais brilhantes escriptores como Eça de Queiroz, Junqueiro, Oliveira Martins, Batalha Reis, etc. Moniz Barreto pendeu sempre para as especulações philosophicas e para as concepções d'alta metaphysica d'este grupo tão intelligentemente superior. D'ahi o seu convivio intimo com Anthero e sobretudo com Oliveira Martins de que elle nos deu um estudo critico tão completo. E já que fallamos em espiritos superiores, convem não esquecer que ha no Porto um cerebro poderosissimo, uma individualidade rara no meio sem estímulos da provincia, — e que seria cá fóra um dos novos europeus mais em vista se elle escrevesse n'outra lingua que não fosse o tão ignorado portuguez. Queremos fallar do Bruno (José Pereira de Sampaio), velho camarada e amigo de ha mais de quinze annos. O materialista irreconciliavel da *Analyse da Crença Christã*, o critico distinctissimo da *Geração Nova*, o pensador tão profundo, tão erudito e tão avançado das *Notas do Exilio*, esse é talvez d'entre os novos o que tem podido conquistar o lugar indiscutivelmente superior. Quantas vezes em palestras intimas, Moniz Barreto nos não fallava do Bruno, com palavras da mais sincera e da mais justa admiração!

Pobre e querido irmão d'armas! — morto aos trinta e tres annos, longe dos seus, em terra estrangeira, no inverno pardo do norte, sem as avelludadas caricias do sol que elle tanto adorava! Dorme na paz eterna da materia, longe do repulsivo contacto dos maus, das purulentas invejas, dos impotentes odios. Dorme o somno que não tem fim, meu bom camarada, alma pura de forte e de justo!

Paris, 27 de janeiro de 1897.

XAVIER DE CARVALHO.

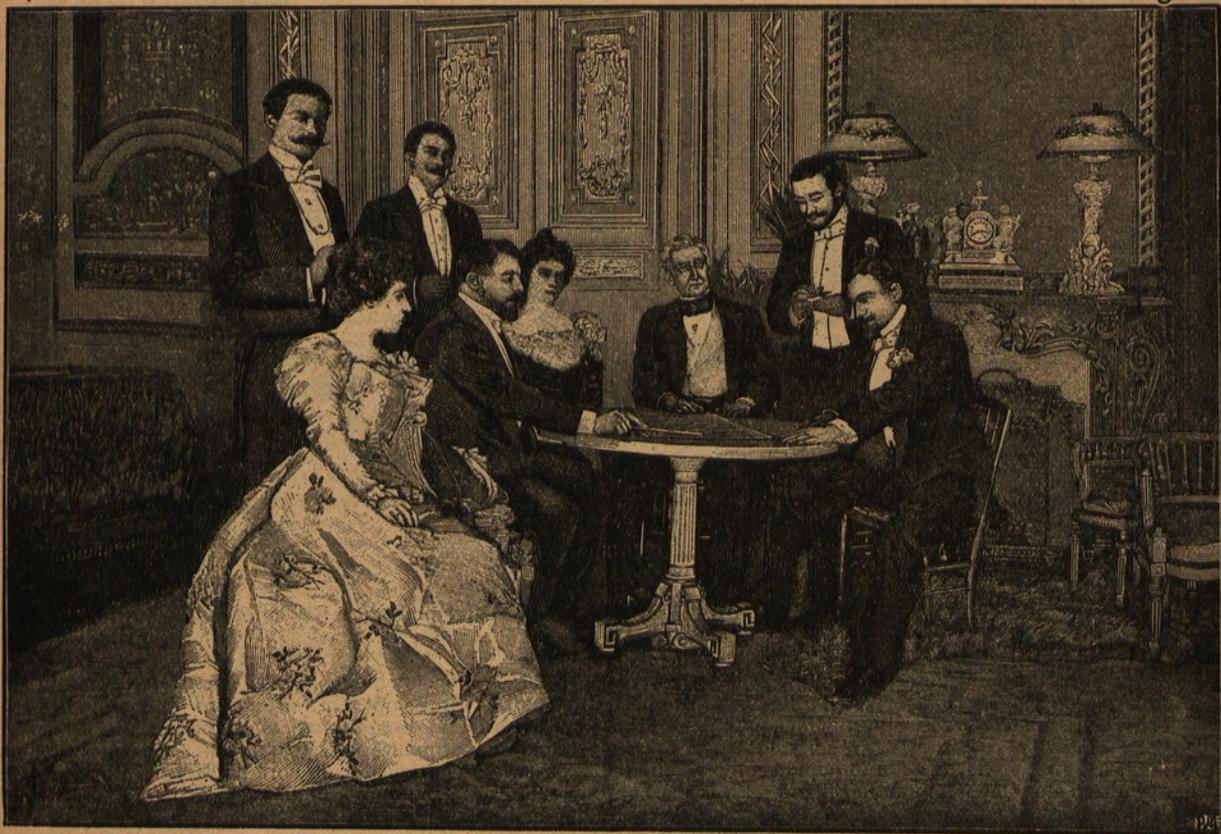
RECTIFICAÇÃO

Por lapso da revisão, deixou de sahir assignado o artigo especial sobre a Penitenciaria, que é devido á penna do nosso primoroso collaborador artistico e litterario, Arnaldo Fonseca.

ESPIRITISMO

COM este titulo sensacional, Victorien Sardou fez representar no Theatro da Renaissance, de Paris, a sua ultima peça. Em volta d'ella tem-se feito um grande ruido e não teem faltado as discussões em todos os jornaes.

Francisque Sarcey, no seu folhetim quinzenal do *Temps*, criticou com vivacidade os meios empregados por Sardou para estabelecer diante dos espectadores a questão espirita. Depois de uma longa discussão entre scepticos e crentes, estes installam-se á roda de uma meza para a interrogar. Em cima da meza é collocado um alphabeto. O *medium* Davidson, armado de um pequeno bastão, que é a sua vara magica, designa alternativamente cada letra. A meza, inspirada pelo espirito invisivel, bate uma pancada quando chega a letra precisa. As letras formam palavras; as palavras phrases; e as phrases constituem respostas perfeitamente intelligiveis. Sarcey não se



THEATRO DA RENAISSANCE DE PARIS — Scena da meza fallante no 1.º acto do *Espiritismo*, de Sardou

deixa lograr. Diz que ha um *truc* para fazer mover a meza. Quando ella bate uma pancada, em vez de estremecer com uma curiosidade anciosa, elle diz consigo: «Ora! E' o ponto que faz aquelle barulho na sua caixa!»

Esta supposição de Sarcey é falsa, pois não é este o *truc* imaginado por Sardou. O que funciona actualmente no theatro da Renaissance é o seguinte:

Por baixo do palco um cordão que atravessa o sobrado marca o lugar do pé da meza e uma tabua indica a cadeira em que o *medium* Davidson está sentado. E' entre este cordão e esta tabua que está, não um comparsa vulgar, mas um velho artista chamado Piron, armado de uma enorme matraca: o ruido da matraca é o unico, parece, que recorda exactamente aquelle que os espiritos fazem. E para que cada pancada se faça ouvir a proposito, nem cedo nem tarde de mais, com medo que o artista, apesar de muito attento, não ouça o signal que lhe vem da scena, tem debaixo dos olhos uma lampada de incandescencia; por interrupções e restabelecimentos da corrente, ella apaga-se ou accende-se: todas as vezes que ella brilha, a matraca dá uma volta no encaixe.

Nos Estados-Unidos, onde toda a gente tem pressa mesmo quando interroga os espiritos, inventou-se coisa melhor.

Sobre uma tabua lisa estão impressos: um alphabeto completo, os algarismos de 1 até 9, e as palavras *Yes*, *no*, *good bye*, algumas estrelas e crescentes da lua. A marca *Ouija* é a mais apreciada. Um pequeno tripé em forma de coração, com os pés envolvidos em feltro, completa a meza fallante.



O ESPIRITO QUE SE REVELA

inimigos ; fazei emfim com que, pelos sentimentos de que fôrmos animados, reconhecamos a vossa salutar influencia.

«Dae aos médiums que encarregardes de nos transmitir os vossos ensinamentos a consciencia da santidade do mandato que lhes é confiado e da gravidade do acto que elles vão cumprir, afim de que o desempenhem com o fervor e o recolhimento necessarios.

«Se, na assembleia, se encontrarem pessoas que sejam attrahidas por outros sentimentos que não sejam os do bem, abri os seus olhos á luz, e perdoae-lhes, como nós lhes perdoamos, se ellas vierem com intenções malignas.

«Pedimos especialmente ao Espirito de X***, nosso guia espiritual, que nos assista e véle sobre nós.»

Oração : (Para o fim da reunião) «Agradecemos aos bons Espiritos que quizeram vir communicar connosco ; pedimos-lhes que nos ajudem a pôr em pratica as instrucções que elles nos deram e que façam com que, sahindo d'aqui, cada um de nós se sinta fortificado na pratica do bem e do amor do proximo.

«Desejamos igualmente que essas instrucções sejam aproveitaveis aos Espiritos soffredores, ignorantes ou viciosos, que tenham assistido a esta reunião, e sobre os quaes nós chamamos a misericordia de Deus.»

Costa tudo um dollar. As passagens principaes da maneira de se servir d'ella são as seguintes :

1.º — Collocae a tabua sobre os joelhos de duas pessoas, homem e mulher de preferencia, e mettei a pequena meza sobre a tabua. Poisae os dedos levemente mas com firmeza, sem se encostar muito á meza a fim de a deixar mover livremente. Depois de uma espera de um a cinco minutos, a meza começará a mover-se, a principio lentamente, depois mais depressa, e fallará então ou responderá ás perguntas, tocando rapidamente com o pé da frente, nas palavras e nas letras impressas ;

2.º — E' essencial que seja só uma pessoa a fazer as perguntas, a fim de evitar confusões ;

3.º — Não deve estar em volta da meza nenhuma pessoa que não seja seria e respeitosa ;

4.º — A *Ouija* é um grande mysterio e affirmamos que em todos os tempos e em todas as circumstancias ella funcionará egualmente bem ; mas garantimos que com paciencia e juizo ella irá além das vossas esperanças...

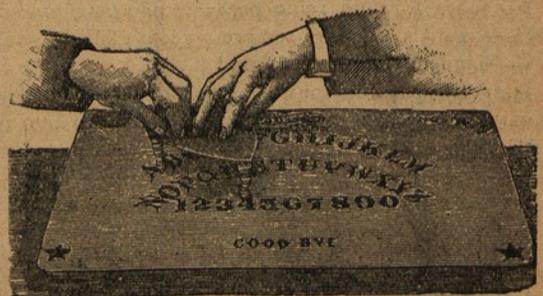
Este prospecto é modesto de mais. O merito da nova meza fallante está universalmente reconhecido em todos os Estados-Unidos, onde, desde que ella appareceu, cada um conversa á vontade, sem fadiga e sem muita despez, com os seus ausentes e os seus mortos.

Por curiosas, damos as orações que se devem dizer, *in petto*, no começo e no fim de cada reunião espirita :

Oração : (No começo da reunião) «Pedimos ao Senhor Todo - Poderoso que nos envie bons Espiritos para nos assistir, que affaste os que poderiam induzir-nos em erro, e que nos dê a luz necessaria para distinguir a verdade da impostura.

«Desviae tambem os espiritos malevolos, incarnados ou desincarnados, que poderiam tentar lançar a desunião entre nós, e desviar-nos da caridade e do amor do proximo. Se alguns procurarem introduzir-se aqui, fazei com que não achem accesso no coração de nenhum de nós.

«Bons Espiritos que vos dignaes vir instruir-nos, torne-nos doceis aos vossos conselhos ; desviae-nos de todo o pensamento de egoismo, de orgulho, de inveja e de ciume ; inspirae-nos a indulgencia e a benevolencia para os nossos semelhantes presentes ou ausentes, amigos ou



MEZA FALLANTE AMERICANA



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

A Christinita, uma das minhas pequenas e queridas leitoras, ficou tão entusiasmada com o conto da sr.^a Marianna, que por sua vez lhe quiz offerecer esse, feito por ella nas suas lições de portuguez. Tem muito bom coração a Christinita e não se envergonha d'estimar os humildes, as pobresinhas de Christo cuja unica riqueza consiste nas illusões dos seus contos de fadas. Deus queira que a pequena Christina se conserve assim — ingenua e bôa como é! — permittisse Deus que nós todas ficassemos como ella, amigos dos pobresinhos, só comprehendidos pelos simples, rodeados de crianças e flores! Queridos amiguinhos, quando d'aqui a annos fordes senhoras e homens feitos, haveis de ter muito soffrimento, muita magua que ninguem poderá consolar e então haveis de lembrar-vos com saudade d'estes tempos felizes em que lêdes com interesse os contos da vossa amiga

ANNA DE CASTRO OSORIO.

O TOCADOR DE REBECA

(Offerecido á sr.^a Marianna)

ERA uma vez um tocador de rebecca que tinha um filho de cinco annos e andava pelo mundo a tocar. Uma noite embriagou-se e caminhava pelas ruas seguido do seu filhinho que chorava tranzido de frio, molhado até aos ossos. Já não podia mais e disse :

— Meu pae, meu paesinho, peço-lhe que ao menos me dê um bocado de pão que tenho muita fome !

O pae enfatiou-se de o ouvir, e como estava bebado, que é o mesmo que estar doido, atirou com o filho de encontro a uma parede dizendo :

— Ninguem viu, ninguem viu !

Foi para fóra do reino para lhe não perguntarem pelo Tapazinho. Andou por lá muitos annos e cada vez se embriagava mais e andava sempre a ver o filho em sonhos e a gritar :

— Ninguem viu, ninguem viu !

Até que, passado muito tempo, foi ter de novo á sua terra e já ninguem o conhecia. Foi dormir a uma hospedaria onde estava mais gente e como vivia muito triste, ralado pelo remorso bebeu vinho até perder o juizo e então começou a gritar com uma voz tão feia que mettia horror :

— Ninguem viu, ninguem viu !

Os companheiros perguntaram-lhe :

— O que foi que ninguem viu ?

— Assassinei o meu filho ! Atirei com elle a um rochedo ; mas ninguem viu, ninguem viu !

Ficaram todos horrorisados e logo de manhã chamaram a policia que levou o tocador de rebecca, preso. Elle confessou a verdade, arrependeu-se e construindo uma ermida no sitio onde tinha commettido o crime alli acabou os seus dias virtuosamente.

S. Martinho do Porto.

CHRISTINA RINO FROES.

FERNANDES COSTA

O ANNO POLITICO

(1896)

Primeiro anno de publicação

Um volume de 420 paginas, brochado, 800 rs., encadernado, 1\$000 rs.
Pelo correlo, mais 50 réis

O Anno Politico é o estudo minucioso, feito semana a semana, dos acontecimentos politicos mais sa-
hentes, que interessaram a sociedade portugueza, no periodo a que é referido.

Não é uma exposição noticiosa de factos; é uma coordenação systematica de idéas, relacionando os suc-
cessos no mesmo corpo de doutrina, e apresentando-os nas dependencias mutuas, que forçosamente tem entre si.

O Anno Politico, surprehendendo os acontecimentos no momento em que surgem, pela ordem da sua
successão, vae fazendo a historia palpitante e viva de um periodo social caracteristico, e acompanhando passo
a passo a sua lenta e interessante evolução.

Escripto com plena imparcialidade, sem nenhuma preocupação partidaria, sem pôr a mira em qualquer
objectivo, que não seja o bem publico, **O Anno Politico** aprecia e pondera os factos segundo as intenções
mais justas, reprehendendo-os ou louvando-os, quaesquer que sejam os seus responsaveis, mas nunca excluindo
a cortezia da forma nem a correção dos termos, nunca sacrificando á severidade, por maior que ella tenha de
ser, o respeito e as atenções com as pessoas. E reciprocamente.

No meio da complexidade de phenomenos, cujo emmaranhado conjuncto constitue a crise geral, que o
nosso paiz está atravessando, subdividida em uma multiplicidade de crises parciaes, **O Anno Politico** pro-
cura abrir caminho, fazer luz, nortear os espiritos, de modo que todos possamos ter consciencia da verdadeira
situação publica, e animo para congregar esforços, afim de se remediar o muito, o quasi tudo, que indubita-
velmente tem remedio.

O Anno Politico, elaborado e deduzido sem prevençõ de nenhuma especie, isto é, não querendo vêr
as cousas nem melhor nem peor do que são, deixa transpirar das suas paginas, para quem o souber lêr, con-
clusões animadoras. Accusa, em verdade, imprevidencias e desacertos de homens, defeitos e fatalidades de
temperamento e de raça; mas confia plenamente, e sabe e diz porque o faz, nos instinctos e nas virtudes
d'esta, na sua tenacidade e no seu esforço, redivivos sempre ante as crises maximas, e tem consciencia de lhe
estar reservada na historia, continuadora do passado inextinguivel, uma futura e grandiosa missão.

Por isso, **O Anno Politico** não se prende com a politica pequena de um Portugal pequeno, que pequenos
portuguezes só vêem; **O Anno Politico** alarga as suas vistas, tanto quanto pôde, por mais vastos horison-
tes, e chama as atenções das almas portuguezas para a maior politica, que compete, por direito e por dever,
a um Portugal maior.

Assim, n'**O Anno Politico** só se trata de politica verdadeira; de politica nacional e bem intencionada;
de politica experimental e scientifica, propria de politicos e não de policantes. Ao mesmo tempo, politica prática,
de possivel applicação, de presupposto bom senso e parece-nos que de bom conselho.

O Anno Politico é um livro sincero, offerecido ás meditações, á observação, a critica e á consciencia
de toda a sociedade portugueza.

Chama a atenção d'esta para a Politica; procura despertal-a da sua inercia, da sua culpada indifferença,
interessal-a nas grandes preocupações publicas, lembrar-lhe os seus direitos e os seus deveres, avivar-lhe as
virtudes civicas, convencil-a, emfim, a ella que é o povo, de que, sem educação politica, não é uma sociedade
intelligente, uma sociedade civilisada, livre e soberana. E' um rebanho passivo, sempre á mercê de todos os
exploradores e de todas as explorações.

INDICE

Introdução. — Revista geral politica do anno
anterior.

Janeiro. — Terminação feliz da nossa guerra em
Africa — Morte de João de Deus. — O poeta e o politico
— Interpretação sociologica das homenagens a João de
Deus — Regresso do expedicionarios da Africa — Poli-
tica e festejos publicos.

Fevereiro. — Interesses politicos e recompensas
militares — A expectativa nacional em materia politica
— Horizontes turvos — A Imprensa e a Lei Nova — O
passado do gabinete — Em volta da tribuna parlamentar.

Março. — Portuguezes na India e francezes em
Portugal — A partilha d'Africa e os povos modernos —
Chegada dos prisioneiros d'Africa — Colonias militares
agricolas — Relatorios de fazenda e relatorios de cam-
panha — Liquidações politicas — O livro do sr. conse-
lheiro Fuschini.

Abril. — Herança politica e habilitação de herdei-
ros — As oito fórmulas da pilula ministerial — Impostos
novos, crises permanentes e miserias antigas — Politica
extrangeira e politica domestica.

Maió. — A novissima lei eleitoral — Aquillo que se
chamou parlamento — Guilherme II e Mousinho d'Albu-
querque — Marinha e assumptos correlativos — A colo-
nisação do Alemtejo — El-rei D. Carlos, lavrador alem-
tejano — Marinha de guerra e exercito do ultramar — O
Portugal maior.

Junho. — Nós e a França — Nós e a Inglaterra
— Noções confusas de governo e desgoverno — O ultimo
ataque — Não está tudo perdido — A volta da India —
Imminencia de um partido tricephalo — Liquidações
actuaes.

Julho. — Realidades e apparencias — Palavras a
El-rei — A acção pessoal e constitucional do Poder Mo-
derador.

Agosto. — Portugal e o parlamentarismo egypcio
— A pasta da guerra e as reformas dos serviços mili-
tares.

Setembro. — Questões militares na ordem do dia
— Influencias portuguezas na alma brazileira.

Outubro. — A crise politica e a sua razão de ser
— Perspectivas eleitoraes, parlamentares e partidarias
— O capitulo das interrogações politicas... sem res-
posta.

Novembro. — Quem nos deve governar — O paiz
moderado — A formação dos partidos novos — Analyse
da situação politica — Como sahir d'ella.

Dezembro. — O sophisma representativo — Um
partido em busca de uma attitude — A Cuba hespanhola
e as nossas futuras Cubas — Latinos e anglo-saxonios
— O circulo do anno — Alegrias do começo e tristezas
do fim — Conflictos luso-allemao — os grandes e os pe-
quenos.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, LISBOA

JA ESTA A VENDA

O ALMANACH

ENCYCLOPEDICO

PARA 1897

(2.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

DIRIGIDO E PREFACIADO POR

EÇA DE QUEIROZ

Este volume, consideravelmente melhor que o do 1.º anno, rivalisa, na abundancia de materias, na sua intelligente disposição, na concisão e clareza com que os assumptos são expostos, no resumo dos principaes successos e descobrimentos scientificos do anno de 1896, na grande somma de conhecimentos e de noções practicas que nos ensina, e finalmente na disposição typographica e nas illustrações, — com os melhores Almanachs que se publicam no estrangeiro: tendo sobre elles a grande superioridade do prologo, do delicioso prologo que EÇA DE QUEIROZ expressamente escreveu e que é uma encantadora obra prima, uma verdadeira maravilha litteraria como só o glorioso auctor do *Crime do Padre Amaro* poderia escrever.

Um volume de 400 paginas,
com muitas gravuras, broch., 500 rs., cart., 600 rs
Pelo correio mais 50 rs.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, Lisboa

Branco e Negro



REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Leshos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell, etc.
Illustrações de 10.ª,
a classe de obras
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
photocromographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante.: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

METRONOMOS «ECLAIR»

A ultima novidade musical

O uso do Metronomo, tão interessante para o estudo de qualquer obra musical, tem sido relativamente restricto, em causa do seu preço e da complicação do seu machinismo, que a cada momento se deteriora, pondo o apparelho fóra de serviço. No **Metronomo «Eclair»** não ha machinismo, as oscillações são mathematicamente exactas, o que raras vezes se dá nos antigos, e além d'isso é absolutamente silencioso, portatil, elegante e barato.

Preços dos diferentes modelos

Cobre bronzeado.....	1\$500 réis	Nickel.....	2\$500 réis
Cobre polido.....	2\$000 »	Electro.....	3\$000 »

Estojos forrados de velludo e setim, proprios para offerecer os metronomos como brinde, réis 1\$200

UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 51

LISBOA, 21 DE MARÇO DE 1897

1.º ANNO

UM IDYLLIO



AMOR tem muita força. Já a costura lhe cae no regaço e os seus olhos seguem um vôo d'azas brancas, sonhos doirados, illusões. Bastou que o bello moço lhe viesse cantar um dithyrambo, quasi ao ouvido, para o silencio da sua alma apaixonada. Arfa-lhe o seio; as palavras que elle lhe murmura, cahem-lhe no coração como gottas preciosas do mel desconhecido das delicias.

A vista fixa n'um ponto luminoso, ella vae sonhando, sonhando, embriagada na doce musica melodiosa que elle canta, o seductor, n'uma inflexão de apaixonado arroubo.

E vê, muito longe, n'um canto azul, onde irradia a serena felicidade, a vida correndo em devaneios, sem uma nuvem a empanar-lhe o brilho, limpida e cristallina como um veio d'aguá cantando entre seixos polidos...

Os Mercados de Lisboa

(ASPECTOS E TYPOS)

Noite ainda, começam a vir dos arrabaldes, por todas as portas da cidade, os vendilhões carregados d'hortaliça e fructas desaguando na praça da Figueira, cujos cimos doirados de miranete mergulham inda na sombra.

A nodoa alastra ao redor, ondulando, empurrando-se, praguejando, com dichotes obscenos e fadistas, n'uma giria inconcebível e incomprehensível. Intromettem-se escadeirados rufiões de taberna, na turba, dando de cotovelo ás saloias de saia curta, com os tornozelos mettidos em canos de botas de ruivo coiro. E se as moçoilas re-filam, de mão nas ancas, e o corpo virado p'ra traz, n'um arranco d'altiva dignidade, elles atiram-lhes ás bochechas, n'uma sem cerimonia brutal, uma praga que echôa e rebola pelos agrupamentos como uma setta de papel



PRAÇA DA FIGUEIRA — Aspecto exterior de um torreão

revoando no ar. Então, o riso salta, escancarado e brutal, das guellas dos maltezes que se encostam ás gigas esperando a abertura da Praça, ao vir da madrugada.

A noite é ainda negra. O Castello dorme, lá em cima, e não se vê. O charco de treva da cidade baixa com os lampeões apagados, as arvores mortas, as ruas sem gente, dá áquella mancha de movimento concentrado n'um sitio, uns ares de acampamento onde se conspira para o crime ou para o imprevisto assalto de uma indefeza e descuidada vida.

Nas manhãs de frio uma velha abre no meio dos grupos um largo guarda-sol, pendura uma lanterna na vareta, e trata de vender o cafésinho.

— A dé reis, filhos, a dé reis! E com este taró, que rico!

E pr'a animar dá estalinhos com a lingua, despeja o café em canecas de folha já sem lustro, e o magote salta-lhe em cima, n'uma ancia, baforando o fetido tabaco, acalcanhando-se, estendendo as mãos enfarruscadas e grosseiras.



PRAÇA DA FIGUEIRA — Aspecto interior

de, como rezas. Este de o a *vintem o salamim, quem quer azeitonas novas*, que em rasão da sua popularidade é o que mais commercio faz. Este maniaco tem uma maneira especial de *pregoar a fazenda*, como nenhum outro ; o burro está de tal fórma acostumado ás inflexões da sua voz de falsete que lhe obedece passivamente ; entendem-se bem, os dois. O *Marianinho* é um homunculo cambado, de chapéu de côco alto, magro e secco. A sua figura amarella e baça, com os pellos do bigode espetados e hirtos dão-lhe ao pequeno todo um aspecto sinistro e mau. No emtanto, eu creio que elle é incapaz de matar uma mosca.

Ha outros que são alegres como trinos e que enchem o ar de uma alacre e viva festa. Da cama, ouve-os a gente, como o grito de uma alvorada que nos recorda o dia ; são elles que despertam a cidade, pouco a pouco, subindo ao longo das casas e das arvores, carinhosamente como um affago.

Um dos typos mais salientes d'esta pobre classe de *viveurs* de dia a dia é o *Marianinho*, que em rasão da sua popularidade é o que mais commercio faz. Este maniaco tem uma maneira especial de *pregoar a fazenda*, como nenhum outro ; o burro está de tal fórma acostumado ás inflexões da sua voz de falsete que lhe obedece passivamente ; entendem-se bem, os dois. O *Marianinho* é um homunculo cambado, de chapéu de côco alto, magro e secco. A sua figura amarella e baça, com os pellos do bigode espetados e hirtos dão-lhe ao pequeno todo um aspecto sinistro e mau. No emtanto, eu creio que elle é incapaz de matar uma mosca.

A Praça da Figueira tem um lindo aspecto mourisco ; é sumptuosa mesmo, dado o pequeno meio em que vivemos. A toda a roda, da parte de fóra, para as ruas circumjacentes, é aberta em lojas de louça, talhos, locandas e aos dois cantos da rua da Bitesga, sob os torreões de escamas doiradas vendem se tabacos e cautellas

Dentro, é cheia como um ovo. Ha um brouhaha desafinado de vozes que se cruzam, de guinchos, de assobios ; a torrente de dia e de sol quebra no tecto de crystal a sua luz, e a praça, afogada sob o borbório, toma por vezes o mysterioso aspecto de um pagode, quando o silencio alastra, repentino ; n'estes interregnos, como se alguma móla occulta paralyssasse as vozes, dir-se-hia que um cataclysmo desabou e que tudo aquillo se move sombriamente e desoladamente. E' claro que é rarissimo isto dar-se ; só quem tenha muito por costume detalhar os seus passeios por alli, dá por este phenomeno raro e curioso.

E' na Praça da Figueira que nas noites de Sant'Antonio, S. João e S. Pedro, se reune o elemento popular, a comprar os tradicionaes vasos de mangerico e as alcachofras para queimar. N'essas noites de folia desordenada em honra dos Santos que o povo mais venera, a praça apresenta um aspecto feerico, tumultuoso, extraordinario. O ruido é atoador ; e até o vir da madrugada não ha meio de a vêr despejada. Houve até quem, em verso, a celebrasse. Lembra-nos uma quadra que tem aqui o seu logar :

Lá na Praça da Figueira
Ouvi gritar ó da guarda!
Era uma couve gallega
Contra uma couve lombarda.



PRAÇA DA FIGUEIRA — Aspecto interior

Dá uma bella nota typica, esta velhota macilenta, acorçada sob o guarda-sol, abanicando o fogareiro, sorrindo, n'um sorriso sem dentes, a mostrar as gengivas raiadas de branco, que parecem dois renques de gangrena, abocanhando-se.

Vista de longe, no meio d'este scenario tenebroso e cheio de feeria, a velha toma um vulto de lenda ; parece uma feiticeira a fazer filtro, com complicações d'endrominas e mysteriosas receitas arrancadas ás pythonisas. A sua carinha com a pelle descabida p'r'as bandas, a fazer saccos, dando-lhe a tibia luz em cheio, parece casquinar de troça entre tudo aquillo ; parece aconselhar a beberoca como um talisman seguro contra o mau olhado e a espinhela cahida.

E' atraz do theatro de D. Maria que se faz o mercado da hortaliça. Manhã cedo, começam os burricos a affluir ao sitio, carregados com os cabazes de pau, um de cada banda, como alforques. E, venda feita, partem para todos os lados, vergastados pelos donos, que apregoam a cantar, n'uma doce toada.

Alguns dos pregões são curiosos, impregnados d'uma morbida flexibilidade, arrastado, muito lento, tem uma encan-

AMAR OU MORRER

(O CRIME DO BARREIRO)



AMALIA ALVES

TAL a singular theoria posta em pratica pelo já agora conhecido heroe do crime do Barreiro e que acaba de ter o seu doloroso desfecho pela morte da victima.

O drama, apesar de conhecido, merece ser contado em dois traços, porque não é trivial e dá margem a largas considerações psychologicas.

Amalia Alves era uma esvelta rapariga que vivia com os paes e os irmãos na povoação do Lavradio, onde, até á idade de vinte annos, ninguem lhe conheceu namoro sério, chalaçando com todos, a todos mostrando os alvos dentes, sem que isso a nada a compromettesse.

Um dia, Thomaz Salgueiro, limpador de chaminés ao serviço da Companhia dos Caminhos de ferro do Sul e Sueste, foi passear até ao Lavradio e viu Amalia Alves á janella de sua casa. D'ahi se formou a paixão que o levou ao crime. De então por diante, os seus passeios para aquellas bandas amiudaram-se e declarou o seu amor á rapariga que, se não o accitou em absoluto, não se mostrou, pelo menos, indifferente á côrte do Salgueiro.

D'ahi, o repetirem-se as visitas d'este ao Lavradio, até ao ponto de lá ir passar dias inteiros. Para isso, tinha de faltar ao trabalho e por esse motivo começou a perder dias e a contrair dividas que não podia pagar.

Amalia, ao contrario de outras raparigas que gostam de uma côrte assidua, desgostou-se com a assistencia do namorado porque conhecia que elle, enquanto alli estava, deixava de trabalhar e, por consequencia, de ganhar dinheiro.

A avivar-lhe mais esse desgosto, ouvia as queixas que contra o Thomaz lhe faziam varias pessoas, apontando o seu viver irregular e aconselhando-lhe que o deixasse, porque não era digno d'ella.

Assim espicaçada, Amalia aproveitou uma visita do namo-

rado ao Lavradio e declarou-lhe que estava tudo acabado entre elles, visto elle não ter sabido regenerar-se.

Thomaz Salgueiro recebeu esta noticia como se lhe tivessem vibrado uma punhalada ao coração. E d'então por deante começou a andar triste e pensativo.

Um dia soube que Amalia tinha ido passar uns dias ao Barreiro, a casa de uma familia que a estimava, e começou logo a rondar-lhe a porta. A rapariga evitava dar de cara com elle, mas sabia dos seus passeios por defronte da casa por lh'o dizerem as visinhas. O dono da casa, que não gostava d'isto, não se julgou auctorisado a dizer nada á rapariga, mas contou tudo ao pae d'ella, que a admoestou ligeiramente sem que podesse evitar os passeios do Salgueiro, visto que Amalia não tinha culpa d'isso.

Desesperado, por vêr que não podia fallar a Amalia, Thomaz Salgueiro começou então a premeditação do crime, pondo em pratica na occasião em que todas as pessoas da casa em que residia a sua namorada tinham ido para um baptisado.

O acaso serviu-o melhor que todas as combinações. Quando elle chegava á rua Serra e Moura, onde Amalia residia, esta tinha chegado a um terraço, de modo que não poudesse evitar o ser vista pelo Thomaz. Ia, porém a retirar-se, quando este lhe gritou da rua :

— O' menina, páre ahí, que preciso de lhe fallar.

Ao que ella retrucou :

— O senhor não tem nada que me dizer, nem eu que lhe ouvir.

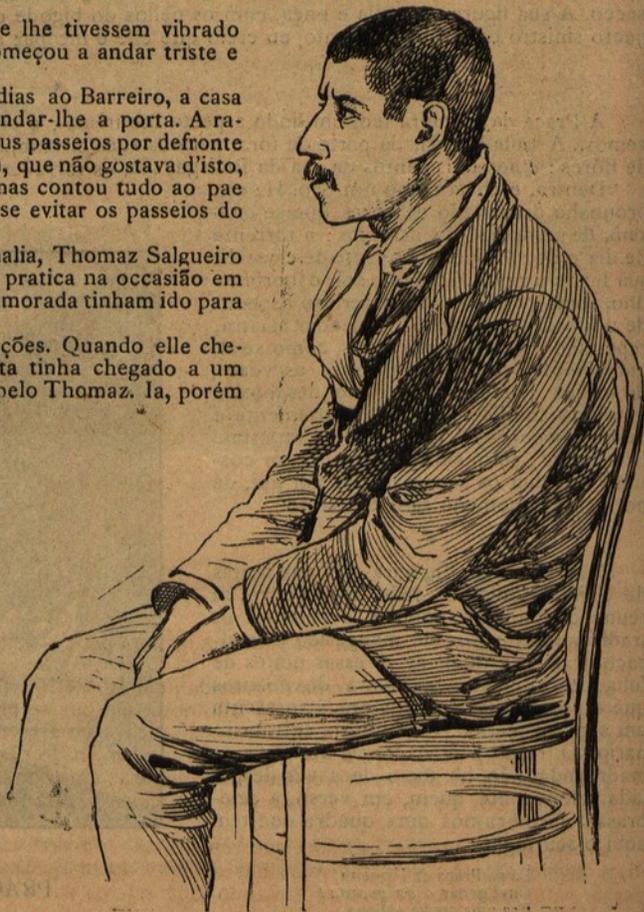
E correu immediatamente para a porta da casa, onde entrou precipitadamente, fechando a porta de vidraça.

O Thomaz vendo-a fugir, ficou louco de furor ; trepou ao terraço, abriu a vidraça e perseguiu-a no interior da casa.

Amalia refugiou-se no quarto de um dos filhos do dono da casa, e julgando aplacar a colera do Salgueiro, escudou-se com uma creancinha de dois annos.

Nada, porém, lhe valeu. O Thomaz disparou o revolver, passando-lhe a bala de raspão por uma das faces. Amalia desmaiou. O assassino, então, pegou n'ella, levou-a para cima de uma cama, e encostando-lhe o cano do revolver ao lado esquerdo do peito, disparou um segundo tiro á queima roupa.

Tal foi o crime que teve o seu desfecho com a morte de Amalia.



THOMAZ SALGUEIRO

AS ILHAS

AÇORES E MADEIRA

ACOMPANHANDO as fotografuras representando varios pontos da cidade de Angra do Heroismo e costumes da Ilha da Madeira, inserimos dois excerptos dos livros publicados pelos srs. Paula Nogueira e dr. Accurcio Ramos,— o primeiro relativo á bella cidade da Terceira, e o segundo aos usos e costumes dos povos madeirenses.

Difficilmente se encontrará em Portugal, afóra Lisboa, uma cidade tão regularmente e tão magestosamente edificada, como a cidade de Angra do Heroismo, capital da Terceira.

Todavia, quando o paquete surge á entrada do porto, a cidade, embora parcialmente construida em anphi-



ANGRA DO HEROISMO — Jardim publico

theatro, não deixa vêr senão algumas casas a trepar por uma ladeira ingreme, tendo lá em cima uma aguda pyramide quadrangular — o monumento de D. Pedro IV, que lembra um mausoleu.

O porto é fundo, mas estreito : uma angra ou pequena bahia, em forma de sacco, cuja abertura está voltada a sueste.

A esquerda, a oeste, a bahia é formada pelo monte Brazil, antigo vulcão, hoje extincto, de perfil trapezoidal, cujo pé todo em roda é banhado pelo lado norte em que se prende, como uma península, á terra firme da ilha. O cimo do monte é uma cratera de fôrma elliptica, cujo eixo maior se orienta de norte a sul, elevando-se a borda meridional 310 metros sobre o mar, com uma inclinação de cêrca de 45°.

Pela encosta do monte sobrepõem-se as culturas em socalcos, e a espaços vêem-se, no outono, compridos renques de flôres côr de rosa — é a *Amaryllis belladonna*, planta rasteira que nos Açores apparece espontanea por toda a parte.

Sentinella avançada d'esta ilha guerreira, o monte Brazil mantem-se sempre armado. O castello de S. João Baptista ergue as suas vetustas muralhas de leste a oeste, voltando pelo norte, interceptando completamente o ingresso pelo lado da terra e espreitando dos outros lados o mar, com os seus canhões assestados na defesa do monte e da cidade.



ANGRA DO HEROISMO — A bahia



ILHA DA MADEIRA — Cesteiros trabalhando em vime

O desembarcadouro é de difficil accesso, por pouco que o vento ron- de de sul para o quadrante de sueste. Todavia o caes é bom, e todo o fun- do da bahia é formado por muralhas bem solidas e elevadas, contra as quaes, em dias de temporal, as vagas se atiram impetuosas, desfazendo-se em rolos de espuma, ao deslissarem por aquellas paredes lisas e proposi- tadamente incurvadas.

Junto ao caes levanta-se a igreja da Misericordia, cuja fachada, olhan- do ao mar, nos dá o typo das igrejas terceirenses, com as suas duas torres lateraes, terminando não em eirado, como as de S. Miguel, mas em zim- borio ou em pyramide muito alonga- da.

Ao pé d'esta igreja fica o edifi- cio da alfandega e mais á esquerda o mercado do peixe.

Ladeando a igreja correm duas compridas ruas, a do Santo Espirito e a rua Direita, sendo esta ultima larga, com bons edificios, passeios al- tos e espaçosos, e o leito da rua abaulado e bem calçado.

E são assim, limpas, direitas, lar- gas e bem calçadas, quasi todas as ruas d'esta elegante cidade.

Ao fim da rua Direita está a Pra- ça Velha, hoje da Restauração, adorna- da de bellas arvores exoticas, ten- do ao fundo os paços do concelho, edificio de architectura moderna, lem- brando um pouco o palacio do muni- cipio de Lisboa, salvas as proporções e o peristylo d'este ultimo.

No alto da fachada ostentam os paços de Angra o brazão da cidade — um escudo esquartellado, tendo em diagonal dois açores e dois bra- ços armados, ao centro um escudete das armas portuguezas, em cima uma corôa mural, braço de armas por tim- bre, e em roda uma fita com as let- ras

tras e a insignia da Torre e Espada com que a rainha D. Maria II galardoou os serviços da heroica cidade de Angra do Heroismo.

Na mesma praça fica o *Hotel Central* que, apesar das suas sedutoras exterioridades, é sensivelmente inferior ao *Azorian Hotel*, de Ponta Delgada.

A pouca distancia d'aqui está o edificio do lyceu, antigo convento de S. Francisco, onde tambem é a installa- ção do posto meteorologico, devido ao zelo e não vulgar illustração do sr. dr. José Nogueira de Sampaio, reitor do lyceu e clinico habilissimo.

Um sitio aprazivel e verdadeiramente pittoresco é o jardim publico, disposto em amphitheatro e abundante d'aguas e de plantas variadas.

Tem ainda a cidade, como edificios notaveis, a cathedral, — a que todavia falta o ar grave e severamente reli- gioso da maior parte das cathedraes do continente, — o seminario, o hospital civil, o asylo de mendicidade e o da infancia desvalida.

O mercado de hortaliças é amplo e asseado; já não é assim o matadouro — verdadeira nodoa, contra que pro- testa a hygiene, n'uma cidade tão correcta, em que os edificios, as ruas e a população parecem estar de accordo, para que Angra do Heroismo nunca desmereça o seu justo appellido de *Rainha dos Açores*.

.....
«Os portuguezes, quando descobriram as ilhas de Porto-Santo e Madeira, encontraram-n'as inteiramente des- ertas. Os seus primeiros povoadores foram, portanto, os donatarios, seus companheiros e familias, e tambem col- onos nacionaes e estrangeiros livres, e outros condemnados ou homisiados por crimes. Depois affluiram pessoas nobres de Portugal; muitos estrangeiros, uns nobres, outros mercadores; e gente de officios mechanicos do reino e de Hespanha; e para lá foram conduzidos captivos mouros, escravos negros e canarios.

Desde já se vê que esta população está longe de ser homogenea.

Um dos chefes da colonisação, Bartholomeu Perestrêllo, fidalgo da casa do infante D. João, era italiano, e este primeiro nucleo, que poudé ao menos contrahir em Portugal uma certa apparencia de nacionalidade com- mum, vieram juntar-se successivamente elementos mui dissimilhanes, notavelmente judeus, mouros e negros transportados das visinhas costas africanas com o intuito de augmentar o numero de braços. Os navios de todas as nações que, constantemente e cada vez em maior numero, teem frequentado estas paragens, é de crêr que tambem prestassem o seu contingente, e os inglezes que estiveram de posse da Madeira de 1801 a 1814, deixan- do, ao retirar-se, estabelecidas n'ella, numerosas familias, com maior razão entraram por muito na composição d'esta população, cuja raça fundamental é por certo portugueza.

Entretanto, o que na Madeira, com muitas excepções notáveis, torna feia a raça humana, são estes elementos de que ella se compõe. Os primeiros colonos não pertenciam ás melhores classes de Portugal, mas eram homens rudes e incultos, a quem, pela maior parte, uma vida aventureira chamava á ilha descoberta. A ulterior mistura com os negros é que mais contribuiu para fazer degenerar, physica e moralmente, as classes inferiores, porque nas feições d'uma parte não insignificante d'aquella população persistem claros vestigios do seu parentesco com a raça ethiópica.

Os habitantes da cidade teem as fôrmas europeas e a pelle branca. Não assim uma grande parte dos do campo, que, além de feios em geral pelas razões expostas, são trigueiros pelos ardores do sol a que andam expostos. O temperamento mais vulgar é o bilioso-sanguineo com um mixto mais ou menos pronunciado umas vezes de lymphatico, outras de nervoso. O temperamento sanguineo não é muito raro, máxime no campo.

As pessoas ricas, um pouco indolentes e inclinadas aos prazeres da mesa, que ali é variada e abundante, adquirem cedo muita nutrição. São de estatura média. E as mulheres d'esta classe, habitualmente sedentarias, gozam d'uma saúde delicada sem serem por isso doentes. Nubeis de 12 a 14 annos, casam-se muito novas, e teem oito a doze filhos, que ellas proprias amamentam. Não admira, por isso, que a velhice e a decrepitude sejam prematuras para a maior parte.

Os habitantes do Funchal e d'algumas villas e povoações mais importantes vestem-se como os europeus. Os



ILHA DA MADEIRA — Carro de visitas

trajos, porém, dos camponeses são engraçados e pittorescos. Camisa abotoada com botões lusentes, calças largas de linho franzidas no joelho, jaqueta curta do mesmo panno, botas de couro amarello, e um grosso bordão — eis o vestuario ordinario d'um homem do campo. As aldeãs vestem camisa guarneçada de rendas com botões de ouro no pescoço, saia riscada de linho e lã (panno tecido na ilha), roupinhas encarnadas bordadas a retroz ou misanga, capa de baêta d'aquella mesma côr ou azul, aberta adiante descendo até pouco abaixo da cintura, e debruada com fita de seda ou de velludo, e botas de couro amarello. Na cabeça, ambos os sexos usam de uma fôrma curiosa de barrete de panno azul forrado de encarnado, *carapuça*, comparavel com um funil invertido tendo a bocca pouco larga e a ponta delgada e comprida. Este barretinho, collocado no alto da cabeça, protege-a tão pouco, que é para causar estranheza como veiu a usar-se.

A falta de estradas não podem transportar-se as produções de umas a outras partes da ilha: consequentemente póde, como muitas vezes acontece, existir ao mesmo tempo, a escacez e a abundancia em diferentes povoações, sem meios de opportuna e efficaz comunicação. A superficie do solo, muito variada, torna impraticavel qualquer systema de relações, que não seja o de estradas construidas com habilidade e que vençam esses obstaculos naturaes. D'aqui resulta que alguns camponeses nunca sahiram do valle onde nasceram, e outros registram como um dia de felicidade jámais esquecido aquelle em que fazem a primeira excursão á cidade do Funchal!

E' engenhoso o modo de conducção ideado pelos naturaes, visto não admittir o terreno da ilha, carroagens ou transportes identicos. O modo mais geral e ordinario de viajar ou passear é a cavallo, e nas ruas e estradas até certa distancia da cidade tambem se servem de redes e de carros sem rodas, com uma vistosa cobertura á maneira de baldaquino, arrastados por bois. Em algumas estradas o angulo de inclinação é tal que só com grande difficuldade se poderá vencer, e no entanto estes vehiculos, puchados por animaes ou levados pelo homem conseguem subir com admiravel presteza. Para descer em alguns d'estes caminhos usam de uma especie de trenós, que escorregam pelo seu pezo, limitando-se o trabalho dos conductores a dar-lhes impulso e a dirigir e moderar a rapidez da descida. Só em rede é que se podem fazer excursões terra dentro, e subir as fragosas e alpinas eminencias que fôrnam quasi toda a ilha, e d'onde se desfructam vistas seductoras.



ANGRA DO HEROISMO—Rua de S. João

O edifício em primeiro plano é o Palácio da Câmara Municipal, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em segundo plano é o Palácio da Real Audiência, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em terceiro plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em quarto plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em quinto plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em sexto plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em sétimo plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em oitavo plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em nono plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em décimo plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755.

O edifício em primeiro plano é o Palácio da Câmara Municipal, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em segundo plano é o Palácio da Real Audiência, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em terceiro plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em quarto plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em quinto plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em sexto plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em sétimo plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em oitavo plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em nono plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755. O edifício em décimo plano é o Palácio da Real Casa da Câmara, construído em 1763, e que foi destruído durante o terremoto de 1755.

Não admira, pois, que, em varios logares da ilha, se observe ainda em muitas familias aquella innocencia e simplicidade de costumes que formava o caracter de seus maiores: o respeito que consagram á religião é extremo, e entre ellas se encontram práticas e usos de coadjuvação e de caridade tanto nos casamentos, como nas enfermidades e obitos, que não podem deixar de commover o homem sensivel.

A vida dos trabalhadores do campo é bastante penosa. A sua alimentação geralmente escaça em quantidade, é pouco reparadora com relação á qualidade. Por isso, a grande ambição dos que moram menos longe da cidade, reduz-se a entrar no serviço domestico dos inglezes, porque com elles ganham em seis mezes o sufficiente para passar todo o anno. O seu principal sustento consiste em milho (farinha cozida em agua e temperada com sal e manteiga de porco), inhame, batata doce, semilha, abobora, couve, fava, castanha, tremoço, e peixe que é abundantemente colhido na costa do sul. O bacalhau e arenques são importados. Bebiam tambem vinno do paiz, mas actualmente substituiram-no pelo *punch* feito com o *rhum* extrahido da canna de assucar.

No seu trato domestico são estes camponezes alegres, agasalhadores e bem inclinados. Deitam-se muito cedo e levantam-se antes de romper o dia. Ditosos com seus costumes singellos e com as producções da terra, satisfeitos com a sua frugalidade e com os tectos rusticos, a cujo abrigo nasceram, quotidianamente erguem as mãos ao céu para lhe pedir a permanencia e tranquillidade dos seus pobres domicilios; e a voz de seus ministros só repete canticos de paz e de amor. Entretanto deviam cuidar mais da intelligencia d'esta gente: os camponezes são susceptiveis de instrução, mas descuidados em tratar de a adquirir. O aldeão carece de alimentos intellectuaes já preparados e que não exijam nenhuma digestão. Preceitos concisos, substanciaes, claros; aphorismos, apologos e proverbios—eis o que lhe convém. E n'este sentido ninguem como o parochio pôde prestar mais uteis serviços.

As classes mais baixas da Madeira conservam ainda o costume familiar de saudar, e dar os bons dias ao estrangeiro, tirando os seus chapéus com uma natural cortezia, inteiramente destituida de servilismo. O seu genio é agasalhador e generoso, e gostam das occupações tranquillias e proveitosas de industria. Pena é, que sejam tão grosseiramente supersticiosas e ignorantes. Crêem em geral na efficacia dos votos e no mal de olhado ou na malignidade do quebranto até nas cousas inanimadas. E no desempenho das suas promessas, quando vão de romagem para allivio de suas culpas, algumas vezes se veem homens carregando pesadas cadeias ou barras de ferro, em quanto mulheres com os joelhos nús se arrastam subindo por sobre as agudas pedras da calçada, que antecede de os degraus da escada que vae ter ao adro da igreja da Senhora do Monte.

Nas freguezias ruraes mais distanciadas da cidade, quando morre algum rapaz ou rapariga, a casa do finado, em quanto o cadaver está n'ella depositado, é frequentada por um grupo da gente mais nova da visinhança, a qual durante a noite canta, toca e baila, rogando assim a Deus para que o espirito que animou aquelle corpo goze de igual alegria nos céos.

Os funchalenses dão muita importancia ás honras funerarias. São apparatusas as ceremonias religiosas que teem logar na igreja parochial estando o corpo presente, findas as quaes, os convidados, atraz do féretro, se encaminham para o logar da sepultura com ordem e recolhimento. Poucas pessoas ha, que possam contemplar indifferentes o acto melancholico, em que o frio e silencioso sepulchro recebe os restos de algum ente humano depois de cada parente ou amigo lhe haver stirado á tumba tres punhados de terra. Podemos suppôr que a reflexão n'essas occasiões surprehende até os mais descuidados, e que, ao verem fechar-se o circulo de uma vida, no exemplo do visinho ou do que lhe foi caro, os homens passam naturalmente a considerar no termo da sua propria existencia. Hontem assombravam-nos os monumentos da terra; ainda hoje contemplamos o sol doirado, aspiramos o perfume das flôres, e nos delectamos com as feições mais queridas e os objectos mais amados; amanhã tudo se terá sumido para nós, que vivemos como o relampago fulge. As aguas que espelham o firmamento azulado ter nos-hão fugido da vista para seguirem seu curso secular. O pó d'este cadaver, confundido na herança commum da terra, será corroído pelos vermes.

Conta o Funchal cinco cemiterios: dois catholicos, dois de protestantes inglezes, e um de judeus. Dos cemiterios catholicos o principal—das Angustias—está situado em um dos extremos da cidade, e logo á entrada a elegancia do portico e as myriades de flôres que revestem as paredes que delimitam o espaçoso recinto, dividido em ruas povoadas de cypresses e de jazigos pomposos, deixam ajuizar com segurança do aceio e decencia com que ali é mantida a mansão dos finados.



ILHA DA MADEIRA — Mulher do povo

HISTORIAS PARA CRIANÇAS

UM LUCAS

QUEM era este Lucas?
Que idade tinha? Não se sabia.
Era alto? Não era.
Era baixo? Não era.
Então era de estatura regular? Havia opiniões...
Era inteligente? Não era.
Era estúpido? Também não.
Era esperto? Pois não.
Era tolo? Não era.
Era ignorante? Não.
Era instruído? Também não.
Então que era este Lucas?
Nenhuma resposta definitiva, tão encontradas eram as peripecias da sua vida.

Quando andava na escola, (e diga-se já que saíu de lá em estado de se dizer d'elle, que nem ficara instruído nem ignorante...) entrou um dia n'uma mercearia, e apresentou um papel, que o dono leu: — Em quanto importam 21 arrateis d'assucar a 160 réis o arratel; 3 arrateis de manteiga a 720 réis; 17 canadas de azeite a 280 réis?

O merceiro escreveu no mesmo papel as importancias dos generos pedidos e a somma total, e disse:
— Importa tudo em 10⁰⁰280 réis.
— Muito obrigado, disse Lucas, guardando o papel.
— Então isso não é para me comprar os generos que ahi pede? perguntou o merceiro.
— Não, senhor. E' um problema que o mestre me deu para eu resolver.

Outra vez, não fez a escripta.
— Então porque não fez a escripta? perguntou o mestre.
— Porque tenho os pés tão dormentes, que não me deixam pegar na penna.
— Isso já lhe passa. Venha para o quadro fazer esta conta.

O Lucas levantou-se, foi para o quadro e pegou no giz. O mestre foi depois surprehendido a fazer esta beleza.
— Então esta é que é a conta que eu mandei fazer? disse elle, puxando-lhe uma orelha e apontando para o quadro
— Eu não sei fazer contas; desenhar é que eu sei muito bem, — limitou-se a responder o Lucas, quando sentiu a orelha livre da mão do mestre.

Lucas deixou a escola aos dezesseis annos. Já não tinha que aprender, dizia elle.
Quando chegou á maioridade, o tio entregou-lhe a legitimasinha dos paes.
Lucas levou dois annos a vêr se tinha algumas tendencias para as artes ou para os officios; nenhuma... Lembraram-lhe que assentasse praça; declarou accetar, se lhe arranjassem começar por alferes...

Entretanto os annos iam passando, e Lucas, que não dava emprego lucrativo ao pequeno capital que possuía, assustou-se um pouco, e tomou uma resolução salvadora.

— O nosso ferrador, dizia elle com os seus botões, mal sabia fazer o seu nome, e comtudo chegou a regedor; serei tambem regedor.

Vieram umas eleições.
Lucas offereceu um triumpho com a condição de o fazerem regedor.

E' claro que teve logo a mais solemne promessa. Disseram-lhe que era preciso dinheiro. Lucas gastou tudo, mas venceu as eleições e recebeu o alvará de regedor.

Desde então nunca mais deixou o seu fato dominigueiro, e assim passava os dias inteiros.

Dois cabos de policia eram encarregados de o pôr ao facto de todas as occorrencias, ainda as mais insignificantes.

— Quero saber o que faz o meu povo, dizia elle.

Um dia vieram dizer-lhe que andava na aldeia um desconhecido.

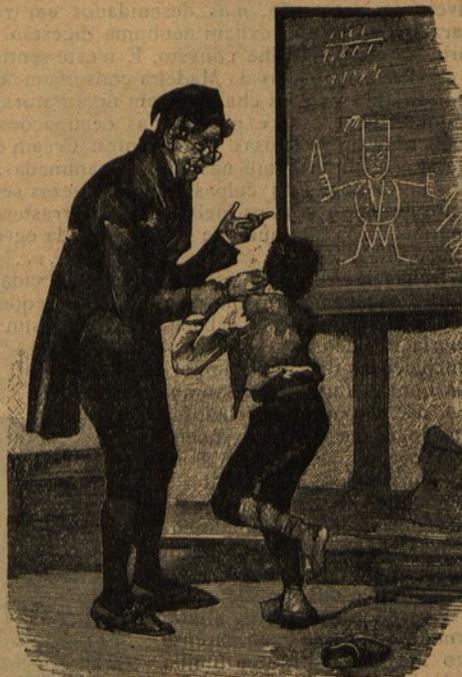
Lucas fez-se logo encontrado com elle; cumprimentou-o.

— Maçãs! disse o visitante, que era um inglez.

— Maçãs? repetiu Lucas.

— Yes! confirmou o estrangeiro.

Lucas, muito satisfeito por prestar serviços a um estrangeiro, fez-lhe um gesto para que o acompanhasse, e dirigiu-se para a estação dos caminhos de ferro. Aproximou-se da bilheteira, e fez-lhe outro signal pedindo dinheiro.



— Então esta é que é a conta que eu mandei fazer?

Comprou um bilhete, deu-o ao inglez, e entrou na sala de espera, onde o apresentou a um empregado.

O comboio estava a partir.

— Maçãs? perguntou este olhando para o bilhete.

— Yes, maçãs!

O empregado conduz o estrangeiro para a gare, comvida o, com um gesto, a subir para uma carruagem de primeira classe, fecha a porta, e o comboio parte, levando o desgraçado para *Chão de Maçãs*, quando o que elle queria era comer algumas maçãs.

Não tenho agora tempo para contar as coisas verdadeiramente extraordinarias da vida publica de Lucas. Só digo que antes d'um anno foi demittido do seu alto cargo de regedor, e achou-se sem um real de seu; estava pobre.

— O que me vale é que eu sou um grande philosopho, murmurou elle. Deixo de servir o estado, mas vou servir um lavrador: tudo é servir.

Effectivamente Lucas arranhou commodo em casa de um lavrador.

Assim como, regedor, se vestira a caracter, assim, creado do campo, vestiu um fato proprio do seu novo mister.

O povo da aldeia, como todo o povo, emfim, regosijou-se de vêr uma auctoridade abatida, e fez demonstrações estrondosas pela nova nomeação do ferrador.

O Lucas era apupado a toda a hora, e o proprio rapazio seguia-o até fóra da aldeia, fazendo-lhe troça!

Pobre Lucas!...

Quasi todos os dias Lucas tinha de ir a uma propriedade que ficava a uma legua de distancia.

Para este serviço havia um cavallo novo, que tinha a manha de tirar a cabeçada, ou a peia de linho, e de se safar para casa do dono, resultando ter o Lucas de voltar a pé.

O amo ordenou-lhe que fosse á cidade com uma

carta para um amigo, que esperasse pela resposta, e que de lá mesmo se dirigisse para a propriedade.

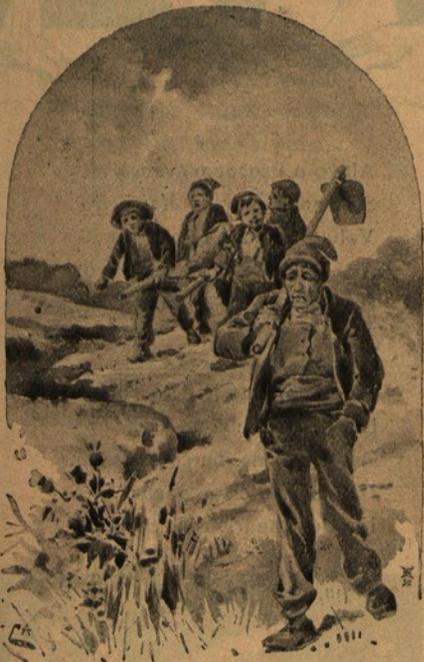
Lucas montou no seu *companheiro*, como elle chamava ao cavallo, poz-se a caminho, e duas horas depois entregava a carta ao amigo do patrão. Este, não confiando no Lucas, pedia ao amigo que lhe comprasse uma peia ingleza, de ferro, e a desse ao creado, explicando-lhe o modo de a empregar.

Lucas ficou surprehendido com tal invento, montou a cavallo muito satisfeito, por poder, enfim, fazer a pirraça ao seu *companheiro*, de não o deixar fugir.

Chegando á propriedade, foi prender o cavallo no alpendre, e batendo-lho no pescoço, disse-lhe :

— Eu já venho, e então veremos se és capaz de fugir!

E dirigiu-se para onde estavam os trabalhadores e o caseiro.



O rapazio seguia-o até fóra da aldeia. Pobre Lucas !

— Isto, meus amigos, quem não vae ás terras grandes, é como quem não vê, exclamou elle, que nunca tinha visto uma cidade.

— Que ha de novo ? perguntaram elles.

Lucas respondeu, mostrando a peia de ferro.

— Mas que é isso ? exclamaram os camponios, que n'esse ponto não estavam mais adeantados do que Lucas.

— E' uma peia de ferro para o cavallo : agora já elle não foge !

— E como se põe isso ? continuaram elles com curiosidade.

— Vocês são os taes que não vêem. Reparem.

Lucas sentou-se, dobrou a perna esquerda sobre a direita, abriu um anel da peia, e mettu-lhe o pé, que ficou preso pelo artelho.

— E agora ? perguntaram os trabalhadores.

— Faz-se o mesmo ao outro pé.

E abrinco o anel, mettu-lhe o pé direito.

— E como se fecha ?

— Basta carregar n'esta mola. Prompto !

Lucas fechou effectivamente o anel da peia, carregando na mola, levantou-se e deu alguns passos, para mostrar que não a podia tirar dos pés.

Todos quizeram vêr de perto uma tão boa invenção, e depois de lhe darem muitas voltas e de se convencerem de que um animal assim preso não podia soltar-se por si, perguntaram :

— E agora como se ha de tirar ?

— Tira-se com esta chave, disse o Lucas, levando a mão á algibeira do collete.

Procurou, tornou a procurar. Nada : havia perdido a chave pelo caminho.

— Ora esta, disse elle, com a cara do seu nome.

— Ora esta ! repetiram todós.

O caseiro correu a casa e trouxe de lá quantas chaves encontrou : nenhuma servia. Experimentaram abrir com um prego : impossivel.

— Não importa. Como tenho de ir ficar a casa, monto a cavallo como as mulheres, e lá tudo se arranja, disse Lucas, conformado.

E com a peia nos pés, dirigiu-se para o alpendre, seguido dos trabalhadores, que riam a bom rir.

O cavallo tinha fugido, como de costume, e o Lucas teve de andar assim uma legua, com a peia nos pés !...

O lavrador era dos que entendiam que bestas más e creados maus não se devem ter, e então resolveu desfazer-se do cavallo e do Lucas, mas como o ajuste d'este acabava ainda d'ahi a uns quinze dias, e antes d'isso havia uma feira, chamou-o e disse-lhe :

— Lucas, não quero ter por mais tempo o cavallo : hei de comprar outro. A'manhã vae á feira e vende-o.

— Por quanto quer o patrão vendel-o ?

— Por seis libras; se não te derem seis, ao menos quatro, ou ao menos duas ; menos nada. Percebeste ?

— Percebi, patrão, percebi muito bem. Eu andei na escola.

No dia immediato, já bastante tarde, Lucas chegou a casa muito satisfeito.

— Por quanto vendeste o cavallo ? perguntou-lhe o patrão.

— Adivinhe, patrão, diga lá.

— Por seis libras ?

Lucas encolheu os hombros em signal de desdem.

— Por oito ?

— Que são oito libras, comparadas com o que trago ?

O lavrador não acreditava.

— Vamos, nada de brincadeiras. Por quanto vendeste o cavallo ?

— Por mais de vinte, de cem, de mil... que sei eu ? !

— Explica-te d'uma vez, ordenou o amo, não podendo perceber o enigma.

Lucas, saboreando o effeito das suas confidencias tirou da algibeira da jaleca um embrulho.

— Que é isso ?

Lucas mostrou uma especie de binoculo, de metal amarello.

— Pois trocaste o cavallo por esses oculos ?

— Patrão, não se zangue antes de vêr o negocio que fiz. Veja lá por estes oculos.

— Oh ! estúpido !...

O lavrador pegou no binoculo e levou-o aos olhos.

— Então que vê, patrão ? perguntou o Lucas sorrindo de satisfação.

— Vejo dois objectos, em vez d'um ! Ora esta ! Vejo que tu tens quatro mãos... que eu tenho quatro pés !...

— E o patrão não salta de contente ? Não reparte comigo tanta fortuna ?

— Que queres dizer ? Não te entendo ; fala já ou te quebro as costas.

— Esses oculos teem a virtude de duplicar os objectos para os quaes olhamos, e então eu não podia fazer melhor negocio do que trazel-os ao patrão, fazendo-o rico e feliz !

— Então como ?

— Quando o patrão puzer estes oculos e olhar para a patroa, vê duas patroas, e ahi está o patrão duas vezes mais feliz ; se olhar para a burra do dinheiro, vê duas burras, e ahi está o patrão duas vezes mais rico...

— Mas estes oculos não teem outra particularidade ?...

— Então ainda quer mais ?

— Oh ! miseravel ! Oh ! bruto ! E trocaste o meu cavallo por isto ?

— Em vez de ficar muito contente, zanga-se ? Pois o patrão não me havia dito que vendesse o cavallo por seis libras, menos quatro e menos duas, ou nada ?... Olhe que eu andei na escola, concluiu Lucas, um pouco formalisado.

— E agora vaes andar immediatamente para o meio da rua, disse o lavrador.

E despediu-o.

Pobre Lucas !... Como acabaria elle os seus dias !...

(Dos Contos da Avósinha — 2.^a parte). J. Q. TRAVASSOS LOPES.

A historia que publicámos no nosso numero passado assignada por Christina Rino Froes pertence ao professor sr. Claudino Dias e vem inserta nos seus estudos de *Composição*.

A' Christinita, dedicaremos a hossa proxima historia.

OS CHOURIÇOS



1

Procopio da Conceição,
Homem rico de gordura,
Passeia mais o seu cão.
E faz bonita figura . .
Levando o, assim, pela mão !

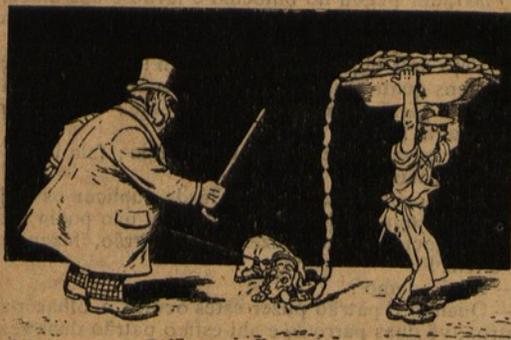
Passa ao lado um cosinheiro
C'uma celha de chouriços :
O tóto dá com o cheiro . . .
Procopio scisma em derriços,
Ou, então, pensa em dinheiro !



2

Altivo o Procopio avança
Sem notar que o *fraldiqueiro*
Volta o focinho e se lança
Aos chouriços mais lampeiro,
Do que um par em contradança !

Porque o tó-tó já de orelha
Em pé e tromba no ar ;
Ou com fome, ou com a *telha*,
Dá um pulo e vae puxar
Um dos chouriços da celha !



3

E, como a corda puxou,
Procopio volta-se, então,
Olha p'ró que se passou
E começa a dar no cão
Que o chouriço não largou . . .

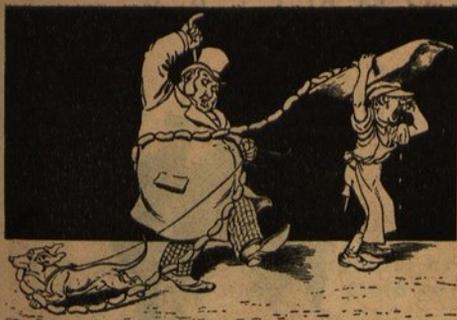
Sentiu logo o cosinheiro
O quer que era por detraz
E sem voltar o traizeiro . . .
Desata a chorar e faz
Na rua um grande berreiro !



4

Procopio de pau no ar . . .
Cada vez mais furioso
Continúa a desancar
O *fraldiqueiro* guloso
Sempre a puxar, a puxar . . .

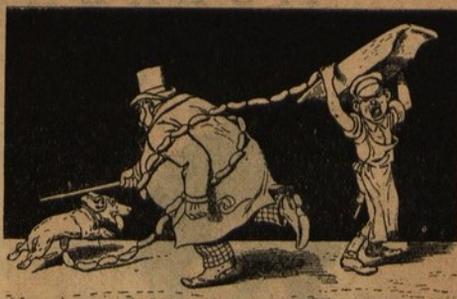
E da celha amontoados
Os chouriços vão tombando,
Emquanto o Procopio, aos brados,
Bate no cão que, puxando,
Foge por todos os lados.



5

Vae a coisa como d'antes :
O cão não larga o petisco,
Procopio em voltas constantes
Vae correndo grande risco
De ficar preso a tirantes...

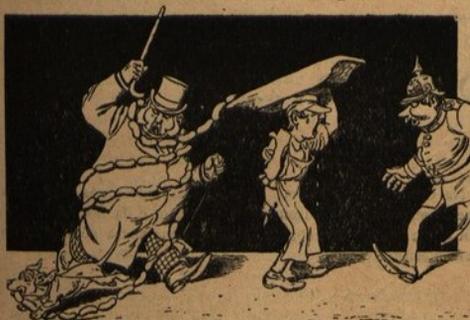
Correndo como uma corça,
O cão furta-se ao castigo,
Procopio em raiva se esforça,
Mas o cão chama-lhe um figo
E puxa inda com mais força.



6

Por mais que o Procopio dê,
O tóto deita a fugir
E o Procopio, já se vê,
Anda á roda p'ró seguir
Corcovado como um C!

N'este comenos o moço
Por vêr o caldo entornado...
E os chouriços ao pescoço
De Procopio, fica irado,
Continúa em alvoroço.



7

Talvez, Procopio não sinta
Enlear-se mais e mais,
Nem veja a farpella tinta!
E os chouriços — atafaes...
Vão-se-lhe enrolando á cinta.

N'isto surge da travessa
Um policia de encommenda
Que, ao vêr aquillo, tem pressa
De terminar a contenda,
Que, um dos dois perde a cabeça...



8

Procopio larga a bengala
E o cão não larga o chouriço,
O moço todo se rala
E o policia de serviço
Vem ao pé e bota falla!

E o Procopio besuntado
Não pensa agora em derrickos,
Moído, todo suado
Tem de pagar os chouriços
P'ra não ser mais enrolado...

MULHERES BONITAS



ROSA HOCHMANN, cantora



MARIA DEPPE, actriz

QUERO MORRER...

Na Campa, sob a mesma pedra, muito unidos, nós poderemos — longe do mundo que te cuspiu o seu desprezo, e da Sociedade que me votou o seu Odio, — descobrir a Felicidade que nunca pôde encontrar o nosso imenso Amor...

Quero morrer, morrer n'uma agonia
Que me estrangule a Vida infernalmente.
O meu Fim será o élo consequente
D'esta Noite, onde nunca raiou Dia...

Que o teu Sorriso — Dulcida Ambrozia, —
Um sorriso gelado, alvinite —
Pouse suave e meigo, brandamente,
Sobre o Lagedo d'esta Campa fria...

Quero morrer, morrer martyrisado
(N'esse martyrio encontrarei prazer!)
E que, podre o meu corpo e esphacellado,

Vá para a terra, sem que um só lamento,
Da Paz-Eterna, o possa entorpecer...

.....
Só quero os Ais do Sibilhar do Vento!

FERNANDES COSTA

O ANNO POLITICO

(1896)

Primeiro anno de publicação

Um volume de 420 paginas, brochado, 800 rs.; encadernado, 1\$000 rs.
Pelo correio, mais 50 réis

O Anno Politico é o estudo minucioso, feito semana a semana, dos acontecimentos politicos mais salientes, que interessaram a sociedade portugueza, no periodo a que é referido.

Não é uma exposição noticiosa de factos; é uma coordenação systematica de idéas, relacionando os successos no mesmo corpo de doutrina, e apresentando-os nas dependencias mutuas, que forçosamente tem entre si.

O Anno Politico, surpreendendo os acontecimentos no momento em que surgem, pela ordem da sua successão, vae fazendo a historia palpitante e viva de um periodo social caracteristico, e acompanhando passo a passo a sua lenta e interessante evolução.

Escripto com plena imparcialidade, sem nenhuma preocupação partidaria, sem pôr a mira em qualquer objectivo, que não seja o bem publico, **O Anno Politico** aprecia e pondera os factos segundo as intenções mais justas, reprehendendo-os ou louvando-os, quaesquer que sejam os seus responsaveis, mas nunca excluindo a cortezia da fórma nem a correção dos termos, nunca sacrificando á severidade, por maior que ella tenha de ser, o respeito e as atenções com as pessoas. E reciprocamente.

No meio da complexidade de phenomenos, cujo emaranhado conjunto constitue a crise geral, que o nosso paiz está atravessando, subdividida em uma multiplicidade de crises parciaes, **O Anno Politico** procura abrir caminho, fazer luz, nortear os espiritos, de modo que todos possamos ter consciencia da verdadeira situação publica, e animo para congregar esforços, afim de se remediar o muito, o quasi tudo, que indubitavelmente tem remedio.

O Anno Politico, elaborado e deduzido sem prevenção de nenhuma especie, isto é, não querendo vêr as cousas nem melhor nem peor do que são, deixa transpirar das suas paginas, para quem o souber lêr, conclusões animadoras. Accusa, em verdade, imprevidencias e desacertos de homens, defeitos e fatalidades de temperamento e de raça; mas confia plenamente, e sabe e diz porque o faz, nos instinctos e nas virtudes d'esta, na sua tenacidade e no seu esforço, redivivos sempre ante as crises maximas, e tem consciencia de lhe estar reservada na historia, continuadora do passado inextinguivel, uma futura e grandiosa missão.

Por isso, **O Anno Politico** não se prende com a politica pequena de um Portugal pequeno, que pequenos portuguezes só vêem; **O Anno Politico** alarga as suas vistas, tanto quanto pôde, por mais vastos horisontes, e chama as atenções das almas portuguezas para a maior politica, que compete, por direito e por dever, a um Portugal maior.

Assim, n'**O Anno Politico** só se trata de politica verdadeira; de politica nacional e bem intencionada; de politica experimental e scientifica, propria de politicos e não de policantes. Ao mesmo tempo, politica prática, de possível applicação, de presupposto bom senso e parece-nos que de bom conselho.

O Anno Politico é um livro sincero, offerecido ás meditações, á observação, a critica e á consciencia de toda a sociedade portugueza.

Chama a attenção d'esta para a Politica; procura despertal-a da sua inercia, da sua culpada indifferença, interessal-a nas grandes preocupações publicas, lembrar-lhe os seus direitos e os seus deveres, avivar-lhe as virtudes civicas, convence-la, enfim, a ella que é o povo, de que, sem educação politica, não é uma sociedade intelligente, uma sociedade civilisada, livre e soberana. E' um rebanho passivo, sempre á mercê de todos os exploradores e de todas as explorações.

INDICE

Introdução. — Revista geral politica do anno anterior.

Janeiro. — Terminação feliz da nossa guerra em Africa — Morte de João de Deus. — O poeta e o politico — Interpretação sociologica das homenagens a João de Deus — Regresso dos expedicionarios da Africa — Politica e festejos publicos.

Fevereiro. — Interesses politicos e recompensas militares — A expectativa nacional em materia politica — Horisontes turvos — A Imprensa e a Lei Nova — O passado do gabinete — Emvolvta da tribuna parlamentar.

Março. — Portuguezes na India e francezes em Portugal — A partilha d'Africa e os povos modernos — Chegada dos prisioneiros d'Africa — Colonias militares agricolas — Relatorios de fazenda e relatorios de campanha — Liquidações politicas — O livro do sr. conselheiro Fuschini.

Abril. — Herança politica e habilitação de herdeiros — As oito fórmulas da pilula ministerial — Impostos novos, crises permanentes e miserias antigas — Politica estrangeira e politica domestica.

Maió. — A novissima lei eleitoral — Aquillo que se chamou parlamento — Guilherme II e Mousinho d'Albuquerque — Marinha e assumptos correlativos — A colonisação do Alemtejo — El-rei D. Carlos, lavrador alemtejano — Marinha de guerra e exercito do ultramar — O Portugal maior.

Junho. — Nós e a França — Nós e a Inglaterra — Noções confusas de governo e desgoverno — O ultimo ataque — Não está tudo perdido — A volta da India — Imminencia de um partido tricephalo — Liquidações actuaes.

Julho. — Realidades e apparencias — Palavras a El-rei — A acção pessoal e constitucional do Poder moderador.

Agosto. — Portugal e o parlamentarismo egypcio — A pasta da guerra e as reformas dos serviços militares.

Setembro. — Questões militares na ordem do dia — Influencias portuguezas na alma brasileira.

Outubro. — A crise politica e a sua razão de ser — Perspectivas eleitoraes, parlamentares e partidarias — O capitulo das interrogações politicas... sem resposta.

Novembro. — Quem nos deve governar — O paiz moderado — A formação dos partidos novos — Analyse da situação politica — Como sahir d'ella.

Dezembro. — O sophisma representativo — Um partido em busca de uma attitude — A Cuba hespanhola e as nossas futuras Cubas — Latinos e anglo-saxonios — O circulo do anno — Alegrias do começo e tristezas do fim — Conflictio luso-alemão — os grandes e os pequenos.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, LISBOA

JA ESTA A VENDA

O ALMANACH

ENCYCLOPEDICO

PARA 1897

(2.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

DIRIGIDO E PREFACIADO POR

EÇA DE QUEIROZ

Este volume, consideravelmente melhor que o do 1.º anno, rivalisa, na abundancia de materias, na sua intelligente disposição, na concisão e clareza com que os assumptos são expostos, no resumo dos principaes successos e descobrimentos scientificos do anno de 1896, na grande somma de conhecimentos e de noções practicas que nos ensina, e finalmente na disposição typographica e nas illustrações, — com os melhores Almanachs que se publicam no estrangeiro: tendo sobre elles a grande superioridade do prologo, do delicioso prologo que EÇA DE QUEIROZ expressamente escreveu e que é uma encantadora obra prima, uma verdadeira maravilha litteraria como só o glorioso auctor do *Crime do Padre Amaro* poderia escrever.

Um volume de 400 paginas,
com muitas gravuras, broch., 500 rs., cart., 600 rs.
Pelo correio mais 50 rs.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, Lisboa

Branco e Negro



A RAÇÃO, quadro de Luciano Freire

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell, etc.
Illustrações de toa
a classe de obras
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
phototypographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se qu'esquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

METRONOMOS «ECLAIR»

A ultima novidade musical

O uso do Metronomo, tão interessante para o estudo de qualquer obra musical, tem sido relativamente restricto, em causa do seu preço e da complicação do seu machinismo, que a cada momento se deteriora, pondo o aparelho fóra de serviço. No **Metronomo «Eclair»** não ha machinismo, as oscillações são mathematicamente exactas, o que raras vezes se dá nos antigos, e além d'isso é absolutamente silencioso, portatil, elegante e barato.

Preços dos diferentes modelos

Cobre bronzeado.....	1\$500 réis	Nickel.....	2\$500 réis
Cobre polido.....	2\$000 "	Electro.....	3\$000 "

Estojes forrados de velludo e setim, proprios para offerecer os metronomos como brinde, réis 1\$200

UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 52

LISBOA, 28 DE MARÇO DE 1897

1.º ANNO

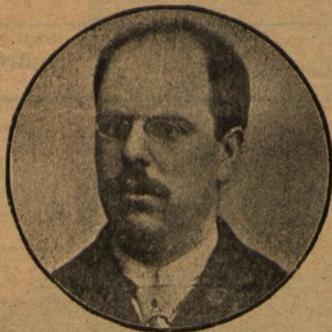
MONUMENTOS NACIONAES



EGREJA DE ALJUBARROTA

Do "Coração Doente,"

(ROMANCE INEDITO)



Ha pouco quem, na nossa terra, se aventure a fazer romances. De modo que, quando um apparece, é caso, como diz o povo, para deitar foguetes.

O novo romance de Lourenço Cayolla, que apparece por estes dias a publico, com o suggestivo titulo de *Coração Doente*, é, pelo que já d'elle lemos, um bello trabalho e denota no seu auctor um observador acuto e um grande prescrutador das almas.

Coração Doente parece-nos destinado a fazer successo no nosso meio litterario. Damos hoje uma *primeur* d'elle aos nossos leitores.

„.Ella levantou-se precipitadamente. A afflicção d'esse homem, que lhe merecia um affecto tão sincero e grato, deu-lhe a sensação d'um remorso insupportavel. Era por sua causa que elle chorava! Pagava lhe assim os extremos com que lhe embalára a infancia, os disvelos que lhe consagrara annos e annos e, mais do que tudo, o amor de reabilitação com que nobilitára sua mãe. Lançou-se lhe nos braços, n'uma invencivel necessidade de suavisar aquella amargura, de acalmar a tempestade que rugia n'aquella alma. E, beijando-o muito, dizia-lhe:

— «Não me faça mais desgraçada do que sou. Se soubease o que tenho soffido todos estes dias!»

— «Era para me dares uma dôr igual ou superior á tua, que pensavas em morrer?» replicou elle, adoçando-se lhe os soluços, e beijando-a ternamente na frente,

— «Mas como hei de eu viver, meu pae, sempre amarrada á minha vergonha?»

— «Não digas isso. A tua morte seria tambem a minha. Que mal te fiz eu para me queres matar? Lembra-te que já nem tenho tua mãe.»

— «E' ella que me chama para si,» exclamou Manuela, com o espirito enlevado n'um arroubamento.

— «Deixa-te de blasphemias. Se essa santa nos desse ouvir, seria a primeira a juntar os seus rogos aos meus, pedindo-te resignação.»

— «Como poderei habituar-me á nodoa de minha deshonra? insistia ella, sempre dominada pela mesma ideia fixa.

— «As boas almas perdoarão a tua falta. E's mais desgraçada do que peccadôra. Toda a deshonra da fraqueza que te perdeu, recae no homem depravado, que te enganou.»

— «Diz-me isso para me consolar. E' a sua grande alma que se illumina n'um clarão de generosidade. Mas os outros, infelizmente, não pensarão assim. Serei eternamente uma condemnada.»

— «Enganas-te,» tranquillizou-a elle, sentando-se e collocando-a muito perto de si, quasi com a cabeça encostada ao seu peito. «Deves ter padecido muito. Essa dôr é já por si uma purificação. O resto obtel-o has no caminho da virtude, e consagrando-te exclusivamente ao que é nobre e digno.»

O espirito de Manuela começava a vacillar. A pala-

vra de seu padrasto, muito terna, chegava-lhe aos ouvidos repassada d'um commovido tom de convicção. Abria-lhe uma clareira de luz muito clara e pura no horisonte da sua vida. No ceu carregado, que ainda ha pouco lhe escuracia o pensamento, avistava agora uma nesga de azul. Se podesse, na verdade, alimentar uma esperanza? O espirito descerrava-se-lhe, recebendo resequido o orvalho da consolação. Como se estivesse n'um sonho, disse:

— «E minha mãe, lá nos ceus onde está, perdoar-me ha se eu capitular com a vergonha? O que ha de ser d'ora avante a minha vida?»

— «Tua mãe perdoa-te, sim. E' no seu exemplo mesmo, que deves cobrar forças para arcar com o futuro. Ella tambem foi infamemente enganada por um homem sem coração. Conheces decerto essa triste historia. Da minha bocca nunca lhe ouviste uma palavra de referencia e, se hoje te falo n'ella, é precisamente para que vejas como, pelo cumprimento austero do dever, se acaba sempre por vencer a adversidade. Tua mãe fôra seduzida, mas a alma ficara-lhe pura. Entendeu por isso que se poderia reabilitar pelo sacrificio e não devia vergar á tentação cobarde de appellar para a morte. Ninguem lhe ousou jamais cuspir uma affronta, ou um desdem. Mas se lh'o fizessem poderia responder victoriosamente com a abnegação do seu viver, com a pureza immaculada dos seus pensamentos, com a sua existencia de purificação e trabalho. Foi n'esse periodo que a conheci. Amei-a muito pela sua belleza; amei-a talvez ainda mais pela coragem e heroismo com que sabia responder á crueldade do seu destino e, quando, serenamente, me expoz o drama da sua vida, esse amor transformou-se em idolatria, pelo que havia de grande na lealdade com que me implorava que a esquecesse, que me affastasse de junto d'ella, por mais que a sua felicidade viesse a perder com isso.»

A voz subira lhe gradualmente no tom. As ultimas phrases pronunciára as com firmeza, embora estivesse no intimo muito commovido.

A tarde ia morrendo. Pela janella que dava para o jardiminho meia aberta entrava um raio de sol, quasi a mergulhar no occidente, espalhando-se em leque no oratorio, e envolvendo a virgem n'um resplendor avermelhado. As pequeninas rosas das trepadeiras que a ornavam, inclinavam-se, em arco, nas hastes. No jardim havia um silencio completo. A natureza dispunha-se a repousar. Dos quintaes proximos vinha o som d'uma voz entoando um fado, ao passo que as cordas d'uma guitarra gemiam dolorosamente. Tudo convidava a emoções serenas e perfumadas de melancolia.

Manuela estava ainda immersa no seu sonho. Sim, era verdade tudo o que o conselheiro dissêra. Não ha crime que não possa ser expiado e a coragem para a expiação é mais nobre decerto do que a cobardia de se resvalar para o tumulo. Se ella pensava na morte não era por se acobardar deante da ideia da vida de abnegação e lucha para que apellára sua mãe. Porque era então? Acaso a desvairava inconscientemente o desespero de ver interrompida a sua aventura amorosa? Preferiria morrer por se julgar impotente para resistir ao combate entre o cumprimento do seu dever de honestidade e os desejos voluptuosos que se abrigassem, como reptis nojentos, nas dobras mais intimas da sua carne? O que a attrahia para a morte não era então um sentimento de horror, por julgar que ficaria eternamente aviltada, mas, no fundo, uma suggestão do demonio da luxuria, revoltado pelo proposito em que ella estava de não descer mais no declive da degradação?

Esta duvida sobre o verdadeiro caracter dos sentimentos que a haviam levado a pensar no suicidio, agitou a revoltadamente. Pois era possivel imaginar-se tão perversa, que reciasse afrontar a vida, temendo sosobrar ás tentações mais abjectas e viciosas? Mas se assim não era, e acreditava-o, por mais indigna que se julgasse, não devia realmente responder á crueldade d'um destino injustissimo, purificando-se no sacrificio d'uma vida de trabalho, e na repressão das aspirações mais legitimas da

sua mocidade? Não seria esse o melhor meio de afirmar que o seu corpo se prostituira por uma embriaguez de momento, mas que a alma se lhe mantivera pura e intangível no lamaçal por que roçara?

Via agora bem o que lhe cumpria fazer. A palavra de seu padrao dissolvera-lhe todas as nevoas. Não a embarçavam duvidas, não tinha mais hesitações. E a acalmção que lhe produziu essa certeza, era por si mesmo a prova de que vira finalmente claro no seu futuro. Já não havia conventos, casas onde podesse ir sepultar a recordação dos sentimentos e desejos mundanos, que a tinham perdido. Melhor ainda. Dedicar-se-hia a ensinar creanças. Na sua purificação, seria util a alguém, e de mais, livre no mundo, sujeita a embates e tentações, realçaria, melhor do que n'um convento, a austeridade do seu viver e daria a prova absoluta de quanto era sincera a pureza dos seus propositos.

Tudo isto lhe passou rapidamente pelo cerebro. Gostava o primeiro momento de tranquillidade depois de tantas horas de desesperada amargura. Olhou novamente para o conselheiro e disse-lhe, tentando já um sorriso:

— «Sim, tem razão. Não devo succumbir. Prometto-lhe que serei forte.»

Mas elle não a quiz acreditar. Julgava que Manuela o tentava illudir e por isso replicou:

— «Não quero duvidar do que me dizes. Preciso porém ficar socegado de todo. Jura-me pelas tuas crenças que não alimentas no pensamento nenhuma ideia sinistra.»

Manuela voltou-se para o oratorio onde resplandecia a Virgem. O sol, abrazado n'um ultimo reverberio, enviava os derradeiros raios. O rosto da imagem estava purpureado. Parecia de pessoa viva. As crenças de Manuela perante essa visão, que lhe pareceu sobrenatural, vibraram, como vibram as cordas d'uma harpa, desferida por mão nervosa. Ajoelhou, e depois de resar uma prece muito demorada, com os olhos extaticos e os labios muito brancos, n'uma tremura apressada, como o bater das azas d'uma ave anciosa de liberdade, exclamou:

— «Juro pelo amor que te tenho oh! Virgem! que não mais pecarei. Protege-me com a tua divina e illimitada misericordia; ampara-me no caminho agreste, que vou trilhar.»

O espirito do conselheiro sentiu um grande refrigerio ao ouvir aquellas palavras. Ellas davam-lhe finalmente a certeza de que vencera; espancavam a duvida cruel que acabára de o alancear. Não comprehendeu, porém, de todo a prece que Manuela dirigira á divindade. Que caminho era esse para que ella implorava, com tanta afflicção, o amparo da mãe do Creador? Para penetrar todo o pensamento da sua enteada, disse-lhe:

— «Não lhe será difficil ouvir-te. Aqui, n'esta casa, continuarás a ser o anjo tutelar da minha velhice.»

— «Aqui, n'esta casa, não,» replicou ella quasi com aspereza.

— «Que dizes tu?»

— «Digo-lhe, meu pae,» respondeu Manuela mais serenada, «que, resolvendo-me a viver, o faço sobretudo na esperança d'uma reabilitação perante a minha propria consciencia. A minha falta dilacera-me como um espinho. E' preciso que me penitencieie para me redimir. E não será, n'esta casa, cercada dos maiores carinhos, vivendo do seu amor, tão dedicado e generoso, que poderei cumprir a missão que as circumstancias me impõem.»

— «Que tencionas então fazer?»

— «Aproveitar-me ainda dos seus beneficios. Educou-me a alma e fez com que me educassem a intelligencia. Posso seguir a vida de professora. Consagrar-me-hei ás creanças. A amarga experiencia d'este ultimo mez, dá-me auctoridade sufficiente para lhes dizer que só o dever e a honra conduzem á felicidade,» e nos labios desenhava-se-lhe um sorriso muito triste ao proferir estas ultimas palavras.

— «Mas não vêes que isso é uma loucura? Quando nenhum conforto aqui te faltaria, queres ir sujeitar-te a uma vida de obediencia!»

— «Por isso mesmo é que eu a escolho. Minha mãe tambem trabalhou. Foi depois d'uma lucta cruenta que ella se julgou purificada.»

— «Faça-se a tua vontade. Tens coragem para sahi-

res da casa onde te creaste, onde todos te mostraram sempre tanto affecto?...»

— «E' mesmo por causa d'esta casa que sou obrigada a abraçar a minha ideia. Lembre-se, meu pae, que não ha aqui um canto que não me recorde o desvairamento de que fui victima e que d'um modo tão cruel tenho pago já. Estou prompta para trabalhar, para provar, na honestidade dos meus actos, no escrupulo do meu proceder, que não estou prostituida de sentimentos. Mas não queira exigir de mim o supplicio de ver as tristes recordações do meu espirito mais excitadas ainda, a cada instante, á vista do scenario onde pequeei, onde me esqueci do que devia á sua honra. Peço-lh'o por piedade.»

O conselheiro ficou pensativo. Passéava pelo quarto a passos cadenciados e interrompidos a miudo. Parou por fim, dizendo como para si mesmo:

— «E' o meu egoismo que fala, bem o sei. Mas custa-me tanto a ideia de nos separarmos!»

Manuela tornou a abraçar-o e, olhando o com a maior meiguice, disse-lhe:

— «Deixe-me fazer esta vontade. Não me roube as forças de que careço para me ausentar d'aqui. E' uma expiação necessaria, mas não será eterna. Mais tarde, quando tudo isto tiver passado, e eu me achar mais socegada, se Deus, na sua graça, assim m'o conceder, quando eu mesma, em face da minha razão, reconhecer que nenhum perigo tenho em voltar e que me sacrifiquei quanto se me podia exigir para resgatar o meu erro, viveremos de novo juntos, reataremos a vida feliz d'out'ora.»

— «Nem já te lembras que estás falando com um velho. E os meus achaques, minha filha? Será a Josepha que tractará d'elles?»

— «Se alguma vez adoecer nada me deterá. Virei de joelhos, esteja onde estiver, para lhe pagar em carinhos e disvelos tudo o que lhe devo.» Abraçaram se mais uma vez. O conselheiro beijava-lhe a testa n'uma commoção, que não podia reprimir, e limpava, n'um gesto inconsciente, as lagrimas que lhe deslisavam, silenciosamente, pelas faces enrugadas. Manuela sorria-lhe n'uma doce caricia, levando a mão d'elle aos seus labios. Invadia-a um enternecimento consolador, que lhe fazia arfar o peito n'uma palpitação muito suave. Passára o perigo que lhe incutira um terror quasi sobrenatural. Para o seu espirito dorido raiára afinal o primeiro raio de sol. Sol d'outomno talvez, ainda peneirado da chuva agreste que cahira antes, mas em todo o caso sol.

E quando a Josepha, já farta de esperar e assustada com uma demora tão anormal, assomou á porta para saber se n'aquelle dia não queriam jantar, o conselheiro chamou-a tambem para junto dos dois, com grande espanto da pobre velha, que não sabia se estava sonhando, e disse-lhe, com os olhos ainda marejados de lagrimas:

— «Não sabes Josepha, a menina vae-nos deixar! Aqui ficaremos sós, vivendo da saudade dos que nos faltam.»

— «E para onde, para onde vae a menina?» perguntou ella contrahindo n'uma amargura intensa o seu rosto habitualmente alegre.

— «Não te apoquentes, minha boa Josepha,» respondeu Manuela, «eu voltarei depois e ainda seremos muito felizes.» E, ao mesmo tempo, beijava-lhe os cabellos brancos, acreditando, n'esse momento, que era sua mãe que lhe apparecera, que era a ella que beijava envelhecida pela longa ausencia na gelidez do tumulo.

Não foi difficil a Manuela conseguir o que desejava. Em poucos dias soube que uma familia muito respeitavel da Beira Alta procurava professora para duas meninas de nove e sete annos e para um rapazito de seis. Aceitou as condições offercidas. E para lá partiu, com o coração ainda ferido, dominada por uma melancolia profunda, mas resignada, experimentando um aguçante desejo de iniciar o novo periodo da sua vida, de trabalhar como as mais desvalidas da fortuna e de encontrar alli o olvido de todas as torturas passadas, o apaziguamento de todos os anceios, que ainda, um momento ou outro, a vinham perturbar e encher de inquietações.»

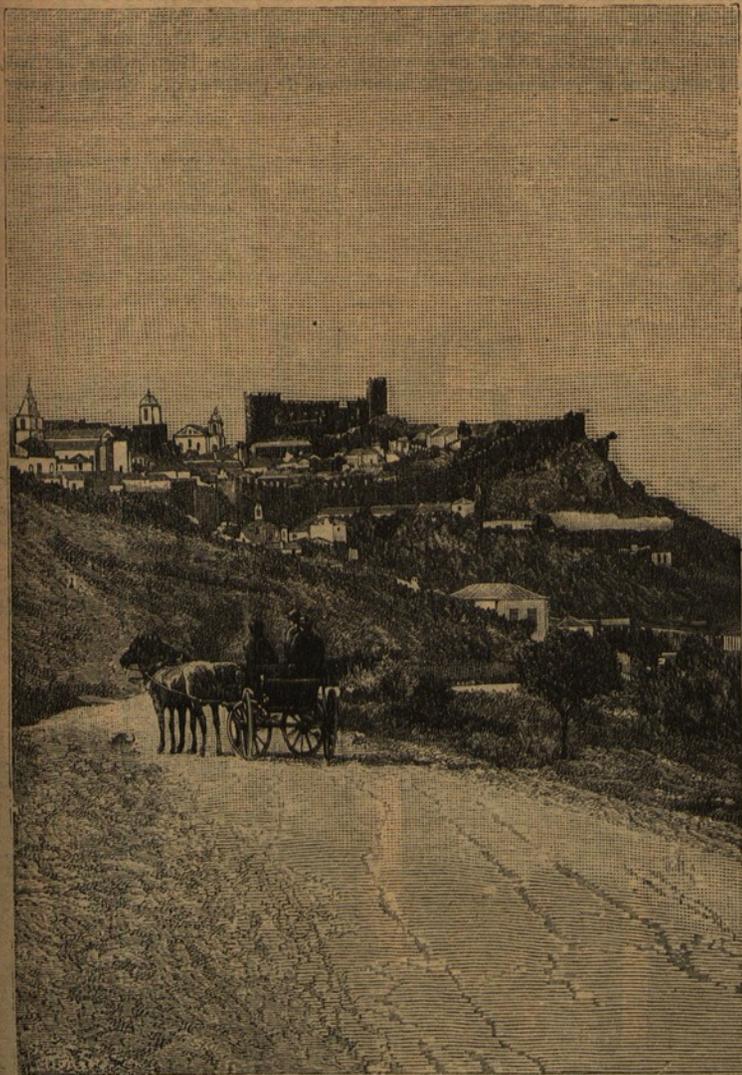


AO SOL, quadro de Emile Flick

VIAGENS NO PAIZ

(XIX)

OBIDOS



VILLA D'OBIDOS

RESTABELEÇAM sobre os alicerces que ainda existem alguns dos velhos edificios arrasados pelo tempo ou destruidos pelo grande terremoto de 1755; supprimam não mais de uma duzia de construcções d'este seculo; dêem ao que fica a ligeira restauração scenographica de alguns detalhes architectonicos; e, sem tocarem na disposição geral das ruas e no agrupamento das casas, aqui têm em Obidos, fielmente e integralmente resuscitado, um velho burgo portuguez de ha trescentos annos.

As pedras da calçada desconjunctada das suas cinco ruas são ainda por certo as do tempo de Santa Isabel ou da rainha Leonor.

O seu castello mourisco, reconstruido no tempo da dynastia affonsina e da dynastia de Aviz, tem ainda em pé todos os muros exteriores, e está quasi intacta a muralha dentada de ameias, cingindo a villa heroica, que por haver resistido ao assedio de Affonso III, então conde de Bolonha, permanecendo fiel a D. Sancho, como a cidade de Coimbra e a villa de Celorico, mereceu o titulo de *sempre leal*, com que ainda hoje se condecora.

Segundo a velha lenda da tomada de Obidos aos sarracenos por D. Affonso Henriques, foi a um estratagema do lidador Gonçalo Mendes da Maia que se deveu esta conquista. Enquanto Affonso I atacava a fortaleza preparando a escalada por um lado, pelo lado opposto Gonçalo da Maia, acompanhado de alguns homens de armas, encobertos pelos ramos de gingeiras decedadas para esta aventura, forçava a pequena porta, que d'ahi se ficou chamando *da traição*, e penetrava na praça.

Sem dar á lenda mais valor historico do que ella merece, não foi sem uma certa commoção que, olhando do alto do castello para a esplanada inculca, eu vi n'ella, como unica vegetação, tres gingeiras bravas.

Para aqui me guiou, atravez das estreitas, empinadas, torcidas, solitarias

ruas da villa, o capellão padre Antonio, meu illustrado *cicerone* e obsequioso amigo. A cada passo temos que passar em frente de uma janella ogival, de uma aldrava de porta ou de um espelho de fechadura, em arabescos de ferro do seculo XVI encimados pela cruz de Christo.

Arrimado á muralha pelo lado de fóra, junto de uma das portas, está o edificio da antiga gafaria, convertido hoje em habitação particular.

Dentro do torreão que defendia a porta do Valle, vê-se a capella que, em substituição do antigo nicho da Senhora da Graça, mandou edificar no principio do seculo passado o magistrado da India Bernardo da Palma, em cumprimento do voto feito por sua filha, morta aos vinte annos de idade, de paixão por um rapaz de Obidos. Bernardo da Palma oppoz-se ao casamento desigual planeado pela donzella, e esta pede-lhe ao expirar tísica, que levante á Senhora da Graça a capella que ella lhe promettera, se a justiça não perseguisse o seu noivo.

Para chegar ao alto da fortaleza, tivemos em alguns pontos de trepar agatanhados ao muro; mas acho-me bem pago, com o quadro que tenho em frente de mim, do trabalho que me deu subir.

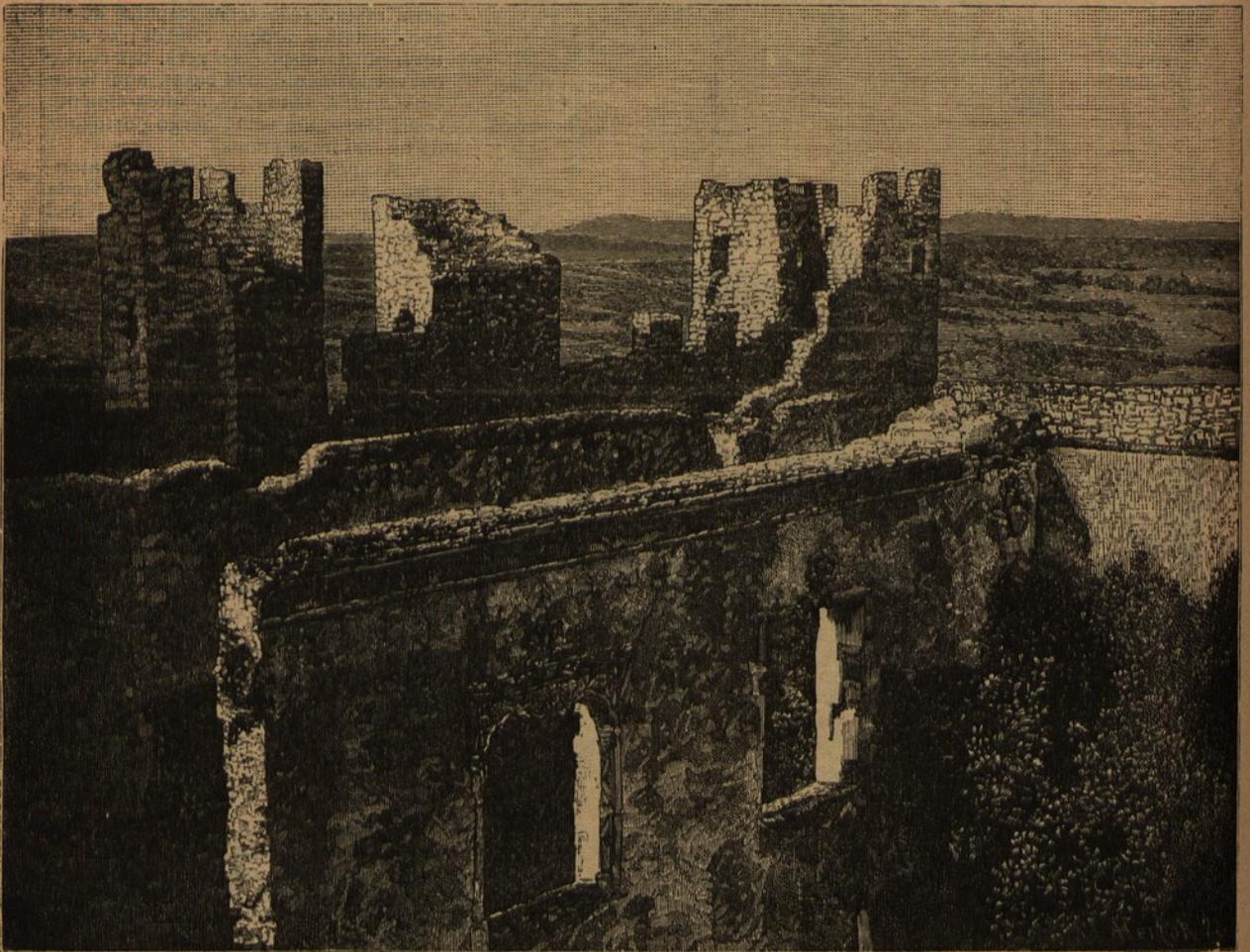
A muralha descreve um triangulo isosceles, de cuja base se levanta o castello em um de cujos mais altos torreões eu me acho.

No bico do triangulo em frente, voltado ao sul, ergue-se a *torre vedra*, com uma das portas da villa. Da campina de extra-muros destacam-se para esse lado algumas velhas aldeias: a Roliça, memoravel pela derrota que ahi teve o exercito francez em 1808; a da Gorda, o Pinhal, a Columbeira, nome evidentemente derivado do latim *Columbarium*, e ao fundo, fechando o horisonte, a Cesareda, onde recentes excavações têm descoberto medalhas e moedas romanas, mosaicos de pavimentos, e o bracelete de centurião, em ouro massiço, pertencente, creio eu, á collecção do rei D. Fernando.

Para o nascente alonga-se, por cima de pomares, a arcada do grande aqueducto da rainha Catharina, mulher de D. João III.

Ao poente estende-se a antiga veiga de Obidos, chamada *Varzea da Rainha* desde que, em troca do aqueducto, a villa cedeu estes terrenos a Catharina d'Austria, que d'elles cobrava fóros e terços. A varzea, em que correm tres rios, que desaguam na Lagôa, foi ha tempos vendida ao proprietario das Caldas Sr. Faustino da Gama, o qual me dizem havel a pago em papeis publicos pela modesta somma de meia duzia de contos de réis.

No quadrante norte vêem-se S. Martinho do Porto, as Caldas, a freguezia de S. Gregorio, a Fanadia, celebre pelo seu pão de ló, e emfim a Lagôa, que eu vi hontem em cheio *à vol d'oiseau*, do alto do moinho do tio Joaquim Real, na Foz de Arêlho, e mal reconheço d'aqui, tão pequena me parece agora essa abençoada lagôa, tão esquecida, tão despremiada, tão bella! Explorada por bateiras e por aparelhos de pesca de uma ingenuidade quasi prehistorica, ella contiua a fornecer com uma liberalidade illimitada os melhores camarões do mundo, perseves e berbigões, que ficam falados por muito tempo entre quem os come uma vez, e enguias e linguadões, com que abastece as Caldas todo o inverno, durante as temporadas em que não vão ao mar os pescadores de S. Martinho e da Nazareth. Ate D. João V, lá fãam os reis de quando em quando, comer caldeiradas e caçar patos. Bem perto, alli nas Gaieiras, morreu de uma colica o infante D. Francisco. E ha lapides commemorativas de jantares que vieram comer



RUINAS DO CASTELLO D'OBIDOS

a estes sitios D. João IV, D. João V e D. José. Mas de D. João V para cá as lagôas cahiram de moda. D. Pedro V foi o unico que ainda aqui veiu alguma vez, como ia para a lagôa d'El-Rei, ao pé de Cezimbra, sem estado, n'uma humildade de artista, matar á bala os gansos bravos.

Além das egrejas das freguezias que nomeei, avisto ainda em torno de Obidos, o Senhor da Pedra, as Terceiras, a Senhora do Carmo e S. João de Mocharro.

Dentro dos muros com a torre do Facho e as portas da Villa, do Valle, da Cêrca e da Talhada, é facil reconstruir sobre os vestigios ainda existentes toda a vida historica da villa nos seculos xv e xvi.

Perto do castello acham-se as ruinas do convento das donas de Santarem, transformadas em *merceeiras* pela rainha D. Leonor, fundadora do instituto e do edificio. Está ainda em pé a porta do celleiro chamado o *celleiro da rainha*. Pinho Leal confunde esta porta com a das proprias casas de D. Leonor, que eram na quinta das Flôres, fóra do muro, e do outro lado da moderna estrada real.

Chorando aqui a morte de seu unico filho, morto em Santarem da queda de um cavallo, a rainha viria frequentemente ao convento das merceeiras. Foi indo de Obidos á Nazareth, em cumprimento de um voto, que D. Leonor, vendo uns herpeticos banharem-se n'uma poça de agua sulfurea, resolveu fundar n'esse logar o estabelecimento dos banhos e o hospital das Caldas. A léste do castello está a rua da Mouraria e da Judiaria, com a casa que substituiu a Sinagoga.

Na praça ha um elegante pelourinho do tempo de D. João II, tendo no escudo a rêde de pesca que D. Leonor

deu por armas á villa, em memoria d'aquella em que alguns pescadores do Ribatejo lhe trouxeram o cadaver do principe D. Affonso.

Existe ainda a egreja de Santa Maria, matriz de Obidos, anterior á monarchia, e successivamente goda e mourisca, antes de ser latina. E igualmente existem a antiga collegiada de Sant'Iago, sujeita ao convento de Val-Bem-feito, e a de S. Pedro do XIV seculo.

Em uma d'essas egrejas — creio que na de S. Pedro — vi o tumulo de D. Fernando de Noronha e de sua mulher, um dos mais bellos specimens de esculptura em marmore do estylo da Renascença. Em torno do castello ha, n'um velho muro, uma linda janella manuelina, entre ruinas de casas nobres, provavelmente habitadas pelos alcaides da villa.

Entre os interessantes manuscriptos da collecção do padre Antonio, que este me permite folhear, encontro a relação completa d'estes alcaides, e traslado á pressa no meu caderno alguns nomes : o que, por fidelidade a D. Sancho, recusou entregar as chaves do castello ao conde de Bolonha D. Affonso III, foi Fernando Ouriques de Aboim, 3.º alcaide de Obidos. O primeiro foi D. Ourigo de Nourega, fundador da casa dos Aboins. O quarto alcaide Ruy Nunes de Aboim, *muito privado do rei D. Diniz e ouvidor de sua casa*, foi o fundador da capella de S. Lourenço, na egreja de Santa Maria. Aos Aboins seguem-se os Noronhas. Com relação ao anno de 1383, leio no manuscripto, copiado dos registos da camara, a seguinte indicação : «N'este anno foi posto por alcaide de Obidos, por D. João de Castella, Vasco Pires de Camões, terceiro avô de Luiz de Camões.»

Sob a dominação hispanhola foi elevada a villa ao titulo de condado por Philippe IV sendo primeiro conde o alcaide-mór D. Vasco de Mascarenhas. Esta mercê foi confirmada na familia dos Mascarenhas por D. Affonso VI.

Entre as personagens illustres da villa de Obidos contam se a pintora Josepha Ayala, geralmente conhecida por Josepha de Obidos, e os dois Malhões : o poeta do seculo passado Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, e seu filho o prégador celebre Francisco Raphael da Silveira Malhão, que José Estevão applaudiu com bravos e com palmas em plena egreja, ao ouvil-o prégár pela primeira vez na festa da Nazareth.

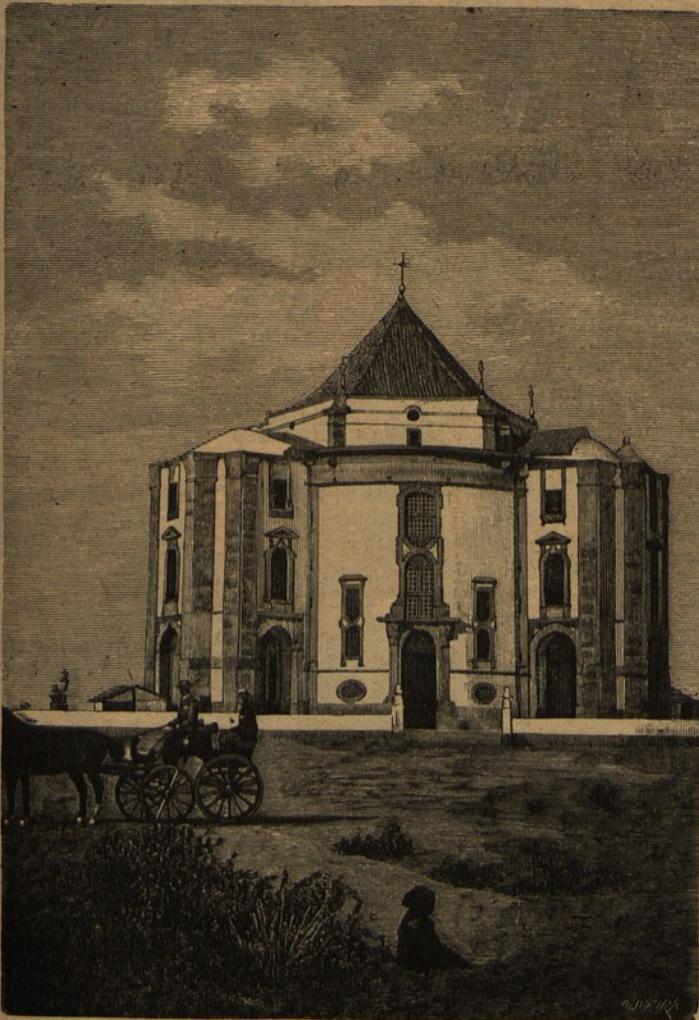
Josepha d'Obidos, nascida em Sevilha, mas filha de Balthazar Gomes Figueira, natural de Obidos, para onde ella veio na idade de seis annos, logo depois de aclamado D. João IV, pintou numerosos quadros, alguns dos quaes se conservam aqui, na egreja de S. Pedro. Vi-os com pouca luz, mas não me pareceram superiores á media na obra mais consideravel em numero que em qualidade d'esta sympathica e infatigavel artista, que até aos cincoenta annos de idade em que falleceu, desenhou, gravou, pintou, em tela e em cobre, flôres, fructos, naturezas mortas, retratos, assumptos historicos, disseminados pelas casas dos seus amigos em Obidos, por muitas sacristias e egrejas, e pelas galerias publicas e particulares. A melhor das suas obras parece-me ser, como notou Raczyński, o lindo cordeirinho rodeado de flôres, que existe na bibliotheca de Evora. Josepha está sepultada na egreja de S. Pedro.

Atravessando a villa para me vir embora, e acabando de sahir da alpendrada da praça onde o padre Malhão costumava vir no inverno meditar ao sol embuçado no que elle chamava as suas *seis varas de briche*, encontrei n'uma d'essas ruas estreitas e pedregosas, de predios fechados de cima abaixo, e tão silenciosos como se estivessem deshabitados, um ébrio em mangas de camisa, cambaleando nas lages e atrancando a rua com os seus largos gestos rompantes, incoherentes e pesados. Esse homem berrava :

— Eu sou o sobrinho do Malhão . . . sou o sobrinho do Malhão ! . . .
E a sua voz, espessa mas retumbante e convicta, enchia os echos do melancolico e solitario burgo, com uma sonoridade cava e austera de catacumba.
Como todo o passado glorioso e cavalheiresco da acastellada villa de Obidos, a seiva intellectual que deu o talento dos Malhões ahi está esterilizada e extincta no cerebro d'esse pobre bebedor ! E todavia, n'este grito automatico, lugubrememente repetido como um *memento homo* — Eu sou o sobrinho do Malhão — ha como um resto de culto, inconsciente mas tocante, á gloria litteraria. O sobrinho de Malhão é uma ruina deshonrada pelo desprezo, como a do castello de Obidos ; e no entanto alguma cousa mysteriosa e prophetica no intimo do espirito devastado d'esse homem lhe diz que, aparentado d'aquelles que pela obra da arte contribuíram algum tanto para ennobrecer a intelligencia da sua especie, elle é ainda *alguem* n'este mundo.

E em nome das velhas letras portuguezas, ao deixar Obidos pelo mais saudoso fim de uma bella tarde de verão, eu tirei o meu chapéu ao ultimo dos Malhões.

E em nome das velhas letras portuguezas, ao deixar Obidos pelo mais saudoso fim de uma bella tarde de verão, eu tirei o meu chapéu ao ultimo dos Malhões.



EGREJA DO SENHOR DA PEDRA

(entre Obidos e as Caldas da Rainha)



MANHA DE PRIMAVERA

O PRESENTE DO GENERAL

(BALLADA RUSSA)

I

— Escuta, disse Tecla ao valente official, escuta o vento dos mares; é elle que faz torvelinhar por cima das flores do campo a neve odorifera das macieiras; é elle tambem que trará o teu grande navio negro, quando, vencedor, tu voltares, vergando ao peso das bandeiras conquistadas...

— Escuta, disse Miguel á pobre Tecla, escuta a harmoniosa canção do vento d'inverno; é elle que leva ás nuvens o grande hossanna dos sinos; é elle tambem que te trará a triste noticia da minha morte... Eu cahirei, como um valente, fica certa d'isso, pensando na minha doce Tecla...

E o vento soprava com violencia, e os dois corações choravam docemente.

II

Uma miragem d'armas deslumbrantes, de bandeiras fluctuando e de heroes...

As tendas enfunam-se ao vento da esperanza, e dirse-hia que a propria brisa murmura algum hymno de gloria...

Os olhos lançam chispas e, dos exercitos que se entrechocam, sóbe para o Tzar o cantico dos batalhões vencedores...

Miguel benze-se com os copos da sua espada. «Viva o Tzar!» canta Miguel, e o seu cavallo galopa para os canhões, que abrem as suas guellas de bronze para cantar as arias do triumpho. «Hurrah! clamam os batalhões. — Viva o Tzar!...»

III

Os turcos vão ser vencidos... e Miguel é já o general Agenoff.

E, ao lado dos canhões ouvem-se gânicos de agonisantes.

— Hurrah! diz o general, curvando-se sobre as crinas do seu cavallo — Hurrah! As aves de rapina nada podem contra as feridas sangrentas...

O general estremece, mas fica firme na sella; a sua mão cortada cae...

— Viva o Tzar! diz o general Agenoff...

Com a sua mão válida, o general pega na mão cortada; chama o seu creado, Yvon Ladwinski: «Aqui tens, diz elle, manda-a embalsamar, e leva-a, n'um bouquet de rosas, a Tecla Badskine, de Moscow, a mulher que eu amo...»

— Viva o Tzar! diz Miguel desafiando a morte. O seu gladio está em pedaços. Com os labios tremulos, Miguel atravessa o esquadrão; ao longe as armas luzem como lagos incandescentes.

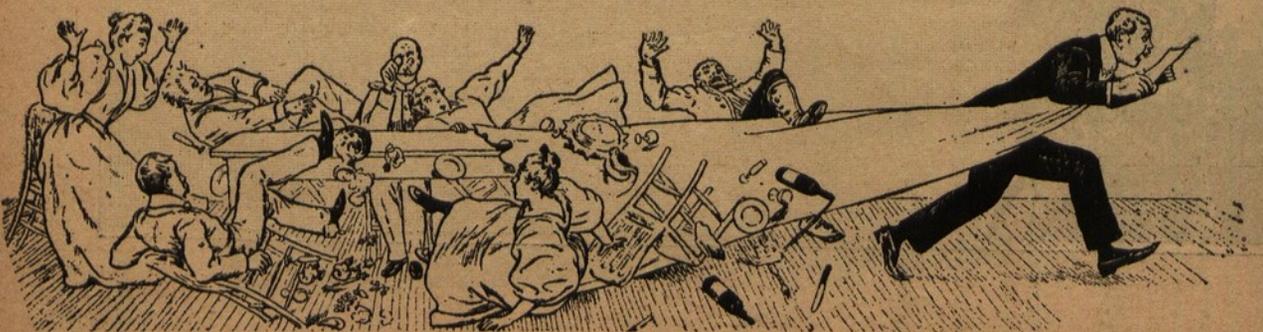
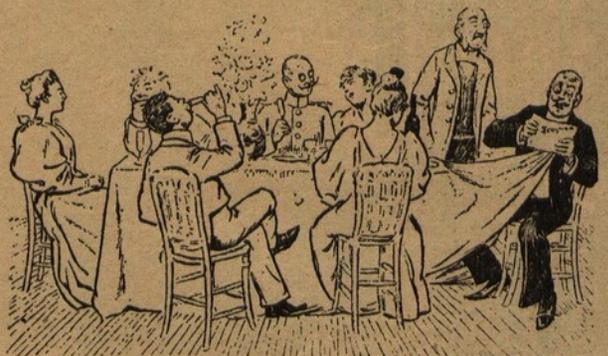
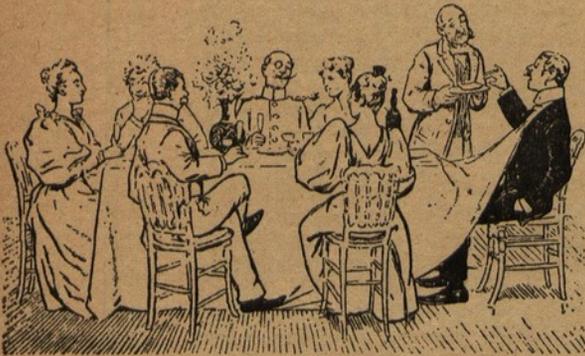
Vencidos! Os turcos triumpharam... Hurrah! clama ainda o bravo general; depois agita a sua espada e cae junto do canhão...

Os ventos gemem sobre o mar... As ondas de espuma são como grandes lagrimas, em que a brisa se engolpha, carpindo...

Em Moscow, uma canção plangente penetra em todos os lares; é o grande vento da derrota.

Tecla, Tecla, Miguel morreu!...

UM TELEGRAMMA URGENTE





VOZ AMIGA

(A Maria Virginia da Conceição)

Ah! tens, minha prima, estes versos singellos. Que elles possam descansar sobre o teu regaço, recebendo o baptismo das tuas lagrimas.

Eis que depois de tantos annos,
Cheio de magua e desenganos
Volto hoje ao sitio onde cresci.
Crava-me a dor no intimo as unhas,
E eu choro, emfim, sem testemunhas!...
— Bem te vi!

Porém que voz amiga escuto?...
— Oh! collo de ouro e bico arguto,
Oh! companheiro, tu aqui?!
Pois que não minta, alma indiscreta,
A bocca amarga do poeta.
— Bem te vi!

Eramos nós duas creanças:
Andava eu preso ás suas tranças
Como á phalena um Colibri;
Beijos de amor, de outros em troca,
Quantos eu dava em sua bocca!...
— Bem te vi!

Mas tudo passa e o tempo muda
Ella era jambo e era carnuda,
Meiga e nervosa jurity:
Preso me tinha em doces laços,
Ora em seu collo, ora em seus braços
— Bem te vi!

Hoje talvez que o seu cabello
Não tenha brilho; e tenha gelo,
Em vez de treva e bogari;
Ah! quanta vez d'esta janella
Eu contemplei o céo, com ella!...
— Bem te vi!

N'este portal rezámos juntos
Pela alma eterna dos defuntos,
Ao bater do Angelus, alli
N'aquelle esguio campanario,
Hoje em ruina e solitario.
— Bem te vi!

Um dia então (era preciso
Fazer-me gente e ter juizo)
Banhado em lagrimas parti!
Foi muito triste o desenlace,
Quando, a chorar, beijei-lhe a face...
— Bem te vi!

Foi sob esta arvore copada,
De flôres alvas na ramada,
Onde a minh'alma á sua abri;
Era n'esta arvore o balanço
Das horas calmas de descanso...
— Bem te vi!

O que era o amor ninguem nos disse,
Mas tal promessa e tal meiguice
N'aquelles olhos eu senti,
Que fiquei, passaro ferido,
Em seu regaço adormecido...
— Bem te vi!

Pelos occasos de Dezembro
Leques de fogo, ainda me lembro!
Flôr de topazio e de rubi,
Dadas as mãos, ninguem nos via
Seguindo o atalho, ao fim do dia.
— Bem te vi!

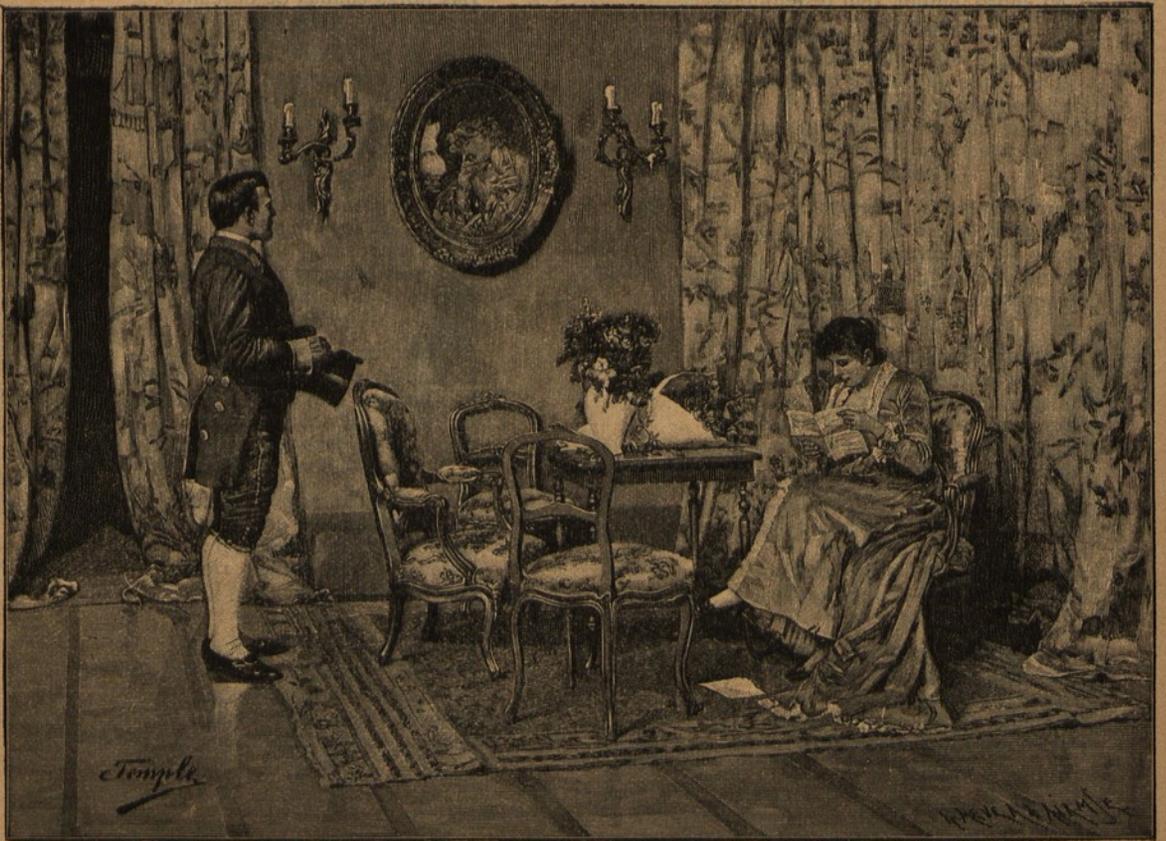
Era este mesmo o campo verde,
Mesmo o vergel, que além se perde,
E o laranjal que em flôr sorri...
Os nossos pés corriam tudo,
Como se o chão fosse velludo.
— Bem te vi!

Ou pelo valle ou pelo monte,
Eu lia um poema em sua frente,
Como nos livros nunca li;
Aldeães, então, diziam, rindo,
Que não havia par mais lindo...
— Bem te vi!

Tenho de tudo uma saudade!
Ah! foi com ella, n'esta herdade,
Que doce vida e paz fruí;
Ella era a flôr d'estes rochedos,
— Pedra tumbal dos meus segredos...
— Bem te vi!



O MENTIROSO



A CARTA DE PARABENS

HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O BARBA-AZUL

ERA uma vez um homem que tinha magnificas casas no campo e na cidade, baixellas de ouro e prata, moveis de luxo e coches dourados; mas por infelicidade este homem tinha a barba azul; isto tornava-o tão feio e tão terrivel que não havia velha nem moça que não fugisse ao vê-lo. Uma das suas visinhas, dama da alta roda, tinha duas filhas mui lindas. Barba-Azul pediu-lhe uma em casamento, deixando-lhe a ella escolher a que lhe quizesse dar. Nenhuma d'ellas o queria e recambiavam-no uma para a outra, não podendo resolver se a aceitar por marido um homem de barba azul. O que ainda as desgostava mais era ter elle desposado varias mulheres e não se saber o que tinha sido feito d'ellas.

O Barba-Azul para travar conhecimento conduziu-as, com a mãe e três ou quatro das suas melhores amigas e algumas pessoas da vizinhança, a uma das suas casas de campo, onde se demoraram oito dias inteiros. Eram passeios, caçadas e pescarias, danças e festins, refeições; não se dormia e passava-se a noite a fazer partidas uns aos outros; finalmentê, tudo corria tão bem que a mais moça começou a encontrar no dono da casa que elle não tinha barba tão azul como se julgava e que era um honrado homem.

Quando regressou á cidade, o casamento realisou-se. Ao fim de um mez, Barba-Azul disse á mulher que era obrigado a fazer uma viagem pela provincia, de seis semanas, pelo menos, para um negocio de importancia; pediu-lhe que se divertisse na sua ausencia, que fizesse visitas ás suas boas amigas, que as conduzisse ao campo se quizesse, que fosse para onde lhe aprouvesse.

— Aqui estão, lhe disse elle, as chaves dos dois grandes guarda-moveis, eis a da baixella de ouro e prata, que não serve para todos os dias; a das minhas caixas-fortes em que está o meu ouro e a minha prata, a dos meus cofres em que estão as pedrarias e eis a que serve para todas as portas. Esta chave mais pequena é a do gabinete ao fim da grande galeria dos aposentos inferiores; abre tudo, mas prohibo-te de que abras esta porta, porque se chegas a penetrar n'esse quarto, ninguém te protegerá da minha colera.

Ella prometteu-lhe observar exactamente tudo quanto acabava de lhe ser ordenado, e elle depois de a abraçar muito, mettu-se no seu coche e partiu para a sua viagem. As visinhas e as boas amigas não esperavam que as mandassem buscar para irem a casa da recém-casada, tal era a impaciencia em que estavam por irem vêr as riquezas da sua casa, não ousando ir na presença do marido por causa da sua barba-azul que tanto terror lhes infundia.

Ei-las, logo, percorrendo os quartos, os gabinetes, os guarda-vestidos tão bellos uns como outros. Subiram em seguida ao guarda-moveis onde se não cançavam de admirar o numero e a belleza das tapeçarias, dos leitos, dos sophás, das jardineiras, das mezas e dos espelhos em que a gente se via dos pés até á cabeça e cujos ornatos uns de vidros, outros de prata e ouro, eram os mais magnificentes que jámais se viram; não cessavam de exaggerar e de invejar a felicidade da sua amiga, que, no entretanto não se alegrava em vêr todas essas riquezas pela impaciencia em que estava de ir abrir a porta do quarto inferior. De tal maneira foi tomada da sua curiosidade que, sem pensar que passava por malcreada, por abandonar as visitas, desceu por uma escada falsa e com tanta precipitação que julgou ter-se ferido tres ou quatro vezes. Chegada que foi á porta do gabinete, parou um momento pensando na prohibição que seu marido lhe fizera, considerando que podia acontecer-lhe alguma infelicidade por lhe ter desobedecido; mas a tentação era tão superior a ella que não pôde domá-la: pegou na chavinha e abriu, tremendo, a porta do gabinete. Primeiramente nada viu por estarem as janellas fechadas; depois de alguns momentos, começou a vêr que o sobrado estava todo coberto de sangue coalhado, no qual se viam os corpos de muitas mulheres mortas e presas ao longo das paredes: eram todas as mulheres que Barba-Azul tinha desposado e que depois degolara uma apoz outra. Julgou morrer de terror; e a chave do gabinete, que acabava de tirar da fechadura, cahira-lhe das mãos. Depois de ter voltado a si da sua surpresa pegou na chave, fechou a porta e subiu ao quarto para se refazer, mas não o poudo conseguir, tão commovida estava. Tendo notado que a chave do gabinete estava manchada, limpou-a duas ou tres vezes, mas o sangue não desaparecia; fartou-se de a lavar e mesmo de a esfregar com areia e grés e ficava sempre o sangue, porque a chave era fadada e não havia meio de a limpar logo: quando se tirava o sangue d'um lado, voltava do outro. Barba-Azul voltou n'essa mesma tarde da sua viagem e disse que tinha recebido cartas no caminho, em que lhe diziam que o negocio para que partira tinha terminado com vantagem sua. Sua mulher fez tudo o que poudo para testemunhar que estava deseiosa pelo seu prompto regresso. No dia seguinte, Barba-Azul pediu-lhe as chaves e ella deu-lhas com mão tão tremula que elle advinhou logo o que se passava, sem trabalho algum.

— Porque é que, perguntou-lhe, a chave do gabinete não vem junta com estas?

— Deixei-a lá em cima na minha meza, respondeu ella.

— Não se esqueça de m'a restituir logo, disse Barba-Azul.

Depois de muitas delongas, foi buscar a chave.

— Porque é que tem sangue esta chave?

— Não sei, respondeu a pobre mulher, mais pallida que a morte.

— Não sabe? retorquiu Barba-Azul, pois sei eu. A senhora quiz entrar no gabinete. Pois então, minha senhora, tambem ha de entrar no gabinete, onde irá tomar o seu lugar, junto das damas que lá viu.

Lançou-se aos pés do marido, chorando e pedindo-lhe perdão, com todos os signaes de verdadeiro arrependimento de lhe não ter obedecido. Enterneceria um rochedo, bella e afflicta como estava, mas Barba-Azul tinha o coração mais duro do que um rochedo.

— E' preciso morrer, senhora, lhe disse, e immediatamente.

— Pois se é preciso morrer, respondeu ella, olhando-o com os olhos banhados de lagrimas, conceda-me tempo para fazer as minhas orações.

— Dou-lhe meio quarto de hora, retorquiu Barba-Azul, nem mais um momento.

Quando ella se achou só, chamou a irmã e disse-lhe:

— Minha irmã Anna, porque ella tinha este nome, sobe, peço-te, ao alto da torre para vêr se meus irmãos veem; elles prometteram me que vinham visitar-me hoje e, se os vires, faz-lhes signal para que se apressem.

Anna subiu para o alto da torre e a pobre afflicta gritava-lhe, de tempos a tempos:

— «Anna, minha irmã Anna, não os vês vir?»

E a irmã respondia-lhe:

— «Só vejo o brilho do sol e o verde da herva.»

Entretanto, Barba-Azul, com um cutello na mão, gritava com toda a força:

— Desce depressa ou eu vou lá acima!

— Só um momento, por piedade, respondia-lhe a mulher.

E logo ella dizia baixinho:

— «Anna, minha irmã Anna, não os vês vir?»

Anna respondia :

— «Só vejo o brilho do sol e o verde da herva.»

— Desce depressa, gritava Barba-Azul, ou subo lá acima.

— Já vou, respondeu a mulher e depois gritou :

— «Anna, minha irmã Anna, não vês vir ninguém ?»

— Vejo, respondeu Anna, uma grande poeirada que vem d'este lado !

— São meus irmãos ?

— Ah ! não, minha irmã, é um rebanho de carneiros.

— Então, não desces ? gritava o Barba-Azul.

— Ainda um momento, respondia a mulher, e voltava a perguntar :

— «Anna, minha irmã Anna, não vês vir ninguém ?»

— Vejo, respondeu Anna, dois cavalleiros que veem d'aquelle lado, mas estão ainda muito longe.

— Deus seja louvado, gritou ella um momento depois, são meus irmãos.

— Faça-lhes os signaes que posso para que se apressem.

Barba-Azul gritou de tal fórma que todo o castello estremeceu. A pobre mulher desceu e foi lançar-se aos pés d'elle toda chorosa e toda desgrehada.

— Isso não lhe serve de nada, disse Barba-Azul, é preciso morrer !

Depois, agarrando-a, com uma das mãos, pelos cabellos e com a outra erguendo no ar o cutello, ia degolal-a.

A pobre mulher voltando-se para elle, e olhando-o com olhos mortiços, pediu lhe um momento para se recolher.

— Não, não, disse elle, recommenda-te bem a Deus ; e ergueu o braço... N'este momento, bateram tão fortemente á porta que Barba-Azul deteve-se espavorido. Abriu se a porta e viu se então dois cavalleiros que, de espada desembainhada, correram direitos a Barba-Azul. Reconheceu que eram os irmãos da mulher, um dragão, outro mosqueteiro, de sorte que quiz fugir para salvar-se ; mas os dois irmãos perseguiram n'ò de tão perto, que o conseguiram agarrar no momento em que ia descer a escadaria. Atravessaram-lhe o corpo com uma espada e deixaram-n'o morto. A pobre mulher estava quasi tão morta como o marido, não tendo forças para se levantar para abraçar os irmãos.

Viu-se que Barba-Azul não tinha herdeiros e que, portanto, a mulher era senhora de todas as riquezas. Empregou uma parte em casar Anna com um gentilhomem por quem era amada havia muito ; outra parte em comprar os logares de capitão para seus irmãos e o resto para ella se casar com um honrado homem que lhe fez esquecer os maus dias que tinha passado com Barba-Azul.

(Dos Contos de Fadas, de Charles Perrault)

(Trad.)

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

ESPERTEZA... DE RATO



1

Certo de ser muito amado
Elle vae todo lamecha
Com a sua bella ao lado
A dizer qualquer endeixa,
Já se vê, despreocupado !

E n'isto surgem da estrada
Tres piratas de uma cana
De pistola engatilhada :
— Desçam já da traquitana,
Se a vida querem poupada ! —



2

E feita esta intimação
Em tom bastante severo
Acham que é forte razão
E sem dizerem : — não quero —
Pozeram-se os tres no chão.

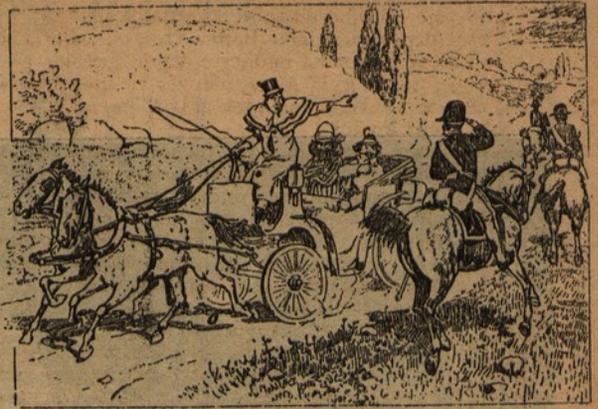
O cocheiro sem sentidos
Vae já despindo a farpe!la,
Os tres vão sendo despídos ;
Chora elle e chora ella
Aos safanões dos bandidos,



3

Não lhes vale o anjo da guarda
Em tamanhas afflicções,
Ella despe a saia parda,
Elle casaco e calções
E o cocheiro despe a farda !

Entretanto, os salteadores
Vestindo os fatos roubados,
Dizem, como bons senhores,
Adeus aos homens «passados»...
E á dama em trajas menores !



4

Põem-se os ladrões a andar
Depois d'aquella piada,
Passa a guarda a perguntar,
N'uma grande barretada,
Se os ladrões viram passar.

E como a policia acerta...
Dizem que sim os ladrões,
(Nem um só se desconcerta)
E baixo com seus botões :
— A policia é muito esperta ! —



5

E não tardou que a pericia
De quem traz ordens formaes
Lhes fizesse uma caricia...
Pois é sempre em modos taes
Muito prodiga a policia !

Todos tres de mãos erguidas
Pedem perdão de joelhos
E fazem juras seguidas
Mostrando até os artelhos...
Com risco das proprias vidas !



6

Mas a policia, contente,
Leva os tres sob custodia,
Dizem que é facto corrente
Ver-se ahi esta parodia :
Prender-se tal innocente !

Quanto aos que têm soffrido
Semelhante humilhação
Deverão ter aprendido
Com esta bôa lição
— Que um fato faz o bandido !

YAGO.

419



O DOMINGO EM FAMILIA

FERNANDES COSTA

O ANNO POLITICO

(1896)

Primeiro anno de publicação

Um volume de 420 paginas, brochado, 800 rs., encadernado, 1\$000 rs.
Pelo correio, mais 50 réis

O **Anno Politico** é o estudo minucioso, feito semana a semana, dos acontecimentos politicos mais salientes, que interessaram a sociedade portugueza, no periodo a que é referido.

Não é uma exposição noticiosa de factos; é uma coordenação systematica de idéas, relacionando os successos no mesmo corpo de doutrina, e apresentando-os nas dependencias mutuas, que forçosamente tem entre si.

O **Anno Politico**, surpreendendo os acontecimentos no momento em que surgem, pela ordem da sua successão, vae fazendo a historia palpitante e viva de um periodo social caracteristico, e acompanhando passo a passo a sua lenta e interessante evolução.

Escrepto com plena imparcialidade, sem nenhuma preocupação partidaria, sem pôr a mira em qualquer objectivo, que não seja o bem publico, O **Anno Politico** aprecia e pondera os factos segundo as intenções mais justas, reprehendendo-os ou louvando-os, quaesquer que sejam os seus responsaveis, mas nunca excluindo a cortezia da forma nem a correcção dos termos, nunca sacrificando á severidade, por maior que ella tenha de ser, o respeito e as atenções com as pessoas. E reciprocamente.

No meio da complexidade de phenomenos, cujo emmaranhado conjuncto constitue a crise geral, que o nosso paiz está atravessando, subdividida em uma multiplicidade de crises parciais, O **Anno Politico** procura abrir caminho, fazer luz, nortear os espiritos, de modo que todos possamos ter consciencia da verdadeira situação publica, e animo para congregar esforços, afim de se remediar o muito, o quasi tudo, que indubitavelmente tem remedio.

O **Anno Politico**, elaborado e deduzido sem prevenção de nenhuma especie, isto é, não querendo vêr as cousas nem melhor nem peor do que são, deixa transpirar das suas paginas, para quem o souber lêr, conclusões animadoras. Accusa, em verdade, imprevidencias e desacertos de homens, defeitos e fatalidades de temperamento e de raça; mas confia plenamente, e sabe e diz porque o faz, nos instinctos e nas virtudes d'esta, na sua tenacidade e no seu esforço, redivivos sempre ante as crises maximas, e tem consciencia de lhe estar reservada na historia, continuadora do passado inextinguivel, uma futura e grandiosa missão.

Por isso, O **Anno Politico** não se prende com a politica pequena de um Portugal pequeno, que pequenos portuguezes só vêem; O **Anno Politico** alarga as suas vistas, tanto quanto pôde, por mais vastos horisontes, e chama as atenções das almas portuguezas para a maior politica, que compete, por direito e por dever, a um Portugal maior.

Assim, n' **O Anno Politico** só se trata de politica verdadeira; de politica nacional e bem intencionada; de politica experimental e scientifica, propria de politicos e não de policantes. Ao mesmo tempo, politica prática, de possível applicação, de presupposto bom senso e parece-nos que de bom conselho.

O **Anno Politico** é um livro sincero, offerecido ás meditações, á observação, a critica e á consciencia de toda a sociedade portugueza.

Chama a atenção d'esta para a Politica; procura despertal-a da sua inercia, da sua culpada indifferença, interessal-a nas grandes preocupações publicas, lembrar-lhe os seus direitos e os seus deveres, avivar-lhe as virtudes civicas, convencel-a, enfim, a ella que é o povo, de que, sem educação politica, não é uma sociedade intelligente, uma sociedade civilisada, livre e soberana. E' um rebanho passivo, sempre á mercê de todos os exploradores e de todas as explorações.

INDICE

Introdução. — Revista geral politica do anno anterior.

Janeiro. — Terminação feliz da nossa guerra em Africa — Morte de João de Deus. — O poeta e o politico — Interpretação sociologica das homenagens a João de Deus — Regresso dos expedicionarios da Africa — Politica e festejos publicos.

Fevereiro. — Interesses politicos e recompensas militares — A expectativa nacional em materia politica — Horisontes turvos — A Imprensa e a Lei Nova — O passado do gabinete — Em volta da tribuna parlamentar.

Março. — Portuguezes na India e francezes em Portugal — A partilha d'Africa e os povos modernos — Chegada dos prisioneiros d'Africa — Colonias militares agricolas — Relatorios de fazenda e relatorios de campanha — Liquidações politicas — O livro do sr. conselheiro Fuschini.

Abril. — Herança politica e habilitação de herdeiros — As oito fórmulas da pilula ministerial — Impostos novos, crises permanentes e miserias antigas — Politica estrangeira e politica domestica.

Maió. — A novissima lei eleitoral — Aquillo que se chamou parlamento — Guilherme II e Mousinho d'Albuquerque — Marinha e assumptos correlativos — A colonisação do Alemtejo — El-rei D. Carlos, lavrador alemtejano — Marinha de guerra e exercito do ultramar — O Portugal maior.

Junho. — Nós e a França — Nós e a Inglaterra — Noções confusas de governo e desgoverno — O ultimo ataque — Não está tudo perdido — A volta da India — Imminencia de um partido tricephalo — Liquidações actuaes.

Julho. — Realidades e apparencias — Palavras a El-rei — A acção pessoal e constitucional do Poder Moderador.

Agosto. — Portugal e o parlamentarismo egypcio — A pasta da guerra e as reformas dos serviços militares.

Setembro. — Questões militares na ordem do dia — Influencias portuguezas na alma brazileira.

Outubro. — A crise politica e a sua razão de ser — Perspectivas eleitoraes, parlamentares e partidarias — O capitulo das interrogações politicas... sem resposta.

Novembro. — Quem nos deve governar — O paiz moderado — A formação dos partidos novos — Analyse da situação politica — Como sahir d'ella.

Dezembro. — O sophisma representativo — Um partido em busca de uma attitude — A Cuba hespanhola e as nossas futuras Cubas — Latinos e anglo-saxonios — O circulo do anno — Alegrias do começo e tristezas do fim — Conflictio luso-allemao — os grandes e os pequenos.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, LISBOA

JA ESTA A VENDA

O ALMANACH ENCYCLOPEDICO

PARA 1897

(2.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

DIRIGIDO E PEFACIADO POR

EÇA DE QUEIROZ

Este volume, consideravelmente melhor que o do 1.º anno, rivalisa, na abundancia de materias, na sua intelligente disposição, na concisão e clareza com que os assumptos são expostos, no resumo dos principaes successos e descobrimentos scientificos do anno de 1896, na grande somma de conhecimentos e de noções práticas que nos ensina, e finalmente na disposição typographica e nas illustrações, — com os melhores Almanachs que se publicam no estrangeiro: tendo sobre elles a grande superioridade do prologo, do delicioso prologo que EÇA DE QUEIROZ expressamente escreveu e que é uma encantadora obra prima, uma verdadeira maravilla litteraria como só o glorioso auctor do *Crime do Padre Amaro* poderia escrever.

Um volume de 400 paginas,
com muitas gravuras, broch., 500 rs., cart., 600 rs
Pelo correio mais 50 rs.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, Lisboa

GUILLARD, AILLAUD & C.ª

242—RUA AUREA, 1.º—LISBOA

A apparecer n'esta semana:

PARTINDO DA TERRA

POR

ANTHERO DE FIGUEIREDO

Um volume brochado, 700 réis

A' venda em todas as Livrarias

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA